UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DE
RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTROLADORIA E
CONTABILIDADE

LETÍCIA MARIA FALEIRO NASCIMENTO

O ensino contábil para empreendimentos econômicos solidários: um estudo na
Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ADRIANA MARIA PROCÓPIO DE ARAUJO

RIBEIRÃO PRETO
2016

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Dante Pinheiro Martinelli

Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto

Profa. Dra. Adriana Maria Procópio de Araujo

Chefe do Departamento de Contabilidade

LETÍCIA MARIA FALEIRO NASCIMENTO

O ensino contábil para empreendimentos econômicos solidários: um estudo na
Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências. Versão corrigida. A original encontra-se disponível no Serviço de Pós-Graduação da FEA-RP/USP.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ADRIANA MARIA PROCÓPIO DE ARAUJO.

RIBEIRÃO PRETO
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Nascimento, Letícia Maria Faleiro.

O ensino contábil para empreendimentos econômicos solidários: um estudo na incubadora social da Universidade Federal de Goiás. Ribeirão, 2016.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Orientador: Araujo, Adriana Maria Procópio de.

1. Autogestão. 2. Quase experimento. 3. Ensino e contabilidade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Letícia Maria Faleiro Nascimento

O ensino contábil para empreendimentos econômicos solidários: um estudo na Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Controladoria e Contabilidade

Aprovada em: 08/04/2016

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Instituição: FEARP/USP

Julgamento:

Assinatura: _____

Prof. Dr. Moisés Ferreira da Cunha

Instituição: FACE/UFG

Julgamento:

Assinatura: _____

Prof. Dra. Silvia Pereira de Castro Casa Nova

Instituição: FEA/USP

Julgamento:

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por incentivar e apoiar os meus estudos desde sempre. Aos meus irmãos, afilhados, cunhado e cunhada pelo carinho e cuidado que dedicam à mim. Aos demais familiares por demonstrarem afeto todas às vezes que volto pra casa.

Aos amigos do Goiásss que fazem uma imensa falta e me dão ainda mais motivo para lembrar quão essa "terra" é boa.

Aos amigos de Ribs, condomínio e eu, traz a bebida que pisca e doutorado FEA-RP que fizeram da minha moradia aqui mais leve e divertida. O meu muito obrigada por toda descontração, companheirismo, conversa fiada, mas também produtiva que tivemos nesses dois anos.

À turma do mestrado FEA-RP pela tranquilidade e confiança transmitida em todos os momentos que estivemos reunidos.

A todos da Incubadora Social da UFG e Cooperativas incubadas pela oportunidade de realizarmos mais um trabalho juntos e, por me ensinarem o valor e a beleza da difícil, porém possível, missão de trabalhar em grupo.

À orientadora pelo SIM ao meu tema de pesquisa e por torná-lo possível de ser pesquisado na FEA-RP.

Aos professores da FEA-RP por todo conhecimento compartilhado.

Aos professores da UFG que acreditam incansavelmente na minha dedicação e trabalho.

À Loli que esteve ao meu lado na escrivania por horas e horas, e que durante anos contribuiu para que eu seja uma pessoa melhor.

"The mind that opens up to new idea never returns to its original size"

Albert Einstein

RESUMO

NASCIMENTO, Letícia Maria Faleiro. **O ensino contábil para empreendimentos econômicos solidários: um estudo na incubadora social da Universidade Federal de Goiás**. 2016.183f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

A pesquisa permeia a contabilidade e autogestão existentes nos empreendimentos econômicos solidários, em que o modelo de gestão é democrático e participativo e requer ferramentas contábeis compatíveis com suas características. O objetivo é verificar se a aplicação de técnica de ensino-aprendizagem contábil baseada nas rotinas gerenciais e demandas dos usuários contribui com a decodificação da informação contábil, colaborando com o controle gerencial dos empreendimentos. Assim, foi feito experimento em que no pré-teste foi analisado o entendimento contábil no que tange ao conteúdo informacional, sua utilidade e domínio. No pós-teste foi feita análise dos efeitos da aplicação da técnica sobre esses entendimentos. O estudo foi realizado com 16 cooperativas pertencentes à Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas estruturadas, observações e análise de registros. Estas foram transcritas e analisadas pelo método de análise de conteúdo, que consistiu em organizar categorias conceituais representantes do entendimento contábil testado, designada pela ocorrência ou expressão nos dados transcritos. A análise dos resultados foi feita pelo teste não-paramétrico, Postos Sinalizados de Wilcoxon. Os resultados apresentados não demonstraram diferenças significativas com relação ao entendimento contábil dos diretores e não diretores antes e depois da intervenção. Limitações como amostra e a rotatividade de pessoas na cooperativa denotam a necessidade de haver formações recorrentes para os cooperados. Para futuras pesquisas fica o tempo de curso ser prolongado permitindo a participação recorrente e de mais cooperados. Como implicações práticas têm-se a percepção dos cooperados na necessidade de ter e entender as ferramentas e controles para administrar à cooperativa.

Palavras-chave: Autogestão. Quase experimento. Ensino e contabilidade.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Letícia Maria Faleiro. **The accounting education for solidarity economic enterprises: a study in social incubator of the Federal University of Goiás.** 2016.183f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

The research permeates the existing accounting and self-management in solidarity economic enterprises in the management model is democratic and participatory and requires accounting tools compatible with its features. The objective is to verify whether the application of accounting teaching-learning technique based on management routines and demands of users contribute to the decoding of accounting information, collaborating with the management control of enterprises. So it was done experiment in which the pre-test was analyzed accounting understanding with respect to information content, its usefulness and domain. In the post-test was made analysis of the effects of the technical application of these understandings. The study was conducted with 16 cooperatives belonging to the Social Incubator of the Federal University of Goiás and the data collection was carried out through structured interviews, observations, and analysis of records. These were transcribed and analyzed by the method of analysis of content, which consisted of representatives of the organizing conceptual categories accounting understanding tested, designated by the occurrence or expression in the transcribed data. The analysis was done by non-parametric test, Wilcoxon Signed Posts. The results presented showed no significant differences with respect to the accounting understanding of the directors and not officers before and after the intervention. Limitations as sample and turnover of people in the cooperative denote the need for recurrent training for the members. For future research is the time course be extended allowing the applicant and more cooperative participation. How practical implications have the perception of the cooperative members on the need to have and understand the tools and controls to manage the cooperative.

Keywords: self-management, quasi-experimental design, teaching and accounting.

LISTA DE SIGLAS

ES	ECONOMIA SOLIDÁRIA
EES	EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ITCP	INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES
NBC	NORMAS BRASILEIRAS DE CONTABILIDADE
NIE	NEW INSTITUTIONAL ECONOMICS
NIS	NEW INSTITUTIONAL SOCIOLOGY
OIE	OLD INSTITUTIONAL ECONOMICS
PNRS	POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS
UR	UNIDADE DE REGISTRO
UC	UNIDADE DE CONTEXTO
UFG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sintetização e relação entre teorias

Quadro 2 - Distinção dos grupos de cooperativas

Quadro 3 - Distinção das cooperativas na parte empírica da pesquisa

Quadro 4 - Resumo dos conceitos trabalhados nos módulos ministrados

Quadro 5 - Formas de medir o efeito da intervenção

Quadro 6 - Formas de medir os efeitos contidos no experimento

Quadro 7 - Síntese da Metodologia

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 1	57
Tabela 2 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 1	57
Tabela 3 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 2	58
Tabela 4 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 2	59
Tabela 5 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 1	65
Tabela 6 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 1	65
Tabela 7 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 2	66
Tabela 8 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 2	67
Tabela 9 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 3	67
Tabela 10 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 3	68
Tabela 11 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 4	69
Tabela 12 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 4	69
Tabela 13 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 1	71
Tabela 14 Média e Desvio-padrão de O1 e O2	71
Tabela 15 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O1 e O2	72
Tabela 16 Teste de significância e padronização Z	72
Tabela 17 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 1	73
Tabela 18 Média e Desvio-padrão de o1 e o2	73
Tabela 19 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o1 e o2	73
Tabela 20 Teste de significância e padronização Z	74
Tabela 21 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 2	74
Tabela 22 Média e Desvio-padrão de O3 e O4	75
Tabela 23 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O3 e O4	75
Tabela 24 Teste de significância e padronização Z	76
Tabela 25 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 2	76

Tabela 26 Média e Desvio-padrão de o3 e o4.....	77
Tabela 27 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o3 e o4.....	77
Tabela 28 Teste de significância e padronização Z.....	77
Tabela 29 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 3	78
Tabela 30 Média e Desvio-padrão de O5 e OX	78
Tabela 31 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O5 e OX	79
Tabela 32 Teste de significância e padronização Z.....	79
Tabela 33 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 3	80
Tabela 34 Média e Desvio-padrão de o5 e ox	80
Tabela 35 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o5 e ox.....	81
Tabela 36 Teste de significância e padronização Z.....	81
Tabela 37 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 4	82
Tabela 38 Média e Desvio-padrão de O6 e OX	82
Tabela 39 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O6 e OX	83
Tabela 40 Teste de significância e padronização Z.....	83
Tabela 41 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 4	84
Tabela 42 Média e Desvio-padrão de o6 e ox	84
Tabela 43 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o6 e ox.....	85
Tabela 44 Teste de significância e padronização Z.....	85
Tabela 45 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 3 e Grupo 4	86
Tabela 46 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (O5-OX) e (O6-OX)	86
Tabela 47 Teste de significância e padronização Z.....	87
Tabela 48 Diferenças das notas dos não diretores do Grupo 3 e Grupo 4.....	87
Tabela 49 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (o5-ox) e (o6-ox).....	88
Tabela 50 Teste de significância e padronização Z.....	88
Tabela 51 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do (O2-O1) e (O5-OX)	89
Tabela 52 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (O2-O1) e (O5-OX)	90

Tabela 53 Teste de significância e padronização Z.....	90
Tabela 54 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do grupo 1 e grupo 3	91
Tabela 55 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (o2-o1) e (o5-ox).....	91
Tabela 56 Teste de significância e padronização Z.....	92

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Problema de pesquisa	16
1.2 Objetivos	16
1.3 Justificativa	17
1.4 Organização do trabalho.....	19
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 Economia Solidária e empreendimentos econômicos solidários.....	21
2.2 Empreendimentos econômicos solidários e incubadora social	23
2.3 A contabilidade no processo de autogestão.....	24
2.4 A importância da contabilidade nos empreendimentos econômicos solidários	27
2.5 Educação e formação de empreendimentos econômicos solidários.....	31
3. METODOLOGIA	39
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	98
APÊNDICE A - Roteiro da entrevista a ser aplicado no Pré-Teste e no Pós-Teste	103
APÊNDICE B - Categoria conceitual para análise de conteúdo dos dados coletados	104
APÊNDICE C - Apostila sobre Ferramentas e Controles Contábeis para gestão de EES.	105
APÊNDICE D - Relatórios dos cursos ministrados nas cooperativas.....	146
ANEXO - Tabela dos Postos Sinalizados de Wilcoxon.....	181

1. INTRODUÇÃO

Os empreendimentos econômicos solidários (EES) são organizações coletivas, como cooperativas e associações, pautadas nos princípios da Economia Solidária.

Singer (2004) define Economia Solidária (ES):

A ES é o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, finanças e consumo – organizadas de forma autogestionária, ou seja, no âmbito das quais não há distinção de classe: todos os que nelas atuam são seus proprietários e todos os que são proprietários nelas trabalham (SINGER, 2004, p.92).

A Economia Solidária tem como característica fundamental a autogestão, modelo de gestão caracterizado pela administração e posse coletiva dos meios de produção. Nesses empreendimentos a gestão é realizada pelos próprios trabalhadores, por meio da eleição democrática de diretores que se candidataram aos cargos da diretoria e receberam a maioria dos votos dos demais trabalhadores. Assim, o processo de tomada de decisão ocorre com a participação ativa dos trabalhadores que atuam tanto nas atividades gerenciais como nas atividades produtivas.

Nesses empreendimentos, o coletivo elege cooperados como membros da Diretoria e Conselhos Fiscais, e estes cumprem papéis como representantes e responsáveis pelos controles das transações comerciais e financeiras. No entanto, as decisões a serem tomadas, sejam de cunho administrativo, comercial ou financeiro são tomadas pelo coletivo: é realizada uma reunião, a questão a ser votada é colocada, e todos se manifestam de forma democrática. O representante eleito deve atender as necessidades do grupo, este último pode convocar uma reunião e solicitar votação quanto à permanência ou não do cooperado no determinado cargo. Se a maioria concordar que o representante não está atendendo o interesse do coletivo ele pode ser retirado da diretoria e, posteriormente, realiza-se nova reunião para votar nos interessados a ocupar o cargo.

Assim como as demais empresas, os EES necessitam da contabilidade, pois como organizações juridicamente constituídas precisam atender exigências legais e fiscais e, ainda, realizar a gestão dos seus empreendimentos. De acordo com Karling e Luconi (2014) a contabilidade é uma ciência social e aplicada cujo objetivo é fornecer informação estruturada e útil à tomada de decisão de cunho econômico, financeiro, administrativo e social. Assim, diante do processo de autogestão, caracterizado pela

participação ativa na deliberação da organização do trabalho ou nas decisões de cunho financeiro, a contabilidade passa ser ferramenta que norteia ainda mais o processo de gestão.

A contabilidade serve como instrumento para difusão das informações referentes à gestão. O processo decisório se tornará realmente coletivo com a difusão, transparência e compreensão das informações contábeis necessárias à tomada de decisão. Para que haja administração participativa e democrática por parte dos trabalhadores dos EES é necessário que a estrutura contábil, de procedimentos de registros, de análise e apresentação das informações seja moldada e construída considerando-se as demandas e características das cooperativas. Dessa forma, possibilita não só que cooperados eleitos exerçam suas funções quando Diretores e Conselheiros Fiscais, mas principalmente que o processo decisório se dê pelo coletivo.

Em apoio aos EES existem as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, que buscam construir ferramentas desprovidas das tecnologias convencionais e direcionadas para que os usuários envolvidos consigam intervir e influenciar na criação de mecanismos de controle. Essas incubadoras fornecem assessoria para o desenvolvimento dos EES e, por meio de um processo educativo de organização e acompanhamento sistêmico, disponibilizam formação quanto à autogestão e suporte técnico contábil e jurídico.

Esse processo de construção e reconstrução do conhecimento se dá unindo "saber popular" (cooperados) e "saber científico" (técnicos). Esse processo se funda, assim, na educação popular proposta por Paulo Freire (2009). Dessa forma, as Incubadoras e os cooperados buscam desenvolver, conjuntamente, mecanismos de controles administrativo-financeiros que possibilitem a seus usuários identificar as transações financeiras realizadas, contribuindo para a gestão ser mais democrática e participativa.

O tema da pesquisa centra-se nas demandas suscitadas pela linguagem contábil tradicional, que dificulta a sua utilização por parte dos usuários na gestão dos EES. Esses empreendimentos são pautados na autogestão, que requer a participação dos trabalhadores na administração. Para tanto, é necessário que a informação contábil seja útil e esteja acessível de forma a permitir a compreensão dos processos relacionados à gestão, possibilitando sua prática.

Nesse sentido, foi feita a aplicação de uma técnica de ensino-aprendizagem contábil para verificar se esta contribui para o entendimento de ferramentas e controles contábeis utilizados na gestão administrativo-financeira dos empreendimentos. Assim, tendo como desenho de pesquisa os Quatro Grupos de Solomon (1949), dezesseis cooperativas de materiais recicláveis foram divididas em dois grupos experimentais e de controle. O primeiro é composto por oito cooperativas que participaram da aplicação da técnica, sendo quatro delas com pré-teste; o segundo, por oito cooperativas e também quatro delas com pré-teste. Tanto o pré-teste como o pós-teste analisaram o entendimento contábil quanto ao conteúdo, aplicação e domínio.

Dessa forma, por meio do teste não-paramétrico, Postos Sinalizados de Wilcoxon, foi feita análise desses grupos antes e depois da intervenção e antes e depois do pré-teste para verificar se houve alteração do entendimento contábil. Os resultados mostram que houve uma maior dispersão do conhecimento de ferramentas e controles contábeis entre os membros dos grupos, contribuindo para o entendimento dos processos relacionados à gestão das cooperativas e com a interação nesses processos, buscando cada vez mais efetivar a autogestão dentro das cooperativas.

1.1 Problema de pesquisa

Considerando que o problema seja a linguagem contábil utilizada e que os sujeitos dos EES têm um papel ativo e necessitam interpretar os dados contábeis, a questão que norteia o estudo é: qual o impacto da aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil colabora com a melhor compreensão e utilização das informações contábeis por parte desses usuários?

1.2 Objetivos

Tendo em vista a importância da contabilidade na compreensão e análise inerentes ao processo de autogestão, a pesquisa contribui com as demandas geradas na utilização da informação contábil no processo de tomada de decisão praticado pelos próprios trabalhadores dos EES. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo principal verificar se a aplicação de técnica de ensino-aprendizagem contábil baseada nas rotinas

gerenciais e demandas dos usuários contribui com a decodificação da informação contábil, colaborando com o controle gerencial dos empreendimentos.

A partir dos dados coletados foi identificado o entendimento contábil quanto ao conteúdo informacional, sua aplicação e domínio. Além disso, se evidenciou os elementos contábeis relevantes para que os próprios trabalhadores tenham conhecimento e controle gerencial dos empreendimentos. Com isso, construiu-se e aplicou-se uma técnica de ensino-aprendizagem contábil que contribuiu com este processo, de forma a apontar alternativas de ferramentas e controles que colaborem com a gestão e com o processo de tomada de decisão administrativo-financeira.

Como objetivos secundários, a pesquisa abordou (i) caracterização e conceituação de autogestão como princípio da Economia Solidária; (ii) o papel da Incubadora para formação e desenvolvimento dos EES; (iii) a importância da informação contábil como instrumento na gestão dos EES; (iv) a relação existente entre o entendimento das ferramentas e controles contábeis e a efetividade da autogestão nos EES e (v) resultados práticos da aplicação de técnicas contábeis de ensino-aprendizagem para os EES.

1.3 Justificativa

De acordo com Souza (2003), o desemprego é um tema bastante debatido, sendo apontado como a principal causa da exclusão social. O desemprego faz com que muitas pessoas, sentindo-se "ameaçadas" em suas condições de sobrevivência, busquem, por um lado, atividades ilegais e informais e, por outro lado, atividades coletivas e autogestionárias de produção (ABDALLA, 2002). Essas alternativas coletivas e autogestionárias referem-se a diversas opções, como cooperativas, associações e clubes de troca.

Nesse cenário, encontram-se os indivíduos denominados como catadores de material reciclável, normalmente moradores de rua que sobrevivem do material que conseguem coletar. Alguns destes notaram que, ao se unirem, conseguiriam um volume maior de material para comercializar, elevando o valor arrecadado. Assim, as cooperativas de materiais recicláveis vêm conquistando espaço, como novas oportunidades e condições de trabalho em equipe, em que todos são sócios e

empenhados no sucesso do empreendimento. Em consonância, há a Economia Solidária como sendo:

Conjunto das iniciativas econômicas associativas nas quais (a) o trabalho, (b) a propriedade de seus meios de operação (de produção, de consumo, de crédito etc.), (c) os resultados econômicos do empreendimento, (d) os conhecimentos acerca de seu funcionamento e (e) o poder de decisão sobre as questões a ele referentes são compartilhados por todos aqueles que dele participam diretamente, buscando-se relações de igualdade e de solidariedade entre seus partícipes. (CRUZ, 2006, p.69)

Além das cooperativas formadas pela união de catadores de material reciclável, que realizavam seu trabalho na rua, observa-se a formação de cooperativas que coletavam material em lixões em municípios, como as que abrangem a região metropolitana de Goiânia. O Artigo 17 da Lei 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), diz que a erradicação dos lixões deve estar associada a medidas de inclusão dos catadores. Pelo acordo, o Ministério Público e o governo iriam fiscalizar as ações dos municípios para acabar com os lixões e implantar, simultaneamente, os aterros sanitários. Além disso, buscariam promover ações conjuntas de inserção econômica dos catadores por meio de cooperativas e da capacitação dos trabalhadores.

Diante da demanda associada ao crescente número de cooperativas, este trabalho se justifica pela necessidade de tornar a informação contábil acessível para os usuários, trabalhadores dos EES, considerando que a contabilidade tem contribuição fundamental para a concretização da autogestão. Além disso, para cumprir com seu objetivo de prover os usuários da informação, a contabilidade deve acompanhar as mudanças da sociedade em que está estabelecida. Sendo assim, sob olhar social, a contabilidade sofre influência do meio, contemplando as diferentes condições sociais, econômicas, políticas e culturais.

A aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil baseada nas demandas dos usuários e nas características peculiares dos EES pode colaborar para utilização da informação contábil na gestão dos empreendimentos. Tais empreendimentos requerem ferramentas contábeis próprias que possibilitem a gestão praticada pelos próprios trabalhadores e o entendimento desse processo para tomada de decisão coletiva. A compreensão desses processos pode contribuir com o aumento da transparência da

gestão e estimular ainda mais a participação dos associados, contribuindo com a efetividade da autogestão.

1.4 Organização do trabalho

A dissertação está organizada em sete capítulos. No primeiro, a introdução, o objeto de estudo, os EES, é contextualizado e, no tópico 1.1, o problema de pesquisa é enunciado. No tópico 1.2 os objetivos são apresentados e no item 1.3 a justificativa é colocada, relatando a demanda contábil e contribuição da aplicação da técnica de ensino-aprendizagem no processo de gestão dos EES.

O capítulo 2 é dedicado à fundamentação teórica. O tópico 2.1 relata que os EES são organizados juridicamente como cooperativas e associações e são pautados nos princípios da Economia Solidária, como a autogestão; característica essa que elucida a informação contábil como fator relevante na gestão dos empreendimentos. O tópico 2.2 caracteriza o papel das Incubadoras Sociais como colaboradoras dos EES, fornecendo assessoria contábil e jurídica e conhecimento quanto à prática da autogestão. Já no tópico 2.3, conceitua-se a contabilidade como instrumento de informação para os usuários e caracterizam-se os cooperados dos EES como usuários da informação contábil. O item 2.4 traz a importância da contabilidade para os EES e a necessidade da compreensão das ferramentas e controle contábeis para efetivação do processo de autogestão de forma a torná-lo ainda mais democrático e participativo. Por fim, o tópico 2.5 discorre sobre o contexto da educação popular presente nas assessorias fornecidas aos EES, mesclando saberes popular e científico na criação e recriação de ferramentas e controle contábeis, considerando-se a gestão praticada pelos próprios trabalhadores.

O capítulo 3 trata da trajetória metodológica da pesquisa. De início apresenta o experimento como estratégia de pesquisa e, pela não aleatoriedade da amostra, se classifica a pesquisa como quase experimento. São detalhados a entrevista estruturada, registros em arquivos e observação direta como procedimentos de coleta de dados e, ainda, análise de conteúdo como mecanismo de avaliação do material obtido. O desenho de pesquisa feito foi os Quatro Grupos de Solomon (1949), com dezesseis cooperativas de materiais recicláveis da Incubadora Social da UFG. Elas foram divididas em dois grupos: experimento, que participaram da técnica de ensino-aprendizagem contábil e de controle, composto por aquelas que não participaram, sendo que cada grupo foi dividido

em dois subgrupos: com e sem pré-teste. O objetivo foi verificar se há alteração do entendimento contábil, para isso foi utilizado o teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon para comparar as medianas das notas dos cooperados dos grupos que passaram ou não pela intervenção e, ainda, que passaram ou não pelo pré-teste.

O capítulo 4 descreve as análises dos resultados com o experimento, os efeitos da intervenção realizada com os grupos, a análise de conteúdo das entrevistas e as anotações diversas provenientes de observações diretas ocorridas pela circulação nas cooperativas e colaborações alcançadas com a implementação da pesquisa.

No capítulo 5, apresentam-se as considerações finais, relatando os principais resultados alcançados e a contribuição da pesquisa como conhecimento científico e como colaboração social.

O capítulo 6 contém as referências mencionadas no estudo, cuja composição abrange livros, artigos de eventos e periódicos, teses e dissertações. Finalmente, o capítulo 7 é composto pelos apêndices com roteiro da entrevista estruturada e categorização conceitual utilizada para análise de conteúdo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Economia Solidária e empreendimentos econômicos solidários

As mudanças acarretadas pela Revolução Industrial marcaram profundamente a organização social, criando novos aspectos organizacionais e ocasionando modificações que ainda perduram. Nesse cenário, uma série de iniciativas de organizações locais de caráter social ganhou força em uma realidade de crise dos mecanismos de regulação da sociedade, inaugurando as chamadas novas formas de solidariedade (FRANÇA FILHO, 2001). Estas se dão por meio de economias alternativas, como trabalhos autônomos, realizados por pessoas que por motivos diversos se encontram fora do mercado de trabalho e buscam, assim, uma forma de gerar renda.

A Economia Solidária resgata as lutas históricas dos trabalhadores que tiveram origem no início do século XIX, sob a forma do cooperativismo operário que surgiu em reação à Revolução Industrial durante o século XIX. Ela possui princípios básicos, tais como solidariedade, cooperação e autogestão. A primeira entende-se como ação de ajuda mútua, em que as pessoas se unem para superar problemas e dilemas comuns. Para tanto, é necessária cooperação, ou seja, os objetivos devem ser estabelecidos conjuntamente para que os mesmos sejam alcançados.

Ambos são muito importantes, mas o último torna peculiares os EES, já que o processo precisa ser gerido e isso é feito pelos próprios trabalhadores (CARVALHO, 2008). Segundo Lopes (2001) a autogestão é um modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e/ou controle efetivo dos meios de produção com participação democrática da gestão.

Os EES são geridos pelos próprios trabalhadores de forma democrática e coletiva, e cada membro tem direito a um voto nas decisões do grupo. Nessas organizações, alguns membros são escolhidos por meio de votação para realizar atividades específicas como as que competem ao diretor presidente, diretor comercial e diretor financeiro e ainda há outros, que exercem a função de Conselheiros Fiscais.

As decisões tomadas por estes representantes devem ser votadas e discutidas pelo coletivo, e, se não o fizerem a contento, o coletivo os substitui. Essa forma de gestão consiste na autonomia dos membros quanto à decisão dos processos de produção e administração dos seus empreendimentos, normalmente, realizados por membros

específicos escolhidos pelo coletivo, mas que dependem da aprovação da maioria para concretizarem as decisões a serem tomadas.

Os EES são as diversas formas concretas de manifestação da Economia Solidária, ou seja, grupos de pessoas que produzem e comercializam seus produtos com base nos princípios da Economia Solidária. São organizações coletivas e suprafamiliares (associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas etc.), cujos participantes são trabalhadores dos meios urbano e rural que exercem a autogestão das atividades e da alocação dos seus resultados. Estes realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização (compra, venda e troca de insumos, produtos e serviços) e de consumo solidário, sendo que podem dispor ou não de registro legal, prevalecendo a existência real ou a vida regular da organização.

Gaiger (2004) coordenou uma pesquisa nacional sobre EES, na qual utilizou um conceito-modelo com características ideais deste tipo de organizações. Tal conceito serviu de norteador para os pesquisadores espalhados por todo o Brasil e continha oito princípios: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, auto-sustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social. O autor faz a ressalva de que tais princípios não esgotam as características dos EES, porém parecem ser centrais num estudo como o realizado. O conceito foi desenvolvido em conjunto, sendo que cada pesquisador tinha um contexto sociopolítico diferente, refletindo então em diferentes visões sobre os EES.

Girard-Nunes (2004) propõe que estes empreendimentos devem estar orientados para minimizar a hierarquia como condição de funcionamento e operação, no sentido de minimizar a concentração de poder, de informação, de recursos financeiros e tecnológicos e fomentar a melhoria da sua gestão. Os EES cresceram ao longo do tempo, paralelamente ao crescimento das demais empresas. Para garantir o crescimento e desenvolvimento dos EES, estes precisam estar integrados ao mercado, pois precisam de mecanismos mercantis para sobreviver. Assim, o desafio se dá justamente na busca pelo desenvolvimento de mecanismos, formas e instrumentos mercantis, mas respeitando e considerando os princípios que caracteriza.

2.2 Empreendimentos econômicos solidários e incubadora social

É notório o destaque da Economia Solidária enquanto experiência bem-sucedida de geração de emprego e renda, já que estimula a criação de EES que, por sua vez, buscam a conciliação entre desenvolvimento econômico e humano, mediante princípios de solidariedade e cooperação. Esses grupos exigem fomento e direcionamentos específicos às suas características fundamentais, já que, muitos não possuem uma base para se fixar, e possuem dificuldades em praticar a autogestão.

Este processo é esclarecido por intermédio de parceiros desse “movimento solidário”, destacando o papel fundamental de incubação desenvolvido pelas universidades, que atuam como forma de propiciar um crescimento e desenvolvimento de um grupo específico como cooperativas e associações. Em apoio ao desenvolvimento e a atuação dos EES, surgem as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), atuando de forma sistemática nesta questão, pois se apresentam como agentes fundamentais no assessoramento dos EES. Essas incubadoras existentes em núcleos universitários vêm servindo como importante alicerce na busca de alternativa e soluções para trabalhadores na perspectiva socioeconômica, política e cultural (CARNEIRO *et al*, 2014).

As incubadoras atuam no processo educativo para a cooperação e a autogestão, constituindo-se como projetos, programas ou órgãos das universidades com a finalidade de dar suporte à formação e ao desenvolvimento dos EES. Além disso, articulam de forma multidisciplinar em áreas de conhecimento de universidades brasileiras com grupos populares, contribuindo na formação desses empreendimentos. Assim, atuam com duplo intuito: na formação dos estudantes, por meio da vinculação do ensino, da pesquisa e da extensão, e na geração de trabalho e renda (GUERRA; PEREIRA, 2010).

Elas trabalham com a concepção de que processo de incubação é também um processo educativo, já que envolve aprendizagem continuada por parte de quem orienta como de quem é orientado. Contudo, o propósito não é apenas despejar, depositar no outro ou no grupo atendido o que é do domínio do orientador e muito menos deixar o orientando reduzido ao universo do conhecimento de que já é portador, sem contribuir com a agregação de novos conhecimentos. Compreende-se o processo educativo como uma construção que ocorre nas situações e necessidades cotidianas, numa interação

entre conhecimentos teóricos e práticos, com os erros e acertos, avanços e recuos, próprios ao processo interativo de aprendizagem (CULTI, 2009).

Exemplo disso, a Universidade Federal de Goiás, com a Incubadora Social da UFG, auxilia empreendimentos de pessoas e de grupos com baixa renda, com pouca capacitação e qualidade técnica, mas que também estão voltados para o bem comum e solidário e não para o lucro em si. A Incubadora Social da UFG, desde 2007, acompanha e avalia os processos de gestão de cooperativas de materiais recicláveis e fornece assessoria no que tange a autogestão, contábil e jurídica aos grupos incubados, para que possam ser inseridos no mercado e gerenciarem suas cooperativas.

Para estimular tal desenvolvimento, fornece capacitação aos cooperados, com intuito de prover os meios para que esses empreendimentos se estruturem, se capacitem e estejam pautados na autogestão. A formação e qualificação, além de contar com professores e estudantes de diversas áreas, ocorrem por meio de uma assessoria que inclui instrumentos como manuais, cursos, palestras e oficinas – estudo, educação e informação de forma geral. Esta intervenção visa suprir as demandas dos grupos e instruí-los sobre o processo de organização, planejamento e gerenciamento da produção e comercialização.

2.3 A contabilidade no processo de autogestão

Lopes (2001) no seu estudo em cinco indústrias pautadas pela autogestão analisou a opinião dos trabalhadores sobre a forma como as relações sociais estavam sendo estabelecidas no ambiente de autogestão. Para a autora, a autogestão é modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e/ou controle efetivo dos meios de produção com participação democrática na gestão. A autogestão é uma maneira de administrar EES, normalmente agrupados dentro do Movimento de Economia Solidária e que assumem diversas formas jurídicas, entre elas as cooperativas, que, por sua vez, requerem tratamento contábil como toda entidade.

Brito (2011) estudou a fraude na legislação trabalhista por meio de cooperativas de mão-de-obra, analisando os efeitos negativos para os direitos fundamentais do trabalhador e para o desenvolvimento da Economia Solidária. A autora relata que com o advento de cooperativas com intuito de burlar leis trabalhistas fez-se necessário

classifica-las como cooperativas populares pertencentes ao movimento da Economia Solidária. Acrescenta a autora que o movimento da Economia Solidária é uma reinterpretação do movimento cooperativista iniciado com Robert Owen, e que, dada as circunstâncias de degeneração dos seus ideais necessitou de resignação.

"O termo autogestão significa literalmente administrar, gerir a si mesmo, do grego *autos* (si mesmo) e do latim *gest-o* (gerir), mas é utilizado para designar grupos que se organizam sem chefia" (Lechat;Silva Barcelos, 2008, p. 97). Literalmente, a palavra autogestão pode ser entendida como sendo o "governo de si mesmo", nada mais é que uma entidade gerida pelos próprios trabalhadores, representados por diretores e conselhos fiscais. Segundo Tauile (2005), as experiências autogestionárias representam a busca pela maior democratização das relações de trabalho, alterando para além da forma de propriedade, a forma de gestão do empreendimento no intuito de permitir a efetiva gestão coletiva dos meios de produção.

Segundo Albuquerque (2003) não se trata simplesmente de uma modalidade de gestão. A autogestão possui um caráter multidimensional (social, econômico, político e técnico) e se refere a uma forma de organização da ação coletiva. A autogestão tem uma dimensão social, pois

(...) deve ser percebida como resultado de um processo capaz de engendrar ações e resultados aceitáveis para todos os indivíduos e grupos que dela dependem . Seu caráter econômico se deve à relações sociais de produção, que dão mais valor ao fator trabalho do que ao capital. Seu aspecto político baseia-se em sistemas de representação com valores, princípios e prática favoráveis e criadoras de condições (...) para que a tomada de decisões seja o resultado de uma construção coletiva que passe pelo poder compartilhado (de opinar e de decidir), de forma a garantir o equilíbrio de forças e o respeito aos diferentes atores e papéis sociais de cada um dentro da organização (ALBUQUERQUE, 2003, p. 20-21).

A participação envolve necessidades básicas como interação com os demais seres humanos, autoexpressão, desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas e a valorização de si mesmo ante os outros (BORDENAVE, 1994).

O envolvimento com os aspectos organizacionais dos que trabalham na produção deve ser despertado para que haja interesse em participar efetivamente nos conselhos e assembléias gerais. Não basta querer implantar a autogestão, é necessário criar condições para sua efetivação. Não se trata de uma qualidade que um empreendimento possua ou não, mas de um processo em constante elaboração que pode

sofrer avanços e retrocessos. Ou seja, a mudança da forma de administração dos empreendimentos com a participação dos trabalhadores é feita gradativamente e, condições precisam ser criadas para possibilitar que estes sejam atuantes nos aspectos organizacionais (LECHAT; SILVA BARCELOS, 2008).

A autogestão é entendida na prática, pelas constantes aplicações e vivências. Em vista disso, os EES envolvem várias áreas do conhecimento e pelo arcabouço contábil disponível, compreende-se que os empreendimentos possuem formalmente um tratamento contábil, mas não se sabe se esse satisfaz plenamente as suas necessidades informacionais. Isso decorre do fato que a contabilidade revela informações gerais, sem a preocupação em segmentar os usuários interessados nas informações (RUTKOWSKI, 2005).

Para viabilizar a autogestão, os EES devem aprimorar o sistema de informações para os associados, permitindo que esses avaliem a real situação administrativo-financeira da entidade (ALMEIDA, 2006). Assim sendo, presume-se a necessidade de adaptação dos sistemas contábeis utilizados de forma a satisfazer às singularidades destes empreendimentos, uma vez que se trata de apresentar novas formas de registro, controle, demonstração e divulgação das informações que transcendam ao escopo da contabilidade tradicional. A contabilidade, por ser uma ciência social, deve buscar atender a necessidade de toda e qualquer entidade que tenha natureza jurídica.

Para prover os usuários da informação, a contabilidade deve acompanhar as mudanças da sociedade em que está inserida. Os EES, devido a seus aspectos peculiares configuram desafios ao profissional contábil, pois requerem novos instrumentos e procedimentos contábeis por meio de ferramentas adequadas à gestão praticada pelos próprios trabalhadores. Enquanto processo educativo remete ao currículo de formação do contador, o desenvolvimento de novos instrumentos, procurando adequar as informações à capacidade de compreensão dos seus usuários, objetivando com isso, tornar transparente esses tipos de organizações (CARNEIRO *et al*, 2014).

Na visão de Lopes e Martins (2007), verifica-se verdadeira ausência de estudos sobre a natureza dos usuários das informações contábeis, quem são e onde vivem. A contabilidade não deve apenas facilitar o acesso de forma clara e objetiva aos procedimentos contábeis e burocráticos legais, mas procurar entender às demandas dos usuários das informações contábeis. Isso pode promover uma evolução no papel da

contabilidade, que vai além da prestação de contas em cumprimento à legislação para um importante instrumento de gestão das organizações.

Hendriksen e Van Breda (2010) afirmam que as soluções dos problemas contábeis podem dar-se por meio da visão sob a qual a contabilidade é abordada na prática. Os autores afirmam que uma dessas abordagens é entender a contabilidade como uma linguagem, sendo que três questões principais formam parte deste estudo: (i) a pragmática, como o estudo do efeito que as palavras terão sobre os ouvintes – ou usuários; (ii) a semântica constitui o estudo do significado que as palavras terão; e (iii) a sintaxe que é o estudo do sentido lógico que as palavras possam apresentar. Eles acrescentam ainda que a política, economia e a legislação representam forças que se juntam às considerações extremamente teóricas para a determinação da prática.

A percepção do papel da contabilidade extrapola o fornecimento de informações, e requer uma compreensão mais ampla da sociedade e dos seus aspectos. Singer (2000) afirma que nos EES todas as informações relevantes devem estar disponíveis aos interessados. Nessas condições é possível pensar em um modo organizacional no qual a participação de todos na gestão acontece. Diante disso, constata-se a necessidade de mecanismos de participação dos trabalhadores por meio de controle internos e efetivos que estejam acessíveis, buscando a transparência e a democracia.

2.4 A importância da contabilidade nos empreendimentos econômicos solidários

Conforme Hendriksen e Van Breda (2010, p. 135), é função da contabilidade: "[...] fornecer informação quantitativa, principalmente de natureza financeira, sobre as entidades econômicas, de utilidade para a tomada de decisões econômicas". Assim, nenhuma entidade jurídica, seja ela pública ou privada, com ou sem fins lucrativos, pode dispensar da informação contábil para a tomada de decisões. Observa-se, ainda, que, por definição, o objetivo principal da contabilidade e dos relatórios por ela procedido "é fornecer informação econômica relevante para que cada usuário possa tomar suas decisões e realizar seus julgamentos com mais segurança, ou com a redução de risco (IUDÍCIBUS, 2006, p. 28)".

A contabilidade, nos EES, assume função importante de informar os associados sobre a gestão dos recursos à disposição, bem como a situação financeira e econômica da entidade. Considerando o processo de autogestão, que requer a participação ativa na

deliberação da organização do trabalho ou nas decisões de cunho financeiro, a contabilidade passa ser ferramenta de extrema relevância, pois norteia diretamente o processo de gestão.

A administração democrática e participativa dos trabalhadores dos EES requer que a informação contábil seja útil no processo de tomada de decisão. Para possibilitar a autogestão, os empreendimentos devem aprimorar o sistema de informações para os associados, possibilitando que os mesmos tenham condições de avaliar a real situação econômico-financeira da entidade. Com estes pressupostos é necessário verificar a forma de comunicação das informações para torná-las compreensíveis para os usuários, e principalmente, genuínas a realidade da entidade.

A evidenciação dos atos praticados pelos EES, deliberados sobre a efetiva situação econômica- financeira da entidade, corrobora para o estreitamento de relações entre a entidade e seus membros. A informação é capaz de alterar comportamentos e, com isso, a contabilidade, em EES, deve ser orientada no sentido de consolidar as relações entre as entidades e seus associados.

Almeida (2006) relata sobre atribuição social que a contabilidade possui em relação à gestão dos EES. O autor defende que a contabilidade atende usuários inseridos nas mais diversas realidades, e a utilizam para gerir suas entidades e tomar decisões. Contudo, os modelos contábeis de informações existentes são estabelecidos e estruturados para atender as necessidades de grupos preponderantes e não possui o hábito de considerar as características dos usuários. Complementa ainda, que os demonstrativos contábeis deveriam considerar a realidade social dos trabalhadores e trabalhadoras dos EES, pois estes encontram dificuldades para utilizar a informação contábil voltada para as demais sociedades mercantis.

Lima (2007) relata que o processo decisório só se torna realmente coletivo se houver a difusão, transparência e compreensão das informações necessárias à tomada de decisão. O autor exemplifica a construção de controle de caixa com os cooperados de forma que seja operado e compreendido por todos. Para tanto, a estrutura e os procedimentos de registros contábeis precisam considerar a realidade e os aspectos particulares dos cooperados. Isso decorre do fato de que estes empreendimentos possuem aspectos diferentes dos empreendimentos convencionais, pois seus associados normalmente possuem baixo grau de conhecimento formal e, mais relativo ainda, conhecimento sobre contabilidade.

Diante das peculiaridades dos EES e as dificuldades destes em relação à contabilidade, Michels (1995) sustenta que, para que haja autogestão ativa nos empreendimentos, são necessários os seguintes aprimoramentos:

- a. As Demonstrações Contábeis precisam ser estruturadas visando os cooperados;
- b. Devem ser utilizados gráficos e tabelas para otimizar o entendimento;
- c. Devem-se adotar meios de comunicação, como boletins mensais com informações financeiras, orçamentárias e contábeis com uma linguagem inteligível para os cooperados;
- d. As informações contábeis precisam ser detalhadas;
- e. As práticas contábeis devem ser normatizadas por órgão competente ou que estejam inseridas no estatuto da cooperativa;
- f. A conceituação em relação à qualidade das informações contábeis, ou seja, as informações levantadas precisam ser completas, adequadas e fidedignas.

Almeida e Dantas (2005) afirmam que, se não fossem pelas peculiaridades, a Contabilidade das Cooperativas e a Contabilidade Societária já seriam satisfatórias. A contabilidade das cooperativas convencionais é regida por lei específica, a Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, e dirigidas no Brasil sob a normatização do Conselho Federal de Contabilidade, pela NBC T 10.8, e/ou a Lei das Sociedades Anônimas, Lei nº. 6.404/76, pelo Código Civil, Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002, e ainda pela Lei 12.690/2012, que tratam das cooperativas de trabalho, como as de materiais recicláveis, que passam a ser reguladas por esta Lei, no que ela não colidir com a Lei 5.764/71 e a Lei 10.406/02. Todavia, as exigências contidas nestas normas não satisfazem de forma plena as necessidades informacionais dos EES por tratar de uma linguagem técnica.

Faz-se necessário conceber controles e sistemas contábeis simplificados das movimentações financeiras, que sejam suficientes para extração das informações necessárias ao cumprimento das obrigações legais da cooperativa, podendo se tornar mais sofisticados à medida que os cooperados se apropriem deles (LIMA, 2007).

A contabilidade deve condicionar o desenvolvimento, e agora não mais somente da empresa, mas de todos os envolvidos com ela. Funcionando como verdadeiro arquivo básico de informações, permitindo que cada usuário possa acessá-lo e utilizá-lo no processo de tomada de decisão e, ainda, traduzir numa linguagem única às transações financeiras ocorridas nas entidades. Sendo assim, Almeida e Dantas (2005) defendem dois modelos de sistemas contábeis que poderão ser aplicados a Economia Solidária.

O primeiro refere-se à Contabilidade Orçamentária (SLOMSKI, 2003). Esse modelo, segundo Almeida (2006), pode vir a ser um instrumento útil para a Economia Solidária por se tratar de contabilidade que envolve planejamento e orçamento do negócio, contribuindo com empreendimentos pautados na autogestão. O modelo possibilita a socialização do controle de todo o processo de gestão evidenciando aspectos básicos, tais como despesas orçamentárias, créditos orçamentários, origens e aplicações de recursos, dotações orçamentárias e outros.

O segundo refere-se à Contabilidade por Fundos, de acordo com Olak (2000), no qual se dividem os recursos do empreendimento em três vias diferentes: (i) os fundos irrestritos, que servem para qualquer finalidade; (ii) os fundos internamente restritos, em que a restrição é estabelecida de forma interna; e (iii) os fundos externamente restritos, quando a restrição é operada por agentes externos. No entendimento de Almeida e Dantas (2005) esse modelo também poderia ser usado nos EES devido ao fato de ser possível controlar ações, por meio da separação por categorias, e verificar se foram devidamente cumpridas.

Existem modelos contábeis que podem ser utilizados pelos EES, porém é necessário aprimoramento e adequações para que estejam em consonância com a realidade deste tipo de empreendimento, contribuindo com os usuários no acesso e entendimento das informações. Para Lima (2007) existem limitações devido à contabilidade ser baseada em registros formais e, com a insuficiência desses registros, esta acaba por ter sua capacidade informativa prejudicada. O autor acrescenta que este é um aspecto particularmente importante, pois, nas cooperativas populares não existe uma cultura de formalização, e considera que isso parece ser o cerne da questão entre a contabilidade e a Economia Solidária.

Os EES são caracterizados pela modalidade de administração que consiste em entregar as decisões ao conjunto de trabalhadores, ou seja, a gestão é empreendida pelos próprios associados. Porém, para isso, a linguagem e instrumento contábeis devem ser decodificados, ou seja, devem estar claros e compreensíveis, de forma a garantir a prática da autogestão. Lima (2007) recomenda que não se deve impor aos EES contabilidade complexa, minuciosa, detalhista, mas controle simplificado das movimentações, com informações temporais e suficientes para possibilitar a gestão das entidades e ajudar a cumprir suas obrigações legais.

É notório o consenso entre estudiosos a respeito da importância e da necessidade da contabilidade para EES. Portanto, é válido destacar a importância do profissional contábil para desenvolver controles simplificados e eficientes, de forma a colaborar com a interpretação dos fatos contábeis, conectando o associado à entidade. Além disso, é necessário considerar as limitações intrínsecas aos EES na construção e ajustes dos sistemas contábeis, visto que pode haver grande número de cooperados de formações diversas, ou de nenhuma formação escolar, podendo imprimir certa dificuldade na compreensão dos processos relacionados à gestão administrativo-financeira da entidade.

Por se tratar de um grupo diferenciado de usuários e com novas demandas requerendo sistemáticas e modelos contábeis que atendam às características peculiares deste grupo, a contabilidade deve se ajustar para ser útil nessa realidade específica e concreta. Tais modelos contábeis carecem de colaboradores para ser, de fato, inseridos e ensinados no âmbito da Economia Solidária, levando em conta as limitações já discutidas, que dificultam o processo de utilização da informação contábil na gestão democrática e participativa. Neste sentido, destacam-se as ITCP como um dos organismos que possuem trabalhos junto aos EES, desenvolvendo atividades diversas como o ensino prático de gestão.

Ainda, na atuação de fomento aos EES, contribuindo para seu crescimento econômico e social, há os contadores como colaboradores das ITCP. Os cientistas contábeis são fundamentais para a consolidação da proposta de incubação, pois contribuirão com estratégias de desenvolvimento no âmbito estrutural e burocrático, decodificando as informações contábeis usadas para gerir os empreendimentos. Contudo, o contador precisa se inserir nesse processo de incubação de forma a entender a realidade e as estratégias de aplicação da Contabilidade e das informações necessárias para os empreendimentos.

2.5 Educação e formação de empreendimentos econômicos solidários

São diversos os tipos de EES, como cooperativas de trabalho e produção, que buscam conhecer e viver a autogestão. Nesse processo, os caminhos são construídos nas atividades práticas e envolve avanços e recuos, acertos e erros e até mesmo o próprio resultado é imprevisível e incerto.

Rezende (2009) destaca que as atividades educativas e o incentivo à inteligência coletiva constituem a vida das empresas autogestionárias. O estudo realizado pela autora objetivou construir uma proposta de incubação de grupos populares na implantação da Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás, tendo como foco a gestão da informação e do conhecimento, resultando na construção de tecnologia social. Para a autora, a autogestão não se define, apenas, por meio de conceitos e princípios, mas caracteriza-se como um movimento de construção por meio do qual o trabalho e as relações entre as pessoas buscam resgatar o dimensionamento humano dos envolvidos, enquanto sujeitos que produzem e vivem.

O processo de formação e educação dos EES demanda tempo, pois envolve mecanismos que contribuem para que cada participante compreenda o processo. Para Tiriba (1997), os processos de formação sistemática e de incubação de EES são fundamentais. Esses processos devem ser interativos e participativos de forma a apresentar modificações na comunicação de conceitos e teoria em razão da dificuldade ou facilidade dos educandos. Além disso, devem ocorrer na prática, pois ela indicará a necessidade de adaptação dos instrumentos usados pelos educadores para que educandos coloquem em prática as orientações que lhes foram repassadas.

Segundo Rezende (2009), para viabilizar EES é necessário aprofundar a interface entre as ações de formação em Economia Solidária e tecnologias sociais. Assim, busca-se construir e recriar conhecimentos que levem os cooperados a compreenderem o exercício de práticas participativas nos processos de trabalho coletivo, de forma a adquirir conhecimentos organizacionais, sejam eles financeiros, contábeis, comerciais, tecnológicos ou práticos, para então poderem caminhar por si e resolver os entraves do seu cotidiano. Isso se dá com o uso de tecnologias que dependem de conhecimentos populares e conhecimentos desenvolvidos no ambiente acadêmico, as chamadas tecnologias sociais.

Para Rutkowski (2005), o termo tecnologia social (TS) deve sempre se desenvolver através da interação com a população, por meio da fusão entre saber popular e conhecimento especializado, ferramenta essencial para inclusão social e o progresso humano. Estas construções realizadas com o objetivo de adequar e validar ferramentas advindas do conhecimento científico e popular contribuem para a troca de conhecimento teórico e prático dos educadores e o despertar da participação dos cooperados nos controles de gestão usados e criados na cooperativa.

Neves (2009) relata que, em um primeiro momento uma solução plausível é o processo de adequação técnica no qual a tecnologia seria adequada à realidade dos EES com o auxílio de pesquisadores (ITCPs, por exemplo). Entretanto, com o passar do tempo, espera-se que os sócios dos empreendimentos tomem consciência da necessidade que os processos de criação de TS sejam realizados pelos seus próprios componentes.

O caráter formativo e educativo baseado na troca de saberes tem vínculos claros com a educação popular. Neste contexto, possíveis alterações nas relações sociais de produção necessariamente trazem novas dimensões ao aprendizado e de forma dinâmica se relacionam e recriam as práticas produtivas. Essa relação é descrita por Freire a seguir:

Ao dar-se na prática social em que se acham dinamicamente relacionados: I) a luta pela produção, II) os conflitos de classe, III) a atividade criadora, a educação, numa tal perspectiva, é o processo em que, tomando-se a prática social de que ela é uma dimensão, como objeto de conhecimento, procura-se não apenas conhecer a razão de ser daquela prática, mas ajudar, através deste conhecimento que se irá aprofundando e diversificando, a direção da nova prática, em função do projeto global da sociedade (FREIRE, p.109-110,1978).

Isto é de grande relevância para os EES já que se propõem ser uma forma de organização da atividade produtiva e financeira em que os trabalhadores detêm os meios de produção, poder de decisão, organização e controle do processo produtivo. Sendo assim, não basta ministrar informação ou capacitações para melhoria da produção e gestão, faz-se necessário que os cooperados participem dos processos, possibilitando a compreensão das ferramentas de produção e gestão para que estejam mais próximas das demandas e necessidades do grupo.

Rufino (2005) realizou estudo com quatro cooperativas de ramos distintos com o objetivo de conhecer as práticas autogestionárias e os processos produtivos aplicados no cotidiano de trabalho dessas organizações, como importante instrumento para o entendimento das novas bases de organização da Economia Solidária. A autora defende que o aprendizado possui três aspectos: (i) aquisição de informação, (ii) prática e (iii) elaboração destas experiências. A prática do dia a dia acaba trazendo uma série de informações, mas se não houver preparo (experiência e conhecimento) haverá muitos erros, podendo até mesmo tornar inviável o desenvolvimento de alguma atividade. A

informação nesse caso seria o resultado da copilação dos dados por meio de uma metodologia que possa acrescentar relevância e significado.

A autora acrescenta que a aquisição e o funcionamento das informações seria muito simples e linear, mas o elemento humano, base de todos os modelos, não tem uma forma linear de obtenção, apropriação ou uso do conhecimento. Para ela a aquisição do conhecimento pode ser feita basicamente de duas formas. Na primeira, o conhecimento é visto como objeto, elemento que se pode organizar, acrescentar e dispor de forma coerente e acabada; na segunda, ele é construído, elaborado, ampliado a partir de vivências e organizado segundo as necessidades do momento. Nos EES a aquisição do conhecimento se assemelha com a segunda forma, já que o processo se dá por meio da ação interativa entre orientadores (educadores) e cooperados (educandos) na permuta do conhecimento acadêmico daqueles e o vivenciado por estes.

Baeder (2011) analisou trabalhos de formação de catadores de materiais recicláveis, realizados coletivamente, na Região Metropolitana da Grande São Paulo, entre 1997 e 2008 com a finalidade de identificar elementos para subsidiar a construção participativa de soluções sustentáveis para a problemática socioambiental de resíduos sólidos nas áreas urbanas. Para a autora, o pensamento crítico da educação, embasado nos ideais democráticos e emancipatórios têm suas raízes na educação popular, cujo principal objetivo é a formação de sujeitos sociais autores de sua própria história.

A ideia de trabalhar em função da emancipação humana, de entender a pedagogia como prática de liberdade e da superação da opressão histórico-social, política e econômica, é central nos trabalhos de Freire. A construção e o respeito à autonomia do ser educando são objetivos essenciais no processo educativo, pois permitem a consciência de si (no plano individual e coletivo) na história, a visão crítica, a comparação, a avaliação e tomada de decisões.

A " educação popular " acontece pelas articulações entre educação e sociedade, entre o ensino, a aprendizagem e o popular, se abrindo a novos desenvolvimentos teóricos e experiências práticas. Nesta perspectiva, busca-se conhecimentos e saberes contábeis para gestão dos EES por meio das ações interativas entre educandos e educadores, por meio das quais as ferramentas e controles contábeis são modificados e construídos de forma a atender as demandas e características dos seus usuários.

Rufino (2005) argumenta que para tanto é necessário organizar o conhecimento por meio de um novo entendimento sobre o uso da técnica e da ciência, ao mostrar que a

adoção de uma determinada tecnologia ou técnica é também a aceitação de relações sociais e econômicas pré-estabelecidas.

Freire (2009, p.23) entende o ato pedagógico como processo no qual "Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender". A aprendizagem não se dá, portanto, pela simples "transmissão de conhecimentos", mas no diálogo, considerando os saberes dos educandos e todos os envolvidos no processo aprendem.

Nesse fazer pedagógico há necessidade da reflexão sobre a prática enquanto exigência da relação teoria e prática, possibilitando a autonomia, ou seja, o direito e o dever de participar, de intervir e de decidir. Esse processo pedagógico educativo implica na mudança ou adaptação na aplicação e comunicação dos próprios instrumentos teóricos/científicos ou conceitos usados na contabilidade.

Com isso, procura proporcionar aos educandos instrumentos de gestão para o desenvolvimento de certa autonomia econômica-financeira. Já para os educadores, condições de entender os limites de seu conhecimento na interação com o saber popular trazido pelos trabalhadores e conscientização da necessidade de (re)aprender nessa prática interativa. Para os EES a autonomia é fundamental para garantir a horizontalização das decisões com capacitação para administração coletiva.

Na busca pela formação na autogestão, a metodologia e a dinâmica são acordadas com os educandos e determinantes no trabalho educativo, assim como a adequação dos métodos com os objetivos são decisivas. Culti (2009) analisa os limites intrínsecos ao processo de construção de conhecimentos por meio da ação educativa entre orientadores e trabalhadores cooperados na prática de incubação dos EES. A autora mostra que existe nesse processo dificuldades para ambas as partes, que muitas barreiras são rompidas ao passo que outras ainda não, mas que é inegável a construção e reconstrução de conhecimentos para os atores envolvidos em vários aspectos.

Dessa forma, os contadores, enquanto colaboradores dos EES, devem se atentar pela assessoria promovida, no sentido que estas não supram as dificuldades de gestão dos empreendimentos de forma a fazer todo o trabalho. É necessário compreender a proposta do trabalho como construção do processo de gestão administrativo-financeiro com a participação e interação de educandos e educadores. Assim, a difusão do

conhecimento e utilização de ferramentas e controle contábeis são frutos da relação de troca de saberes realizada.

As teorias até então apresentadas relaciona-se com o fato da gestão democrática e participativa nos EES sugere necessidade de compreender os controles e procedimentos contábeis para concretização da autogestão. Pela teoria institucional, hábitos e rotinas são desenvolvidos e acabam por modelar e criar novas técnicas e procedimentos contábeis. Nesse sentido, ferramentas contábeis são construídas e reconstruídas pelos membros dos EES de forma a possibilitar seu entendimento e manuseio.

As incubadoras auxiliam nesse processo de adaptação das ferramentas contábeis ao fornecer assessoria aos EES. O processo educativo característico da incubação considera o saber popular, trazido pelos trabalhadores, e o acadêmico científico trazido pelos educadores. Essa dinâmica de troca de saberes tem vínculos com educação popular proposta por Paulo Freire, onde, por meio da interação produtiva aproveitam conhecimentos acumulados na vivência social e de trabalho de cada uma das partes. A contabilidade presente nos EES é proveniente de ferramentas e controles criados ou recriados pelos cooperados e muita vezes também moldadas por saber científico advindo do processo de incubação, assim, buscam gerenciar seus empreendimentos e vivenciar a tomada de decisão coletiva.

Quadro 1 - Sintetização e relação entre teorias

Economia Solidária Singer (2004) França Filho (2001)	<p>É compreendida como conjuntos de iniciativas econômicas que objetivam gerar trabalho e renda. Essas iniciativas realizam atividades de produção, distribuição, consumo e crédito, em que os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles. Essas atividades econômicas são organizadas sobre princípios como solidariedade entendida como ação de ajuda mútua na qual as pessoas se unem para superar problemas e dilemas comuns, cooperação em que os objetivos são estabelecidos conjuntamente para que possam ser alcançados, e autogestão caracterizada pela gestão realizada pelos próprios trabalhadores de forma coletiva e democrática.</p>
Autogestão Gaiger (2004) Girard-Nunes (2004)	<p>Modelo de gestão onde as atividades econômicas combinam propriedade e controle dos meios de produção. Nesse modelo, a produção e gestão são realizadas pelos próprios trabalhadores de forma coletiva e democrática, e estes são representados por Diretores e Conselhos Fiscais eleitos por votação. A autogestão representa a autonomia dos cooperados em participar e votar as decisões de cunhos produtivos e administrativo-financeiros da organização. Essas atividades específicas sobre produção e gestão das organizações ficam a cargo de membros específicos como diretor presidente, diretor comercial, diretor financeiro e Conselho Fiscal. No entanto, as decisões a serem tomadas devem ser discutidas e votadas pelos demais membros, e, se estes as considerarem não satisfatórias essas podem e devem ser moldadas ou até mesmo substituídas.</p>
EES Gaiger (2004)	<p>São organizações econômicas formadas por grupos de pessoas que produzem e comercializam seus produtos baseadas nos princípios da Economia Solidária, portanto, tem a autogestão como forma de administrar. Essas organizações juridicamente se manifestam de várias formas entre elas associações e cooperativas, que possuem legislação própria e tratamento contábil com normas específicas.</p>
Contabilidade Hendriksen e Van Breda (2010) Iudícibus (2006) Almeida(2006)	<p>A contabilidade é uma ferramenta que fornece informações úteis para o processo de tomada de decisão. Os usuários da contabilidade são todas entidades (físicas ou jurídicas) que necessitam das suas informações para gestão, sendo assim os EES também são usuários da contabilidade. Os EES estão inseridos no mercado e necessitam de resultados financeiros e econômicos positivos para gerar trabalho e renda a seus membros. Na inserção ao mercado, membros se unem coletivamente e formalizam a união por meio da legalização de personalidade jurídica seja por cooperativa ou associações. Essas, por sua vez, possuem obrigações fiscais e legais que devem ser atendidas para que possam continuar atuando no mercado, e, ainda, possuem tributação e contabilização com tratamento diferenciado variando com as operações realizadas. Além de suprir essas demandas, se tratando de EES, a contabilidade deve servir também como instrumento para difusão das informações referentes à gestão. Os controles contábeis são preenchidos por pessoas específicas dos EES, membros da diretoria que foram eleitos pelo coletivo, porém a tomada de decisão perante as informações obtidas pelos controles, se dá pelo coletivo, propiciando um gestão transparente e participativa.</p>

Continua

Educação Popular Freire (1978) Rezende (2009) Rufino (2005)	<p>A educação popular difundida por Freire traz o conhecimento como decorrência das experiências e reflexões do grupo. Isso remete à forma dinâmica de interpretar a realidade dos sujeitos envolvidos nos EES, considerando as demandas e características do educandos no processo de formação. Esse processo normalmente se dá por meio da incubação, onde, os educadores levam seus conhecimentos conceituais e técnicos para serem aplicados e, os educandos dispõem de liberdade para discutir, usar e adequar esses conhecimentos às suas necessidades. Os EES por terem forma jurídica possuem exigências legais a serem cumpridas e ainda são autogestionários, para atender a ambas necessitam de assessoria contábil, mas essa assessoria não pode ser simplesmente para atender aos aspectos legais e fiscais. É preciso que haja interação entre educandos e educadores de forma a compartilharem conhecimentos, favorecendo tanto a formação dos empreendimentos (aspectos legais) como a sua administração coletiva, possibilitando a compreensão dos controles administrativos-financeiros e a tomada de decisão a partir deles.</p>
Relação entre as teorias	<p>A gestão democrática e participativa nos EES sugere necessidade de compreender os controles e procedimentos contábeis para concretização da autogestão. Ferramentas contábeis são construídas e reconstruídas pelos membros dos EES de forma a possibilitar seu entendimento e manuseio. As incubadoras auxiliam nesse processo de adaptação das ferramentas contábeis ao fornecer assessoria aos EES. O processo educativo característico da incubação considera o saber popular, trazido pelos trabalhadores, e o acadêmico científico trazido pelos educadores. Essa dinâmica de troca de saberes tem vínculos com educação popular proposta por Paulo Freire, onde, por meio da interação produtiva aproveitam conhecimentos acumulados na vivência social e de trabalho de cada uma das partes. A contabilidade presente nos EES é proveniente de ferramentas e controles criados ou recriados pelos cooperados e muitas vezes também moldadas por saber científico advindo do processo de incubação, assim, buscam gerenciar seus empreendimentos e vivenciar a tomada de decisão coletiva.</p>

Fonte: Elaboração própria

3. METODOLOGIA

Segundo Sampieri *et al* (2006), formular o problema de pesquisa não é nada além de aperfeiçoar e estruturar mais formalmente a ideia de pesquisa. Segundo os autores, a etapa que se dá entre a ideia e a formulação do problema pode ser imediata, quase automática, ou levar um considerável período de tempo. Considerando o problema de pesquisa como a pergunta que motiva o desenvolvimento da pesquisa, tem-se que o problema a ser estudado é: a aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil colabora com a melhor compreensão das informações contábeis por parte desses usuários?

As hipóteses são guias de orientação para uma investigação. Segundo Sekaran & Bougie (2009) podem ser definidas como tentativas, ainda testáveis, que prediz o que espera encontrar nos dados empíricos.

Para Sampieri *et al* (2006) as hipóteses indicam o que se busca ou se tenta provar e se definem como tentativas de explicações do fenômeno pesquisado, formuladas como proposições. A hipótese da pesquisa é que a aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil altera o entendimento contábil, contribuindo com o entendimento e utilização de informações contábeis na gestão dos EES.

A pesquisa tem como objetivo principal aplicação de técnica de ensino-aprendizagem contábil baseada nas rotinas gerenciais e demandas dos usuários, com intuito de contribuir com a decodificação da informação contábil e, assim, colaborar com controle gerencial dos empreendimentos. No caso, o estudo considera que se houver uma linguagem contábil adequada, essa será mais bem utilizada na autogestão. Com isso, verificou se a decodificação melhora o aproveitamento das informações contábeis na gestão de EES. Diante disso, foi feito um estudo nas cooperativas de materiais recicláveis da Incubadora Social da UFG que, atualmente, são dezesseis.

O propósito de estudo é causal, e é feito para estabelecer causa e efeito das relações, em que o pesquisador tenta manipular certas variáveis para estudar os seus efeitos na variável dependente. Sampieri *et al* (2006) consideram esse tipo de estudo como correlacional por avaliar a relação entre duas ou mais variáveis. Acrescentam ainda que, nos estudos qualitativos, é possível a correlação entre variáveis, mesmo que não se meçam as relações nem se estabeleça numericamente sua magnitude. Nesse sentido, a pesquisa verifica se a técnica de ensino-aprendizagem contábil corrobora para

maior entendimento e utilização das informações contábeis na gestão administrativo-financeira dos EES.

Sampieri *et al* (2006) defendem que pesquisas qualitativas revelam-se um processo indutivo no qual os dados são analisados à medida que são coletados e deste processo o pesquisador explora, descreve e forma perspectivas teóricas. A teoria é o resultado de pesquisa ou, em outras palavras, envolve inferências generalizáveis por observações. O processo de indução acontece à medida que o trabalho de campo é desenvolvido, e deriva dos dados, ou seja, representa a realidade dos sujeitos e situações estudadas.

O enfoque da pesquisa é qualitativo, uma vez que utiliza o ambiente natural como fonte de dados, e o método de coleta de dados se realiza por meio de descrições, observações e interpretações. Martins (2009) caracteriza a pesquisa qualitativa como pesquisa naturalística, por estudar um fenômeno relativo às ciências humanas e sociais, sendo necessário que o pesquisador entre em contato direto e prolongado com o ambiente no qual o fenômeno está inserido. Assim, foram feitas observações dos cooperados no cotidiano das cooperativas que participam do experimento, buscando compreender os controles gerenciais utilizados, e interpretar demandas contábeis.

A estratégia de pesquisa é o experimento. Este é estabelecido para examinar possíveis relações de causa e efeitos entre as variáveis. Para Martins (2009) os experimentos são os estudos que melhor se adaptam ao propósito de identificação de relações causais entre variáveis. As variáveis independentes são manipuladas e seus efeitos sobre as variáveis dependentes são observados, contribuindo de forma importante para o propósito de identificação de relação causa e efeito entre as variáveis relacionadas para análise.

Os experimentos devem ter pelo menos um grupo experimental com o qual será efetuada a manipulação de variáveis e, posteriormente, medidos os efeitos, e um grupo para comparação (ou grupo de controle). Este último não receberá nenhum estímulo intencional e servirá de padrão para comparar com o grupo experimental.

Sekaran & Bougie (2009) afirmam que a variável dependente é medida ou registrada pelo pesquisador e este tentará entender e explicar suas variações durante a sua investigação. A variável independente é a que supostamente influencia a variável dependente, e esta alteração, para ser comprovada exige que a mudança na dependente esteja associada à mudança na independente, ou seja, nenhum outro fator poderá causar

mudança na dependente. A pesquisa tem como variável independente a aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil e, como dependentes o entendimento contábil quanto ao conteúdo informacional, sua aplicação e domínio. Martins (2009) afirma que um dos grandes desafios do investigador é planejar e executar o experimento de tal forma que interferências de outros fatores sobre a variável dependente - variável de estudo - sejam minimizadas, de forma que os efeitos das variáveis independentes possam ser corretamente avaliados. Conforme Sampieri *et al* (2006) a pesquisa é classificada como quase experimento, por se tratar de experimento natural e, por isso, é inviável o controle de variáveis exógenas, por ser difícil isolá-las.

O desenho de pesquisa foi os Quatro Grupos de Solomon, que permite controlar os efeitos interativos bem como outras variáveis não controladas (SOLOMON, 1949). Solomon descreveu desenho de pesquisa que incorpora a administração pré-teste/pós-teste para os grupos que compõem o experimento e para os grupos controle. A soma desses dois desenhos cria os quatro grupos de Solomon: dois experimentais, que sofrem intervenção, e dois grupos de controle, que não sofrem intervenção. Cada um destes foram compostos por subgrupos: com ou sem pré-teste.

Foram utilizadas as seguintes técnicas para coleta de dados: entrevistas estruturadas, registros em arquivos e observação direta. As entrevistas estruturadas foram feitas com dois membros da diretoria e dois cooperados não membros da diretoria com intuito de capturar informações sobre o entendimento contábil quanto ao conteúdo informacional, sua aplicação e domínio por parte dos membros das cooperativas.

O registro em arquivo descreveu as análises e compreensão dos registros operacionais no que tange aos controles administrativo-financeiros utilizados e criados nas cooperativas. Por último, a observação direta permitiu captar alguns comportamentos ou condições ambientais relevantes, sendo que esta pode ser formal, como o acompanhamento da prestação de contas e pagamentos realizados nas cooperativas, e informais, como espaço físico e relações interpessoais.

A parte empírica da pesquisa foi composta por dezesseis cooperativas distintas, sendo oito controles que pertencem aos Grupos 2 e 4, e oito experimentais que pertencem aos Grupos 1 e 3. Os quatro cooperados do Grupo 1 passaram pelo pré-teste e os quatro do Grupo 3 não passaram, assim como os quatro cooperados do Grupo 2 passaram pelo pré-teste e os quatro do Grupo 4 não passaram. Isso permitiu verificar se houve influência exógena, em que o efeito observado não foi pela intervenção, mas por

outros fatores, como a aplicação do pré-teste. A distinção das cooperativas quanto a controle ou experimental, com pré-teste ou não, está no quadro 3:

Quadro 2 - Distinção das cooperativas na parte empírica da pesquisa

Cooperativa	Cidade	Aplicação da técnica de ensino e aprendizagem	Pré-teste	Grupo
Coocamare	Goiânia	Experimento	Pré-teste	GRUPO 1
Cooper Rama	Goiânia	Experimento	Pré-teste	GRUPO 1
Coocap	Aparecida de Goiânia	Experimento	Pré-teste	GRUPO 1
Coopercan	Anápolis	Experimento	Pré-teste	GRUPO 1
Cooper Fami	Goiânia	Controle	Pré-teste	GRUPO 2
Recicla Canedo	Senador Canedo	Controle	Pré-teste	GRUPO 2
Acop	Goiânia	Controle	Pré-teste	GRUPO 2
Cooper Sólidos	Anápolis	Controle	Pré-teste	GRUPO 2
Cooper Mas	Goiânia	Experimento		GRUPO 3
Guarany	Goiânia	Experimento		GRUPO 3
Cooper Trin	Trindade	Experimento		GRUPO 3
Cooper Nero	Nerópolis	Experimento		GRUPO 3
Cooprec	Goiânia	Controle		GRUPO 4
Coorfap	Aparecida de Goiânia	Controle		GRUPO 4
Cooper Veneza	Nova Veneza	Controle		GRUPO 4
Cooper Hidro	Hidrolândia	Controle		GRUPO 4

Fonte: Elaboração própria

O pré-teste consistiu em entrevistas realizadas com dois cooperados membros da diretoria e dois cooperados não membros da diretoria, totalizando 32 entrevistas, além de anotações diversas provenientes de observações diretas por meio da livre circulação nas áreas das cooperativas. Da mesma forma, após a intervenção, foi feito o pós-teste nas 16 cooperativas, totalizando 61 entrevistas. As entrevistas tiveram em média 8 minutos de duração e o tempo de observação ficou em torno de cinco meses, sendo que fevereiro foi realizado o pré-teste, julho as observações e de setembro à novembro o curso e entrevista do pós-teste.

Considerando que de cada cooperativa quatro cooperados participaram, o total de entrevistas seria 64. No entanto, um cooperado participante do curso se recusou a

fazer entrevista e outros dois não quiseram participar do terceiro e último módulo do curso e consequentemente não fizeram a entrevista.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para, então, serem analisadas por meio de técnica de análise de conteúdo. Para Martins (2009) é uma técnica para se estudar e analisar a comunicação de maneira objetiva e sistemática, e busca a essência de um texto nos detalhes das informações, dados e evidências disponíveis. A análise do contexto ou o significado de conceitos nas mensagens transcritas foram feitas por elementos básicos de análise, relativos às expressões e/ou às proposições sobre entendimento contábil dispostas nas categorias conceituais contábeis que consta no apêndice B.

A natureza qualitativa desta pesquisa requer método de análise de dados que não esteja centrado apenas na descrição de dados coletados. Conforme Bardin (2008), a análise deve ocorrer por meio de procedimentos objetivos e sistemáticos que permitam a inferência, ou seja, a ligação de elementos do discurso à categoria conceitual inferida.

Para tanto, as unidades de análise foram codificadas em Unidades de Registro (UR), como menor recorte de ordem semântica que se liberta do texto, podendo ser uma palavra-chave, um tema, e também Unidade de Contexto (UC), que deve fazer compreender a unidade de registro, tal qual a frase para a palavra. Para isso, ambas as unidades de análises foram organizadas em categorias conceituais, representando o entendimento contábil que se testou, sendo que seu valor conceitual foi obtido quando descritos nos dados transcritos e observados.

A técnica de ensino-aprendizagem contábil se deu por meio de curso ministrado em quatro módulos em três dias distintos com duração média de três horas cada módulo. A escolha dos módulos foi baseada nas rotinas e vivências de gestão e controles contábeis utilizados pelas cooperativas. Os módulos ministrados pela pesquisadora trataram sobre Folha de Pagamento, Livro-caixa e, no último, Livro-fundo e Prestação de Contas. Isso foi feito por meio de apostila construída utilizando o contexto geral das práticas e controles administrativo-financeiros usados na gestão das cooperativas, conforme apêndice C.

Quadro 3 - Resumo dos conceitos trabalhados nos módulos ministrados

Livro Caixa	Livro em que é anotado a movimentação financeira diária da cooperativa. O conceito de entrada, saída e saldo foram trabalhados fazendo menção a uma gaveta na qual o dinheiro da cooperativa é guardado. Essa gaveta tem um responsável que anota tudo o que acontece com ela. Então, quando o material é vendido pela cooperativa entra dinheiro na gaveta, logo, anoto este valor na entrada. Quando a cooperativa realiza algum pagamento sai dinheiro da gaveta logo, anoto o valor na saída. O saldo representa quanto de dinheiro tem na gaveta.
Folha de Pagamento	Neste módulo foi trabalhado como calcular o pagamento para os cooperados. Duas informações foram ditas como fundamentais para fazer o pagamento: o total de dias trabalhados por cada cooperado demonstrado pela Folha de Ponto, e o valor referente às vendas que será base para divisão, ou seja, depois de retirar o valor para pagamento das despesas e fundo da cooperativa. Dividindo esse valor das vendas pelo total de dias trabalhados encontra-se o que é chamado de valor da diária. Sabendo o valor da diária basta multiplicar pelos dias trabalhados por qualquer cooperado pra saber quanto cada um terá que receber.
Livro do Fundo	Foi explicado que o Fundo normalmente é utilizado para pagar despesas inesperadas ou esporádicas da cooperativa. Não existe um percentual específico a ser retirado, normalmente é feito o que foi proposto em estatuto. Seu controle é semelhante ao do Livro Caixa, ou seja, é necessário anotar a entrada e saída de dinheiro realizadas.
Prestação de Contas	Na prestação de contas foi utilizado os demonstrativos da Folha de Pagamento, Livro Caixa e Livro Fundo para explicar aos demais cooperados os valores que entraram e saíram da cooperativa. Ressaltando a importância dos documentos estarem identificados corretamente com o nome e CNPJ da cooperativa.

Fonte: Elaboração própria

O material da apostila foi composto por exercícios práticos sobre preenchimento do Livro-caixa, cálculo da Folha de pagamento e Livro-fundo. Além disso, os comprovantes de receitas e despesas usados como exemplo nas apostilas foram relacionados com o contexto desses mesmos documentos que compõem o dia a dia das cooperativas.

Com a autorização de uma cooperativa, foram utilizados, como exemplo, os comprovantes de receitas e despesas do mês de agosto de 2015 para os exercícios realizados durante o curso ministrado para as cooperativas. Em todos os comprovantes foram suprimidas informações que identificasse a cooperativa, como, nome CNPJ, endereço e assinatura de diretores.

No cálculo da Folha de pagamento foi utilizado exemplo de Folha de Ponto assinada corretamente e sem rasuras no intuito de demonstrar a importância do seu preenchimento correto e diário para o cálculo do rateio dos cooperados. O modelo da Folha de Ponto foi solicitado a uma cooperativa que prontamente disponibilizou-o para ser usado no curso. O modelo disponibilizado estava em branco para resguardar nomes e documentos dos cooperados, e após tirar quatro cópias para colocar na apostila do curso, eles foram preenchidos por quatro estagiários da Incubadora Social da UFG pertencentes à equipe de contabilidade. Foi solicitado que dois desses estagiários

colocassem dois dias de falta no modelo de Folha de Ponto que poderiam ser em dias e períodos diferentes para ficar o mais próximo da realidade vivenciada nas cooperativas.

No último dia, no módulo Livro-fundo foi feito exemplo de como deve ser realizado o controle das entradas e retiradas do Fundo da cooperativa. Este Fundo normalmente é chamado de taxa administrativa, em grande parte das cooperativas ele tem o valor fixo de 10% do total das vendas da cooperativa no período e é utilizado para cobrir despesas esporádicas.

Na Prestação de Contas foram esclarecidos todos os comprovantes utilizados no preenchimento do Livro-caixa e o saldo atual. Em seguida, os valores e critérios utilizados para cálculo da Folha de Pagamento contidos na memória de cálculo, e, por fim, o valor que foi destinado para o Fundo, gastos esporádicos que foram considerados e o seu saldo atual. A prestação de contas foi feita por um dos participantes do curso, preferencialmente não membro da diretoria, para todos os demais cooperados da cooperativa.

Os cursos foram ministrados nas próprias cooperativas nos dias e horários acordados com os cooperados. Cada módulo foi ministrado sequencialmente uma vez na semana, à tarde ou pela manhã conforme acordo anteriormente feito com a cooperativa. No último dia de curso foi realizada entrevista para o pós-teste, e, para o caso das oito cooperativas que não participaram do curso as entrevistas do pós-teste foram realizadas em dias à parte conforme autorização das mesmas.

A medição do efeito do curso ministrado foi feita comparando as notas, representadas pelas descrições das categorias conceituais realizadas nas entrevistas antes e depois do curso. Para comparar as notas e verificar possíveis divergências das categorias conceituais descritas antes e depois do curso foi utilizado o teste estatístico Postos Sinalizados de Wilcoxon (PAGANO & GAUVREAU, 2004).

O pacote estatístico utilizado foi SPSS versão 22 64 bits, que faz a soma dos postos com o sinal menos frequente, $T_{mín}$, e, ainda, fornece a estatística, chamada t . Segundo Pagano & Gauvreau (2004), se a amostra é pequena, ou seja, menor ou igual a 12, não podemos assumir que a estatística de teste t segue satisfatoriamente uma distribuição normal padrão. Sendo assim, estão disponíveis tabelas para auxiliar a decisão de rejeitar a hipótese nula.

Dessa forma, conforme anexo E, foi utilizada a tabela como parâmetro de intervalo para rejeitar a hipótese e como não se conhece a direção do teste a análise feita

foi bilateral. Porém, a tabela encontra os valores para teste unilateral para fazer a análise bilateral os valores foram multiplicados por 2. Exemplo: O teste de significância considerando a amostra resultou em 0,206. Assim, considerando que o tamanho da amostra foi 6 e que o $T_{\min}$ foi 4,5 o valor estará entre o T_0 apontado entre 4 e 5 na tabela que resulta no valor de 0,256. Como 0,206 é menor que 0,256 rejeita H_0 .

Segundo Dancey (2006) esse teste deve ser utilizado em duas situações experimentais, quando são utilizados os mesmos sujeitos ou sujeitos emparelhados, ou seja, sujeitos que sejam, tanto quanto possível, comparáveis. O teste possibilita comparar as diferenças entre as notas, levando em consideração a magnitude dessa diferença, dizendo qual delas é maior, isto é, determinando o sentido da diferença e ainda ordenando essas diferenças no sentido de seu valor absoluto.

A confrontação das notas auferidas nas etapas do experimento permitiu comparar o entendimento contábil dos cooperados para verificar se existiram diferenças significativas entre os resultados nas situações: antes e depois do pré-teste, antes e depois do curso com pré-teste e antes e depois do curso sem pré-teste.

Conforme o desenho do experimento feito com as cooperativas, as etapas foram nomeadas para fins de identificação, conforme demonstrado no quadro 4.

Quadro 4 - Resumo do desenho do experimento

GRUPOS	PRÉ	INTERVENÇÃO	PÓS
GRUPO 1	O1	X	O2
GRUPO 2	O3		O4
GRUPO 3		X	O5
GRUPO 4			O6

Fonte: Adaptado Sekaran&Bougie (2009)

Os termos O1 a O6 representam as notas auferidas em cada etapa do experimento. Sendo assim, O1 representa a nota auferida no pré-teste com os cooperados do Grupo 1 e O2 representa a nota auferida após o curso por este mesmo grupo. O3 é a nota obtida no pré-teste para os cooperados do Grupo 2 e O4 a nota obtida no pós-teste pelo grupo. O5 é a nota apurada com os cooperados do Grupo 3 por meio do pós-teste após o curso. O6 representa a nota apurada no pós-teste com os cooperados do Grupo 4.

As notas são resultantes das descrições feitas durante as entrevistas que remetem às categorias conceituais. As entrevistas foram feitas individualmente e as descrições computadas por cooperado, separando as repostas obtidas por diretores e não diretores. As confrontações realizadas das notas auferidas antes e depois nas etapas do experimento foram feitas com pares de indivíduos dependentes, ou seja, com sujeitos pareados antes da intervenção.

Segundo Mattos (2006, p.349) não é possível ignorar o efeito da presença e das situações criadas por uma das partes (o "entrevistador") sobre a expressão da outra (o "entrevistado"). Portanto, a comparação entre os grupos que realizaram o pré-teste e aqueles que não o realizaram, que, portanto, não participaram do tratamento, possibilitou verificar se a alteração das notas é fruto dessa intervenção ou de outros fatores, como curso sobre Livro-caixa realizado por terceiros na cooperativa ou até mesmo pela própria realização do pré-teste.

Esse desenho, Quatro grupos de Solomon, possibilita calcular o efeito do tratamento de várias maneiras distintas (SOLOMON, 1949). Para Sekaran & Bougie (2009) esta forma de desenhar o experimento aumenta a validade interna dos resultados e ainda apresenta índices mínimos de probabilidades com problemas com validade interna. No quadro 5 estão as possibilidades de medir o efeito:

Quadro 5 - Formas de medir o efeito da intervenção

Formas de auferir a intervenção	O2-O1
	O2-O4
	O5-O6
	O5-O3
	(O2-O1)-(O4-O3)

Fonte: Adaptado Sekaran&Bougie (2009)

O formato do desenho experimental possibilita estimar outros impactos ocorridos no experimento, além do efeito da intervenção. Permitiu verificar se houve efeito interativo causado simplesmente pelo contato com o entrevistador no pré-teste ou no tratamento, afetando a resposta ao teste. Como, por exemplo, o entrevistado ficou estimulado com as perguntas realizadas no pós-teste e buscou por si próprio conhecimento sobre assunto, interferindo na maneira normal de reagir ao tratamento.

Outra verificação é o efeito das variáveis não controláveis como, por exemplo, algum curso ministrado na cooperativa por terceiros sobre o Livro-caixa. Esse curso poderia alterar as respostas durante o experimento e não é devido à intervenção, mas ao curso ministrado. O efeito da intervenção foi denominado E , o efeito interativo I e os efeitos das variáveis não controladas U .

Quadro 6 - Formas de medir os efeitos

$(O2-O1)$	$E+I+U$
$(O4-O3)$	U
$O5-0,5(O1+O3)$	$E+U$
$O6-0,5(O1+O3)$	U
$(O5-0,5(O1+O3)) - (O6-0,5(O1+O3))$	E
$(O2-O1) - (O5-0,5(O1+O3))$	I

Fonte: Adaptado Sekaran&Bougie (2009)

O teste de Postos Sinalizados de Wilcoxon é um método não-paramétrico para comparar amostras emparelhadas e é baseado nos postos das diferenças intrapares. O teste de Wilcoxon é extremamente útil para os cientistas do comportamento. Este teste para dados pareados, ao invés de considerar apenas o sinal das diferenças entre os pares, considera o valor dessas diferenças, sendo assim um teste Não-Paramétrico dos mais poderosos e “populares” (MARGOTTO, 2002).

Esse teste compara pares de sujeitos no sentido de verificar se existem diferenças significativas (d) entre os resultados em duas situações, normalmente antes e depois. Os resultados da Situação B (depois) são subtraídos dos da Situação A (antes) e à diferença resultante (d) é atribuído o sinal mais (+) ou, caso seja negativa, o sinal menos (-). Essas diferenças são ordenadas em função da sua grandeza (independentemente do sinal positivo ou negativo), o ordenamento ocorre atribuindo postos a cada d , sendo que ao menor d atribui o posto 1; ao próximo, o posto 2 e assim por diante (STEVENSON, 1981).

Eventualmente, os escores de dois pares serão iguais, logo, a diferença será nula e os casos são excluídos da análise reduzindo dessa forma o valor de n (amostra). O outro tipo de empate é quando duas ou mais diferenças têm o mesmo valor absoluto. Neste caso, atribui-se o mesmo posto aos empates (STEVENSON, 1981).

A hipótese de nulidade H_0 para o teste de Wilcoxon é que existam apenas diferenças aleatórias. Então, haverá aproximadamente o mesmo número de ordens elevadas e de ordens inferiores tanto para as diferenças positivas como negativas. Caso se verifique uma preponderância de baixos resultados para um dos lados, isso significa a existência de muitos resultados elevados para o outro lado, indicando uma diferença em favor de uma das situações, superior àquilo que seria de esperar se os resultados se devessem ao acaso (STEVENSON, 1981).

T é a soma dos postos positivos e negativos, e seja $T_{\min}$ a menor soma dos postos de mesmo sinal, isto é, a soma dos postos positivos ou a soma dos postos negativos (a que for menor). Se o T observado não supera o valor dado na tabela do referido teste de Wilcoxon sob determinado nível de significância para uma amostra de tamanho n , rejeita-se a hipótese de nulidade àquele nível (PAGANO & GAUVREAU, 2004).

A prova de Wilcoxon foi escolhida por se tratar de um caso de duas amostras relacionadas e por proporcionar escores de diferenças que podem ser ordenados segundo seus valores absolutos. Como não se sabe o sentido da diferença do teste, ou seja, as diferenças podem assumir valores positivos ou negativos, a região de rejeição é bilateral, pois não prevê o sentido da diferença. Dessa forma, têm-se as seguintes hipóteses a serem testadas:

$H_0: \mu = \mu$ (Não existem diferenças entre as medianas).

$H_1: \mu \neq \mu$ (Existem diferenças entre as medianas).

Quadro 7 - Síntese da Metodologia

Problema de pesquisa	Aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil colabora com a melhor compreensão das informações contábeis por parte desses usuários?
Objetivo	A pesquisa tem como objetivo principal verificar se a aplicação de técnica de ensino-aprendizagem contábil baseada nas rotinas gerenciais e demandas dos usuários contribui com a decodificação da informação contábil, colaborando com o controle gerencial dos empreendimentos. No caso, o estudo considera que a linguagem contábil existente corrobora para não utilização por parte dos usuários e, assim, por meio de uma linguagem mais acessível procura contribuir com a utilização da informação contábil como mecanismo de controle e como ferramenta útil na tomada de decisão. Nesse sentido, irá verificar se a decodificação melhora o aproveitamento das informações contábeis na gestão dos EES.
Metodologia	Foi realizado experimento nas dezesseis cooperativas de materiais recicláveis da Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás, o experimento consistiu na aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil para oito cooperativas selecionadas aleatoriamente que foram chamadas de grupo experimento e as demais denominadas grupos controle. Esses grupos foram divididos em dois subgrupos, composto por quatro cooperativas escolhidas aleatoriamente que participaram do pré-teste e quatro que não participaram do pré-teste. A técnica de ensino-aprendizagem contábil é baseada em um curso ministrado que trata sobre os módulos: Livro Caixa, Folha de Pagamento, Livro Fundo e Prestação de Contas, participaram quatro membros de cada cooperativa, sendo dois membros da diretoria e dois não membros da diretoria. No pré-teste e no pós-teste foram realizadas entrevistas estruturadas com intuito de capturar informações sobre a perspectiva contábil quanto ao conteúdo informacional, sua aplicação e domínio por parte dos membros das cooperativas. A Análise de Conteúdo feita das respostas das entrevistas estruturadas consistiu em verificar a frequência que aparecem as categorias conceituais ou expressões transcritas que remetem a essas mesmas categorias. Além das entrevistas, foi utilizado outras técnicas como registro em arquivos, analisando controles normalmente utilizados nos EES e observação direta das rotinas dos

Continua

Etapas do Experimento	Primeiramente foi feita seleção das cooperativas por meio da ferramenta excel para identificar as que iriam compor o grupo experimento e controle. Em seguida com a mesma ferramenta foi selecionado quatro cooperativas de cada grupo que participariam ou não do pré-teste, o resultado consta no quadro 2. Foi elaborado roteiro da entrevista estruturada conforme anexo 1 baseada na captura da perspectiva contábil quanto ao conteúdo informacional, aplicação e domínio, e, para analisar as respostas das entrevistas foi elaborado categorias conceituais conforme anexo 2 que foram buscadas nos trechos das entrevista seja por meio de palavra seja pelo significado do contexto colocado pelo respondente.
	Em seguida foi realizado pré-teste que consistiu na aplicação da entrevista estruturada para quatro cooperativas pertencentes ao grupo experimento e quatro cooperativas pertencentes ao grupo controle. O pré-teste é a análise inicial dos grupos, ele possibilita verificar no final do experimento se houve alguma alteração da perspectiva contábil nos grupos pela sua simples aplicação ou por outros fatores externos, ou seja, que não seja pela aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil.
	Posteriormente foi realizado o experimento com oito cooperativas por meio de um curso ministrado em três módulos consecutivos em três dias distintos com duração média de três horas cada módulo. Os módulos ministrados trataram sobre Folha de Pagamento, Livro Caixa e Livro do Fundo e Prestação de Contas respectivamente. Para tanto, foram elaboradas apostilas baseadas nas práticas de produção e gestão das cooperativas, elas serão compostas por exercícios práticos sobre preenchimento do livro caixa, cálculo da folha de pagamento e Livro do Fundo. Os comprovantes de receitas e despesas usados como exemplo estão relacionados com o contexto desses mesmos documentos que compõe o dia-dia das cooperativas. No cálculo da Folha de Pagamento foi utilizado exemplo de folha de ponto assinada corretamente e sem rasuras no intuito de demonstrar a importância do seu preenchimento correto e diário para o cálculo do rateio dos cooperados. E no último dia, na parte da prestação de contas um dos participantes do curso esclareceu os comprovantes da movimentação financeira ocorrida no Livro Caixa, valores e critérios considerados para fazer o pagamento, as entradas e saídas do Livro do Fundo e o seu saldo atual.
	A última etapa foi a análise de conteúdo das entrevistas estruturadas aplicadas para os grupos após a aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil e compilação das análises dos registros em arquivos e observação direta realizadas nos períodos de permanência nas cooperativas. A técnica estatística empregada para analisar as notas captadas na análise de conteúdo foi o Teste de Postos Sinalizados de Wilcoxon, esse teste analisa alteração das medianas das notas auferidas por meio da descrição categorias conceituais nas entrevistas. Se as medianas são equivalentes, isto é, se hipótese nula é verdadeira é de se esperar que algumas das maiores diferenças sejam positivas e outras negativas. Se houver diferença entre as medianas é sinal que não se equivalem e deve-se então rejeitar a hipótese nula. As análises feitas permitiram verificar se as diferenças são recorrentes ao efeito do tratamento (E), efeitos interativos (I) e efeito das variáveis não controladas (U).

Fonte: Elaboração própria

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Pelos acompanhamentos realizados nos EES, foram feitas anotações diversas sobre as ferramentas e controles contábeis utilizados. Foi visto que todas possuem Folha de Ponto e Livro-caixa. O primeiro é preenchido por eles mesmos diariamente e o segundo é preenchido semanalmente com acompanhamento do bolsista da contabilidade fornecido pela Incubadora Social da UFG. Nem todas cooperativas, porém, discutem ou apresenta o Livro-caixa em assembleia.

Todas as cooperativas possuem folha de pagamento, sendo que cada uma utiliza parâmetros discutidos em reuniões para fazer o rateio, sendo que algumas é por dia, por hora, outras por período diferente e definido pelos cooperados. O pagamento é feito com a utilização do Excel com planilhas criadas pela Incubadora Social da UFG, nele tem um demonstrativo das vendas realizadas, a frequência dos cooperados e o valor a ser recebido. Pelas observações realizadas, percebe-se que poucos cooperados entendem os pagamentos recebidos e os descontos que foram realizados.

O demonstrativo das sobras e perdas do exercício é representado pelo Livro-fundo. O Fundo da cooperativa normalmente representa 10% da sua receita total, 62% dos EES retiram fundo e fazem relatório do valor arrecadado, que, normalmente é gasto para eventualidades e 13º pagamento dos cooperados. A existência do controle do Livro-fundo possibilita visualizar a ideia de sobra ou perda, pois os valores vão se acumulando no decorrer dos meses e quando o saldo é influenciado de forma positiva e negativa nota-se que naquele período houve sobra ou perda. A falta do controle ou até mesmo a não retirada do Fundo impossibilita essa percepção com o passar do tempo para as cooperativas que não elaboram o livro.

Quanto ao balancete e balanços, eles são elaborados pela equipe da contabilidade da Incubadora Social da UFG em período trimestral. No entanto, não chegam a ser demonstrados e nem discutidos nas cooperativas. Basicamente são utilizados para cumprimento da legislação e como comprovantes para órgãos de fomento.

A prestação de contas realizada nas cooperativas é baseada apenas no Livro-caixa. Nela, segundo relatos, é informado os gastos e as vendas de materiais feitas pela

cooperativa naquele período, sendo comprovado pelos documentos de despesas e receitas que a Incubadora ajuda a organizar e arquivar.

O quadro 8 resume a análise de alguns trechos específicos captados durante a entrevista no pré-teste. Nele foram transpostas notações que permitiram a interpretação dos conteúdos dos discursos em relação às categorias conceituais construídas e o entendimento das perguntas realizadas durante as entrevistas.

Quadro 8 - Protocolo de análise realizada no pré-teste

Protocolo de Análise		
Categoria	Enunciado	Notação
Folha de Ponto	"Controlar quando as pessoas chega, horário que sai horário que entra, sempre acompanho. Não".	Essa declaração é quanto a pergunta " Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado?". A cooperada compreende a folha de ponto como um tipo de controle. No entanto declara que não sabe como ela é feita, apenas sabe para que serve.
Folha de Ponto	"A gente escreve o nosso horário este é um deles, supor que hj o Ricardo veio e ele trabalhou das 08:00 as 10:00. vai ficar registrado a gente registra tudo isso, além do horário para o financeiro também registra a passagem dele por aqui, isso tudo para ter controle geral"	Essa declaração é quanto a pergunta " Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado?". A cooperada compreende a folha de ponto como um tipo de controle.
Pagamento	O rateio é distribuído segundo a folha de ponto pelas horas por dia, pelos dias trabalhados.	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada compreende que o pagamento é feito baseado nas horas ou dia trabalhado de cada cooperado.
Pagamento	"Da cooperativa sim. Tem rateio todo mês paga energia, água e aluguel e o restante a gente distribui de maneira igual para todos os cooperados conforme os dias trabalhados de cada um".	Essa declaração é quanto à pergunta "Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada tem conhecimento do processo de divisão das receitas pelas vendas de material efetuado, em que primeiro é feito o pagamento das despesas e dividido o que sobra conforme a quantidade de dia trabalhado para cada um.
Caixa	"Sim, caixa movimentação diária tudo que entra na cooperativa tudo que a gente vende e tudo que a gente paga."	Essa declaração é quanto a pergunta "Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado?". A cooperada entende que preenchimento do livro caixa deve ser realizado diariamente e é composto pelas vendas de material e despesas da cooperativa.

Continua

Registro	Entendo.Tudo que é vendido em cheque ou dinheiro tudo é anotado num caderninho quando que deu pra quando chegar no final da quinzena a gente saber quanto tem em caixa para distribuir".	Essa declaração é quanto a pergunta "Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado?". Demonstra compreender a importância do registro das atividades operacionais para fazer o rateio para os cooperados.
Prestação de Contas	"Porque traz mais esclarecido o que tu ta vendendo pelo preço tal e aí no final vc vai saber se realmente assim a lista de material que vc comercializou e na verdade está lá comercializado a lista de papelão o preço que foi vendido a quantidade de plástico e por quantidade peso e preço, ai vc ver que foi na prestação de contas que vc observa isso"	Essa declaração é quanto a pergunta " Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade? Por que? ". O cooperado compreende que na prestação de contas é possível saber os materiais que foram comercializados naquele determinado período e o valor de venda de cada um desses, possibilitando a este ter conhecimento da receita da cooperativa e do volume de material vendido.
Fundo	"Na hora divisão tem que tirar os 10% que é da contribuição e essa sobra é retirada para cobrir algumas contas que a gente faz, tipo água energia essas coisa o fundo vai servir para essas coisas, e pagando tem que sobrar alguma coisa e nesse sobrar vai ficar no caixa para quando o mês que vem está completando com mais alguma coisa para ter sempre um dinheiro em caixa para não está no vermelho"	Essa declaração é quanto a pergunta " Olhando os controles existentes consegue identificar se a cooperativa teve sobra em determinado período? Explique". O cooperado demonstra pela declaração entender no que consiste a sobra da cooperativa quando cita que na sua Cooperativa é retirado 10% para pagamento de despesa e o que resta é guardado para cobrir possíveis eventualidade.
Documento	"A gente faz o rateio na sexta feira e divide entre os cooperados retira o fundo paga as conta é o que vai ficar juntando com os próximos que vai ter."	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada demonstra entender que do dinheiro das vendas é feito o rateio para os cooperados e que parte desse dinheiro é usado para pagar despesas e outra parte retira para deixar com fundo e este vai acumulando com o tempo.

Fonte: Elaboração própria

As primeiras entrevistas transcritas e analisadas são referentes ao pré-teste. Elas representam as categorias conceituais descritas nas entrevistas realizadas com oito cooperados do Grupo 1 e oito cooperados do Grupo 2. As notas auferidas decorrente das categorias conceituais descritas são as primeiras impressões acerca do entendimento contábil dos cooperados.

Foi feita uma adaptação no quadro de categorias conceituais para fazer a análise no pós-teste e refazer a análise do pré-teste. A palavra "sobra" foi suprimida do quadro de categorias conceituais por se tratar de um tipo de resultado da cooperativa e, a palavra "resultado" já está presente no quadro, abarcando as duas possibilidades: sobra ou perda.

Outra adaptação foi feita para fazer as entrevistas no pós-teste, a pergunta 8 "Olhando os controles existentes consegue identificar se a cooperativa teve sobra em determinado período? Explique" foi suprimida do roteiro de entrevista pelo fato da pergunta 7 "Consegue identificar nos controles financeiros como se chega no resultado da cooperativa? Explique" já questionar sobre o resultado e de forma abrangente por não especificar o resultado, podendo tratar de sobra ou perda. No apêndice A foi colocado entre aspas às reformulações das perguntas realizadas durante as entrevistas, no pré-teste e pós-teste, quando o cooperado afirmava que não havia compreendido a pergunta.

Nas próximas tabelas estão as categorias conceituais que foram descritas nas entrevistas realizadas no pré-teste. Foram considerados trechos representativos dos sentidos produzidos através de expressões informadas nas entrevistas que confrontam com as categorias conceituais estabelecidas.

Tabela 1 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 1

Categorias Conceituais	Coocamare		Cooper Rama		Coocap		Cooper Can		Total
	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	
Folha de Ponto		1				1		1	3
Receita		1	1	1		1	1	1	6
Despesa				1		1		1	3
Resultado	1	1							1
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento		1		1			1	1	4
Caixa		1	1	1					3
Registro		1		1					2
Prestação de Contas		1		1					2
Fundo						1			1
Documento	1	1	1	1					3
Notas	2	8	3	7	0	4	2	4	30

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 1 estão as categorias conceituais descritas pelos diretores do Grupo 1, composto pelos cooperados que participaram do pré-teste e da intervenção. A nota auferida corresponde ao somatório das categorias conceituais descritas, ou seja, dentre os conceitos apresentados quais foram descritos durante a entrevista. As categorias conceituais propostas são treze, sendo assim, as notas auferidas podem variar de 0 a 13. Logo, a maior nota auferida pelos cooperados do Grupo 1 foi 8 e a menor nota auferida foi 0. Dentre os conceitos os conceitos descritos durante a entrevista destaca-se o de Receita e Pagamento.

Tabela 2 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 1

Categorias Conceituais	Coocamare		Cooper Rama		Coocap		Cooper Can		Total
	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	
Folha de Ponto		1	1		1			1	4
Receita	1				1				1
Despesa						1			1
Resultado									0
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento									0
Caixa									0
Registro				1					1
Prestação de Contas		1		1		1			3
Fundo									0
Documento	1		1						1
Notas	2	2	2	2	2	2	0	1	13

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 2 estão as categorias conceituais descritas pelos não diretores do Grupo 1 nas entrevistas realizadas no pré-teste. Considerando as categorias conceituais propostas, as notas auferidas representam quantas foram descritas durante a entrevista. Sendo que a maior nota foi 2 e menor nota foi 0. Os conceitos de Folha de Ponto e Prestação de Contas foram os mais descritos durante as entrevistas.

Tabela 3 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 2

Categorias Conceituais	Acop		Cooper Fami		Recicla Canedo		Cooper Sólidos		Total
	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	
Folha de Ponto			1	0		1			2
Receita		1		1	1	1	1	1	6
Despesa				1		1			2
Resultado	1								1
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento		1	1	1			1	1	5
Caixa		1		1					2
Registro				1					1
Prestação de Conta	1			1		1			3
Fundo		1		1	1	1			4
Documento		1		1					2
Notas	2	5	2	8	2	5	2	2	28

Fonte: Elaboração própria

As categorias conceituais foram descritas pelos diretores do Grupo 2 estão na tabela 3. Neste grupo estão os cooperados que participaram do pré-teste, mas não participaram da intervenção. Considerando as categorias conceituais propostas, as notas auferidas representam quantas foram descritas durante a entrevista. Sendo que a maior nota foi 8 e menor nota foi 2. Os cooperados apresentaram pelas entrevistas feitas terem mais conhecimento sobre Receita, Pagamento e Fundo.

Tabela 4 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 2

Categorias Conceituais	Acop		Cooper Fami		Recicla Canedo		Cooper Sólidos		Total
	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	
Folha de Ponto				1				1	2
Receita	1	1		1				1	4
Despesa				1					1
Resultado									0
Balanco									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento			1	1		1	1	1	5
Caixa									0
Registro				1	1				2
Prestação de Conta		1							1
Fundo				1		1			2
Documento								1	1
Notas	1	2	1	6	1	2	1	4	18

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 4 estão as categorias conceituais descritas pelos não diretores do Grupo 2. A nota auferida corresponde aos conceitos descritos durante a entrevista. Considerando as treze categorias conceituais, a maior nota auferida foi 6 e a menor nota auferida foi 1. Os não diretores demonstraram ter mais conhecimento sobre Receita e Pagamento.

Assim como no pré-teste, para o pós-teste também foi elaborado um protocolo de análise. Nele foram transpostas notações que permitiram a interpretação dos conteúdos dos discursos em relação às categorias conceituais propostas e o entendimento das perguntas realizadas durante as entrevistas. As notações apresentadas são expressões usadas pelos próprios entrevistados ao descrever alguma categoria conceitual ou expressar seu entendimento sobre a mesma.

Quadro 12 - Protocolo de Análise pós-teste

Protocolo de Análise		
Categoria	Enunciado	Notação
Folha de Ponto	"Os cooperados chegam batem o ponto e quando vão sair também, no final do mês junto com o pessoal da incubadora a gente anota e soma as horas que todo mundo trabalhou para fazer o pagamento".	Essa declaração é quanto a pergunta " Conhece os controles administrativos e financeiros utilizados pela cooperativa"? A cooperada compreende a folha de ponto como um tipo de controle. E sabe que ela é fundamental para realização do pagamento.
Folha de Ponto	"Uai tem a folha ponto que tem os horários que cada um saiu ou chegou."	Essa declaração é quanto a pergunta "Conhece os controles administrativos e financeiros utilizados pela cooperativa"? A cooperada compreende a folha de ponto como um tipo de controle.
Pagamento	"A gente soma todas as vendas, depois de somar todas essas vendas a gente tira os 10% que é fundo de reserva da cooperativa e divide para a quantidade de cooperados. A gente vai saber quando deu por pessoas, independente que tenha falta ou não. Depois de dividir por exemplo, deu trezentos reais para cada um. A gente vai pegar esses trezentos reais dividir por 10 para saber o valor da diária. Sabendo o valor da diária a gente vai saber o quanto as pessoas que tem falta vai receber e os que não têm vai receber com os bônus. Até então você soube o quanto cada um vai receber sem as faltas e sem os bônus. A partir do momento que você sabe o valor da diária, você vai saber o final que cada um vai receber".	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada compreende onde provem o Fundo e comprene e sabe fazer o cálculo do valor da diária e do bônus.
Pagamento	"Soma o valor total das horas de todos os cooperados por exemplo se eu tenho 120 horas eu somo as minha 120 horas com as dos outros cooperados aí vai dar um valor X das horas. Se as vendas rendeu R\$ 15.000,00. Aí se tem R\$4.000,00 a ser tirado eles não entra no pagamento porque ele já é da despesa de energia, caminhão e aluguel. Esse não entra para o rateio aí fica R\$11.000,00 pra fazer o rateio que vou dividir com o tanto X que deu as horas aí eu vou saber quanto deu o valor das horas".	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada compreende todo o processo para realização do pagamento desde o cálculo das horas trabalhadas pelos cooperados até o cálculo do valor da diária.
Pagamento	"Vende os materiais aí paga as contas, a energia, a água. Aí sobra aquele dinheiro aí vai somar a diária quanto que deu e divide pelos cooperados e tira o bônus depois o bônus divide para que não faltou".	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada compreende que o pagamento é feito baseado nas horas ou dia trabalhado de cada cooperado.

Continua

Pagamento	"A gente tem a folha e lá tem quanto horas cada um trabalhou, aí pega todas as notas dos materiais que vendeu e pega o dinheiro no banco para dividir aí quem trabalhou mais horas ganha mais e quem trabalhou menos ganha menos".	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada compreende que o pagamento é baseado nas horas ou dia trabalhado de cada cooperado.
Pagamento	"Pega as notas de todos os materiais vendidos, parte desse valor paga as despesas e o restante divide. Pra dividi tem que somar as horas que todo mundo trabalhou, aí acha o valor da hora. Depois divide este valor conforme o tanto de hora que cada um trabalhou".	Essa declaração é quanto a pergunta " Compreende como é feito o rateio da cooperativa? Explique". A cooperada tem conhecimento do processo de divisão das vendas do material reciclado, onde primeiro é feito o pagamento das despesas e dividido o que sobra conforme a quantidade de dia trabalhado para cada um.
Caixa	"Quando a gente paga as contas anotamos na saída a conta que foi paga e coloca o dia e o valor. E quando vende material anota o dia e o valor que vendeu na entrada e no final do mês a gente sabe tudo que vendeu e tudo que pagou"	Essa declaração é quanto a pergunta " Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado"?A cooperada sabe como funciona para preencher o Livro Caixa e tem ciência que com o preenchimento é possível saber a movimentação financeira da cooperativa daquele período.
Caixa	"Nele coloca as contas que pagou da cooperativa e as vendas que nós fez. Aí tem que anotar o dia, o valor e o porque entrou ou saiu o dinheiro. Se pagou aluguel vai diminuir o dinheiro no caixa e se vende algum material aumenta o dinheiro no caixa"	Essa declaração é quanto a pergunta " Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado"?A cooperada sabe como funciona para preencher o Livro Caixa e compreende a importancia de colocar o histórico referente ao motivo da movimentação financeira ocorrida.
Caixa	"Vai anotando as vendas do material, dia e o valor e quando paga uma conta como aluguel anota também o dia e valor e no final do mês o que sobra a gente faz o rateio pra nós cooperados".	Essa declaração é quanto a pergunta " Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado"? A cooperada entende que o preenchimento do Livro Caixa deve ser realizado diariamente e que o valor que fica após o pagamento das despesas é o que vai ser dividido entre os cooperados.

Continua

Caixa	"Tem o Caixa que a gente coloca tudo que pagou de energia, água essas coisas e também as vendas de material que a gente fez. Daí, se a gente paga o dinheiro sai e se a gente vende entra o dinheiro no caixa."	Essa declaração é quanto a pergunta "Entende os controles administrativos e financeiros? Como ele é feito e organizado"? Demonstra compreender o registro das atividades operacionais e conhece o mecanismo do preenchimento do Livro Caixa.
Fundo	"Depois que a gente paga todas as contas e faz o rateio para os cooperados dá pra saber. Se nos pagar tudo e sobrar algum dinheiro, a cooperativa teve sobra se não ela está no prejuízo".	Essa declaração é quanto a pergunta "Consegue identificar nos controles financeiros como se chega no resultado da cooperativa"? O cooperado demonstra compreender que pelo Livro Caixa é possível saber se houve sobra ou perda naquele período.
Fundo	Aqui tem a venda que vai para o caixa e o que sobra depois que paga as conta tudo guarda para cobrir alguma emergência	Essa declaração é quanto a pergunta "Consegue identificar nos controles financeiros como se chega no resultado da cooperativa"? O cooperado entende que a retirada feita para o Fundo deve para cobrir alguma eventualidade.
Fundo	"Às vezes do dinheiro do fundo sobra um pouco para outro mês e tem vez que não dá e com os extratos do banco a gente sabe se deu ou não".	Essa declaração é quanto a pergunta "Consegue identificar nos controles financeiros como se chega no resultado da cooperativa"? O cooperado entende que a retirada feita para o Fundo deve para cobrir alguma eventualidade.
Fundo	"Tem o Fundo que a gente vai guardando o dinheiro para alguma emergência e quando a gente tem saldo é sobra agora se a gente gastar mais do que guardou diminui aí a gente tem perda".	Essa declaração é quanto a pergunta "Consegue identificar nos controles financeiros como se chega no resultado da cooperativa"? O cooperado entende que a retirada feita para o Fundo deve ser usada para cobrir alguma eventualidade e é ela possibilitará o acúmulo de recurso.
Documento	No comprovante tem o nome, endereço e CNPJ que são os dados da cooperativa.	Essa declaração é quanto a pergunta "Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade"? O cooperado entende que a documentação apresentada na prestação de contas deve estar com os dados completos da cooperativa para poder garantir que a receita ou a despesa pertence a cooperativa.

Continua

Documento	"No recibo vem o nome completo da cooperativa, endereço e o CNPJ senão não tem valor o recibo"	Essa declaração é quanto a pergunta " Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade"? O cooperado entende que a documentação apresentada na prestação de contas deve estar com os dados completos da cooperativa para poder garantir que a receita ou a despesa pertence a cooperativa.
Documento	"Uai tudo que vende a gente tem nota tem como comprovar aqui a gente faz controle das vendas com as notas".	Essa declaração é quanto a pergunta " Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade"? O cooperado entende que a documentação é essencial para ser feito qualquer controle na cooperativa, inclusive o das vendas de material reciclável.
Documento	"À medida que vai vendendo as coisas tudo tem os recibos e se eles não puder passar recibo a gente tem recibo da cooperativa e vai anotando".	Essa declaração é quanto a pergunta " Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade"? O cooperado compreende que o recibo também é responsabilidade da cooperativa que mesmo que a venda tenha sido para pessoa física e necessário fazer um recibo que comprove a venda.
Documento	"Aqui todos os comprovantes vêm o nome e CNPJ da cooperativa, até os recibo que nois faz nois coloca o nome e CNPJ".	Essa declaração é quanto a pergunta " Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade"? O cooperado entende que a documentação apresentada na prestação de contas deve estar com os dados completos da cooperativa para poder garantir que a receita ou a despesa pertence a cooperativa.

Fonte: Elaboração própria

Outros trechos das entrevistas considerados importantes foram destacados também. Assim, com relação à última pergunta da entrevista, sobre a importância da contabilidade, os entrevistados assim se manifestaram:

- a) entrevistado 18: *"precisa dela pra mostrar ao governo que nós estamos trabalhando direitinho se não nós não consegue os recursos"*;
- b) entrevistado 21: *"todo mundo aqui tem que entender as contas da cooperativa pra saber se o pessoal da diretoria está fazendo as coisas certas porque na verdade se eles estão recebendo alguma coisa é graças a nós que estamos aqui triando o material porque se nós parar eles também não recebe"*;
- c) entrevistado 34: *"para aprender fazer as contas e ter transparência para tudo ficar em pratos limpos"*. O entrevistado 38 *"porque através da contabilidade a gente fica sabendo a situação da cooperativa né, aí evita as fofocas, falar que alguém está roubando né"*;
- d) entrevistado 58 *"nota 100, muito importante. É importante porque sem a contabilidade a gente fica perdido dentro da cooperativa, por isso é muito importante. A gente sabe como que é feito o pagamento como que é muitas coisas né. Informação dos direitos da gente. É muito importante"*;
- e) entrevistado 52: *"porque a gente precisa saber o que está acontecendo o que a cooperativa está pagando e o que ela está ganhando na venda do material"*;
- f) entrevistado 54: *"muito importante mesmo porque sem a contabilidade a gente não tem controle de nada mesmo. Através da contabilidade tem o controle das horas trabalhadas, tem o controle de quando o material tá bom e ruim o preço. Então, ela é muito importante mesmo"* e
- g) entrevistado 45: *"porque é o suor da gente, a gente tem que saber o que está acontecendo, se o salário da gente está sendo pago certinho, se as despesas estão sendo paga certinha. E é através da contabilidade que a gente vê"*.

Nas tabelas abaixo estão as categorias conceituais descritas pelos sessenta cooperados entrevistados no pós-teste. Conforme feito no pré-teste, no pós-teste também foram considerados trechos representativos do conteúdo das entrevistas que confrontam com as categorias propostas. Em seguida, foi atribuído notas que representam quantas categorias conceituais foram descritas nas entrevistas.

Tabela 5 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 1

Categorias Conceituais	Coocamare		Cooper Rama		Coocap		Cooper Can		Total
	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	
Folha de Ponto	1	—		1	1	—	1	1	4
Receita	1	—		1	1	—		1	3
Despesa	1	—		1	1	—		1	3
Resultado		—		1		—		1	2
Balanço		—				—			0
Ativo		—				—			0
Passivo		—				—			0
Pagamento		—				—		1	1
Caixa	1	—		1	1	—		1	3
Registro	1	—		1		—		1	2
Prestação de Contas	1	—		1		—		1	2
Fundo		—				—		1	1
Documento	1	—		1	1	—		1	3
Notas	7	—	0	8	5	—	1	10	24

Fonte: Elaboração própria

As categorias conceituais descritas pelos diretores do Grupo 1 estão na tabela 5, sendo que os cooperados deste grupo participaram do pré-teste e da intervenção. A nota auferida corresponde ao somatório das categorias conceituais descritas, ou seja, dentre os conceitos apresentados quais foram descritos durante a entrevista. Assim, a maior nota auferida foi 10 e a menor notas auferida foi 0. Os conceitos mais descritos durante as entrevista foram, Folha de Ponto, Receita, Despesa, Caixa e Documento.

Tabela 6 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 1

Categorias Conceituais	Coocamare		Cooper Rama		Coocap		Cooper Can		Total
	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	
Folha de Ponto	1		1		—	1	1	1	4
Receita	1		1		—	1		1	3
Despesa	1		1		—	1		1	3
Resultado					—	1			1
Balanço					—				0
Ativo					—				0
Passivo					—				0
Pagamento					—	1			1
Caixa			1		—	1		1	3
Registro					—	1		1	2
Prestação de Contas					—	1		1	2
Fundo					—	1			1
Documento			1		—	1		1	3
Notas	3	0	5	0	—	10	1	7	23

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 6 estão categorias conceituais foram descritas pelos não diretores do Grupo 1. Considerando as categorias conceituais propostas, as notas auferidas representam quantas dessas categorias foram descritas durante a entrevista. A maior nota foi 10 e menor nota foi 0. Os conceitos mais descritos durante as entrevista foram, Folha de Ponto, Receita, Despesa, Caixa e Documento.

Tabela 7 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 2

Categorias Conceituais	Acop Diretor	Cooper Diretor	Fami Diretor	Recicla Diretor	Canedo Diretor	Cooper Diretor	Sólidos Diretor	Total	
Folha de Ponto		1			1		1	3	
Receita	1		1		1		1	4	
Despesa	1		1				1	3	
Resultado								0	
Balanço								0	
Ativo								0	
Passivo								0	
Pagamento			1	1	1		1	4	
Caixa				1			1	2	
Registro	1	1	1		1		1	5	
Prestação de Conta	1	1	1		1		1	5	
Fundo			1					1	
Documento	1	1	1		1		1	5	
Notas	0	5	5	8	0	6	0	8	32

Fonte: Elaboração própria

As categorias conceituais descritas pelos diretores do Grupo 2 no pós-teste estão na tabela 7. Considerando as categorias conceituais propostas, as notas auferidas representam quantas dessas categorias foram descritas durante a entrevista. A maior nota foi 8 e a menor nota foi 0. Os diretores demonstraram ter mais conhecimento sobre os conceitos de Documento, Registro e Prestação de Contas.

Tabela 8 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 2

Categorias Conceituais	Acop		Cooper Fami		Recicla Canedo		Cooper Sólidos		Total
	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	
Folha de Ponto		1	1	1		1	1		5
Receita									0
Despesa									0
Resultado									0
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento				1					1
Caixa									0
Registro				1				1	2
Prestação de Conta				1				1	2
Fundo				1					1
Documento		1	1	1			1	1	5
Notas	0	2	2	6	0	1	2	3	16

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 8 estão as categorias conceituais descritas pelos não diretores do Grupo 2. As notas auferidas representam quantas dessas categorias conceituais foram descritas durante a entrevista. A maior nota foi 6 e a menor nota foi 0. Folha de Ponto e Documento foram os conceitos mais descritos.

Tabela 9 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 3

Categorias Conceituais	Coopermas		Guarany		Cooper Trin		Cooper Nero		Total
	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	
Folha de Ponto	1	1	1		1			1	5
Receita	1	1	1		1			1	5
Despesa	1	1	1		1			1	5
Resultado	1							1	2
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento	1		1		1			1	4
Caixa	2		1		1			1	5
Registro	1		1		1			1	4
Prestação de Conta	1		1		1			1	4
Fundo	1		1		1			1	4
Documento	1		1		1			1	4
Notas	11	3	9	0	9	0	0	10	42

Fonte: Elaboração própria

As categorias conceituais que estão na tabela 9 foram descritas pelos diretores do Grupo 3. Este grupo foi composto pelos cooperados que participaram da intervenção.

As notas auferidas representam quantas dessas categorias conceituais foram descritas durante a entrevista. A maior nota foi 11 e a menor nota foi 0. Os diretores demonstraram ter mais conhecimento sobre Folha de Ponto, Receita, Despesa e Caixa.

Tabela 10 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 3

Categorias Conceituais	Coopermas		Guarany		Cooper Trin		Cooper Nero		Total
	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	
Folha de Ponto	1	1	1	1	1	1		1	1
Receita	1	1	1	1	1	1		1	1
Despesa	1	1	1	1	1	1		1	1
Resultado						1			1
Balanco									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento		2		1					3
Caixa		1		1					1
Registro				1					1
Prestação de Conta				1					1
Fundo				1		1			1
Documento				1					1
Notas	3	6	3	9	3	5	0	3	12

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 10 estão as categorias conceituais descritas pelos não diretores do Grupo 3. A nota auferida corresponde ao somatório das categorias conceituais descritas, ou seja, dentre os conceitos apresentados quais categorias conceituais foram descritas durante a entrevista. Assim, a maior nota auferida foi 9 e a menor nota auferida foi 0. Os não-diretores apresentaram ter mais conhecimento sobre conceito de Pagamento.

Tabela 11 Categorias conceituais apresentadas pelos diretores do Grupo 4

Categorias Conceituais	Cooprec		Coorfap		Cooper Veneza		Cooper Hidro		Total
	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	Diretor	
Folha de Ponto		1	1	1	1		1	1	6
Receita	1	1							2
Despesa	1	1							2
Resultado									0
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento		1	1	1	1		1	1	6
Caixa		1		1				1	3
Registro			1	1	1		1	1	5
Prestação de Conta			1	1	1			1	4
Fundo		1	1	1					3
Documento		1	1	1	1		1	1	6
Notas	2	7	6	7	5	0	4	6	37

Fonte: Elaboração própria

As categorias conceituais que estão na tabela 11 foram descritas pelos diretores do Grupo 4, sendo que os cooperados deste grupo não participaram do pré-teste e nem da intervenção. Considerando as categorias conceituais propostas, as notas auferidas representam quantas categorias foram descritas durante a entrevista. A maior nota foi 7 e menor nota foi 0. Folha de Ponto, Pagamento e Documentos foram os conceitos mais descritos pelos diretores durante as entrevistas.

Tabela 12 Categorias conceituais apresentadas pelos não diretores do Grupo 4

Categorias Conceituais	Cooprec		Coorfap		Cooper Veneza		Cooper Hidro		Total
	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	N. Diretor	
Folha de Ponto							1		1
Receita		1		1		1	1		4
Despesa		1		1		1	1		4
Resultado									0
Balanço									0
Ativo									0
Passivo									0
Pagamento									0
Caixa									0
Registro									0
Prestação de Conta									0
Fundo									0
Documento									0
Notas	0	2	0	2	0	2	0	3	9

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 12 estão as categorias conceituais descritas pelos não diretores do Grupo 4. A nota auferida corresponde aos conceitos descritos durante a entrevista. Considerando as treze categorias conceituais, a maior nota auferida foi 3 e a menor nota auferida foi 0. Neste caso, Receita e Despesas foram os conceitos mais descritos durante as entrevistas.

A utilização do teste estatístico dos Postos Sinalizados de Wilcoxon possibilitou comparar as medianas das notas auferidas nas entrevistas de diretores e não diretores dos diferentes grupos. Foi usado como tendência central mediana por que a amostra é pequena e, conseqüentemente, assimétrica, a medição não será influenciada por valores extremos.

A medição do efeito do curso ministrado foi feita comparando as notas, representadas pelas descrições das categorias conceituais realizadas nas entrevistas antes e depois do curso. Para comparar as notas e verificar possíveis divergências das categorias conceituais descritas antes e depois do curso foi utilizado o teste estatístico Postos Sinalizados de Wilcoxon (PAGANO & GAUVREAU, 2004).

Com dito anteriormente, conforme anexo E, foi utilizado a tabela como parâmetro de intervalo para rejeitar a hipótese e como não se conhece a direção do teste a análise feita foi bilateral e como a tabela encontra os valores para teste unilateral os valores foram multiplicados por 2. Exemplo: O teste de significância considerando a amostra resultou em 0,206, valor fornecido pelo SPSS. Logo, para o tamanho da amostra 6 e para o $T_{\min}$ foi 4,5 o valor estará entre o T_0 apontado entre 4 e 5 na tabela que resulta no valor de 0,256. Como 0,206 é menor que 0,256 rejeita H_0 .

Algumas denominações foram feitas para distinguir as notas dos diretores dos não diretores nas etapas do experimento. Sendo que para todas as notas auferidas pelos diretores foi utilizada a letra "O" maiúscula e para não diretores "o" minúscula, os números subsequentes a essas letras correspondem à etapa do experimento que a nota foi auferida, conforme, especificação feita no quadro 4. Também foi feito uma separação dos resultados das médias das notas auferidas nos pré-testes realizados, neste caso, a denominação feita foi "OX" (maiúsculo) quando se refere às notas dos diretores e "ox" (minúsculo) quando se refere às notas dos não diretores.

Os resultados apresentados a seguir são relativos à comparação das notas antes e depois da intervenção realizadas com os diretores do Grupo 1. Por meio deste teste é

possível detectar o efeito da intervenção, efeitos interativos e variáveis não controladas no experimento.

Tabela 13 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 1

Diretor	O1	O2	O2-O1
1	2	7	5
2	8	—	—
3	3	0	-3
4	7	8	1
5	0	5	5
6	4	—	—
7	2	1	-1
8	4	10	6

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 13 estão as notas auferidas pelos cooperados no pré-teste representada pelos valores de O1 e na intervenção representadas pelos valores de O2. A diferença (O2-O1) é resultante dos efeitos da intervenção (*E*), efeitos interativos (*I*) e efeito de variáveis aleatórias (*U*).

Tabela 14 Média e Desvio-padrão de O1 e O2

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
O1	6	0	7	3,00	2,366
O2	6	0	10	5,17	3,971
N válido (de lista)	6				

Fonte: Adaptado SPSS

Na tabela 14, em que estão os valores das médias das notas auferidas em O1 e O2, pode-se verificar que em O2 a média é maior, ou seja, as notas auferidas pelos cooperados foram maiores após a intervenção. Os escores representados pelas notas em O2 apresentam uma variabilidade mais alta do que em O1, como demonstrado pelo desvio-padrão. O2 apresentou maior valor de nota, 10, e O1 apresentou o menor valor, 0.

Tabela 15 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O1 e O2

	N	Postos de média	Soma de Classificações
O2 - O1 Classificações Negativas	2 ^a	2,25	4,50
Classificações Positivas	4 ^b	4,13	16,50
Vínculos	0 ^c		
Total	6		

Fonte: Adaptado SPSS

Pelo quadro nota-se que $O2 < O1$ em dois casos, $O2 > O1$ em quatro casos. Ou seja, as notas resultantes das categorias conceituais descritas tendem ser mais altas no pós-teste. A soma dos postos correspondentes às diferenças negativas (T-) é 4,50, e 16,50 é a soma dos postos correspondentes às diferenças positivas (T+). Essa diferença pode ter sido ocasionada por alguma variável exógena, efeitos interativos e pela própria intervenção.

Tabela 16 Teste de significância e padronização Z

	O2 - O1
Z	-1,265 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,206

Fonte: Adaptado SPSS

Na análise do teste bilateral conduzido pela tabela do apêndice E, rejeita H_0 , em favor da hipótese de que as notas auferidas em O1 e O2 possuem diferenças significativas entre as medianas. Nessas condições, as notas foram maiores no pós-teste, significando que o curso teve efeito positivo. O nível de significância obtido no teste, de 0,206, é menor que 0,265, e essa diferença observada é um indicador confiável, não podendo ser atribuída ao acaso.

A análise agora está relacionada com as notas apresentadas pelos não diretores do Grupo 1. Essa análise possibilita verificar se houve, além do efeito da intervenção, efeitos interativos ou variáveis não controladas durante o experimento que possam ter impactado o entendimento contábil dos não diretores.

Tabela 17 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 1

N. Diretor	o1	o2	o2-o1
9	2	3	1
10	2	0	-2
11	2	5	3
12	2	0	-2
13	2	—	—
14	2	10	8
15	0	1	1
16	1	7	6

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 17 estão as notas auferidas pelos não diretores no pré-teste representadas pelos valores de o1 e na intervenção representadas pelos valores de o2. A diferença (o2-o1) é resultante dos efeitos da intervenção (*E*), efeitos interativos (*I*) e efeito de variáveis aleatórias (*U*).

Tabela 18 Média e Desvio-padrão de o1 e o2

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
o1	7	0	2	1,57	,787
o2	7	0	10	3,71	3,817
N válido (de lista)	7				

Fonte: Adaptado SPSS

Na tabela 18 estão os valores das médias das notas auferidas em o1 e o2. Em o2 a média é maior, ou seja, as notas auferidas pelos não diretores foram maiores após o curso. Os escores representados pelas notas em o2 apresentam uma variabilidade mais alta do que em o1, como demonstrado pelo desvio-padrão. Quanto às notas o2 apresentou maior valor de nota, 10 e o1 apresentou o menor valor: 0.

Tabela 19 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o1 e o2

	N	Postos de média	Soma de Classificações
o2 - o1			
Classificações Negativas	2 ^a	3,50	7,00
Classificações Positivas	5 ^b	4,20	21,00

Vínculos	0°
Total	7

Fonte: Adaptado SPSS

Neste caso, conforme tabela 19, $o2 > o1$ em cinco casos e $o2 < o1$ em dois casos. As notas auferidas pelas categorias conceituais descritas nas entrevistas tendem a serem maiores após o curso. A soma dos postos correspondentes às diferenças negativas (T-) é 7,00, e 21,00 é a soma dos postos correspondentes às diferenças positivas (T+). Essa diferença pode ter sido ocasionada por alguma variável exógena, efeitos interativos e pela própria intervenção.

Tabela 20 Teste de significância e padronização Z

	o2 - o1
Z	-1,187 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,235

Fonte: Adaptado SPSS

Com base na tabela 20, observa-se que o nível de significância corresponde a 0,235, menor que 0,297, ou seja, rejeita H_0 . Portanto, as diferenças observadas entre as notas em $o1$ e $o2$ representam um efeito real, logo as medianas das notas foram diferentes no pré-teste e pós-teste. Considerando este nível de significância é possível afirmar que houve diferença significativa entre as notas auferidas pelos não diretores em $o1$ e $o2$ resultantes do efeito do curso, interação e variáveis exógenas.

A análise feita no grupo 2 compara as notas auferidas pelos cooperados que participaram do pré-teste e pós-teste, denominados de O3 e O4. Por meio da diferença dessas notas verifica-se se no experimento existem variáveis exógenas que não foram controladas, por exemplo, curso realizado sobre Livro-caixa ou Pagamento que tenha alterado o entendimento contábil dos cooperados.

Tabela 21 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 2

Diretor	O3	O4	O4-O3
17	2	0	-2
18	5	5	0

19	2	5	3
20	8	8	0
21	2	0	-2
22	5	6	1
23	2	0	-2
24	2	8	6

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 21 estão as notas auferidas pelos diretores no pré-teste representada pelos valores de O3 e no pós-teste sem intervenção representada por O4. A diferença (O3-O4) é resultante do efeito de variáveis aleatórias (U).

Tabela 22 Média e Desvio-padrão de O3 e O4

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
O3	8	2	8	3,50	2,268
O4	8	0	8	4,00	3,505
N válido (de lista)	8				

Fonte: Adaptado SPSS

Conforme valores da tabela 22 a média das notas dos diretores foram maiores em O4. Com relação à variabilidade representada pelo desvio-padrão, também foi maior em O4. O valor máximo apresentado pelas notas foi 8 tanto em O3 como em O4 e o mínimo foi 0, em O4.

Tabela 23 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O3 e O4

	N	Postos de média	Soma de Classificações
O4 - O3 Classificações Negativas	3 ^a	3,00	9,00
Classificações Positivas	3 ^b	4,00	12,00
Vínculos	2 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Pela tabela verifica-se que as notas dos diretores foram negativas ($O3 > O4$) em três dos oito casos observados e, em três casos $O4 > O3$, ou seja, as notas melhoraram.

Essa diferença positiva é resultante do efeito aleatório, devido a alguma variável exógena não especificada pelo teste. Sendo que o (T-) foi 9,00 e o (T+) foi 12,00.

Tabela 24 Teste de significância e padronização Z

	O4 - O3
Z	-,318 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,750

Fonte: Adaptado SPSS

O nível de significância obtido pelo teste foi de 0,750, ou seja, maior que o nível de significância de 0,250, não rejeita H_0 . O resultado do teste permite dizer que as medianas não são significativamente diferentes.

A análise realizada com os não diretores do Grupo 2 refere-se a diferenças entre notas obtidas no pré-teste representadas por o3 e no pós-teste sem intervenção representadas por o4. As diferenças entre as medianas das notas são referentes aos efeitos aleatórios existentes no decorrer do experimento.

Tabela 25 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 2

Não Diretor	o3	o4	o4-o3
25	1	0	-1
26	2	2	0
27	1	2	1
28	6	6	0
29	1	0	-1
30	2	1	-1
31	1	2	1
32	4	3	-1

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 25 estão as notas auferidas pelos não diretores no pré-teste o3 e no pós-teste o4. As diferenças (o4-o3) são resultantes do efeito de variáveis aleatórias (U) não controladas durante o experimento.

Tabela 26 Média e Desvio-padrão de o3 e o4

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
o3	8	1	6	2,25	1,832
o4	8	0	6	2,00	1,927
N válido (de lista)	8				

Fonte: Adaptado SPSS

As notas resultantes das categorias conceituais descritas que estão na tabela 26 foram maiores em o3 conforme demonstrado pela média. No entanto, considerando o desvio-padrão, o4 apresentou maior variabilidade. Em relação às notas, o valor mínimo foi 0 e o máximo 6.

Tabela 27 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o3 e o4

	N	Postos de média	Soma de Classificações
o4 - o3 Classificações Negativas	4 ^a	3,50	14,00
Classificações Positivas	2 ^b	3,50	7,00
Vínculos	2 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Na tabela 27 nota-se que $o4 < o3$ em quatro casos. Ou seja, as notas resultantes das categorias conceituais descritas tendem a ser menores no pós-teste. A soma dos postos correspondentes às diferenças negativas (T-) é 7. Percebe-se uma redução no entendimento contábil entre não cooperados entre a aplicação do pré-teste e o pós-teste.

Tabela 28 Teste de significância e padronização Z

	o4 - o3
Z	-0,816 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,414

Fonte: Adaptado SPSS

No teste de significância o valor auferido foi 0,414 que é maior que 0,148, por isso, não rejeita H_0 . O teste demonstra que não há diferença entre as medianas inerentes a variáveis não controladas durante o experimento que sejam estatisticamente significativas. Assim, pode-se afirmar com confiança que o efeito da diferença não é real podendo ser decorrente do acaso.

A análise apresentada a seguir é referente às notas obtidas pelos diretores do Grupo 3. Os cooperados deste grupo participaram da intervenção, mas não do pré-teste. Essa análise permitiu verificar os efeitos da intervenção e de variáveis aleatórias. Os efeitos foram medidos pelas diferenças entre as notas auferidas pelos diretores após a intervenção representada por O5 e as médias das notas auferidas pelos diretores nos pré-testes realizados representadas por O1 e O3, e esta média foi denominada como OX.

Tabela 29 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 3

Diretor	O5	OX	O5-OX
33	11	2	9
34	3	6,5	-3,5
35	9	2,5	6,5
36	0	7,5	-7,5
37	9	1	8
38	0	4,5	-4,5
39	0	2	-2
40	10	3	7

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 29 estão às notas auferidas pelos diretores no pós-teste O5 e a média entre O1 e O3. As diferenças (O5-OX) são resultantes do efeito de variáveis aleatórias (U) não controladas durante o experimento e do efeito do curso aplicado para os diretores.

Tabela 30 Média e Desvio-padrão de O5 e OX

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
O5	8	0	11	5,25	4,950
OX	8	1	8	3,63	2,326
N válido (de lista)	8				

Fonte: Adaptado SPSS

As notas resultantes das categorias conceituais descritas que estão na tabela 30 foram maiores em O5 conforme demonstrado pela média. Considerando o desvio-padrão, O5 também teve maior variabilidade. Em relação às notas, o valor mínimo foi 0 e o máximo 11, ambas em O5.

Tabela 31 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O5 e OX

	N	Postos de média	Soma de Classificações
O5 - OX Classificações Negativas	4 ^a	3,00	12,00
Classificações Positivas	4 ^b	6,00	24,00
Vínculos	0 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Conforme quadro 31 percebe-se que $O5 < OX$ em quatro casos, assim como $O5 > OX$. A soma dos postos correspondentes às diferenças negativas (T-) foi 12,00 e (T+) foi 24,00. Essas diferenças são resultantes do efeito do curso ministrado para os diretores e variáveis aleatórias não controladas durante o experimento.

Tabela 32 Teste de significância e padronização Z

	O5 - OX
Z	-0,840 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,401

Fonte: Adaptado SPSS

De acordo com a tabela 32 verifica-se que teste de significância, resultou em 0,401, menor que 0,461, rejeita H_0 . A diferença apontada pelo Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon tem significância estatística suficiente para afirmar que a diferença das notas entre O5 e OX é decorrente da intervenção ou até mesmo efeito de variáveis aleatórias. Dessa forma, considera-se que há diferenças entre as medianas das notas dos diretores destes grupos, considerando este nível de significância.

A análise feita com os cooperados do Grupo 3 compara as notas entre o5, dos não diretores que participaram da intervenção sem pré-teste, com a média de o1 e o3, aqui denominado ox, que são as notas dos não diretores que participaram do pré-teste. Isso possibilitou verificar se há diferenças no experimento relacionadas com o efeito do tratamento e variáveis não controladas.

Tabela 33 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 3

N. Diretor	o5	ox	o5-ox
41	3	1,5	1,5
42	6	2	4
43	3	1,5	1,5
44	9	4	5
45	3	1,5	1,5
46	5	2	3
47	0	0,5	-0,5
48	3	2,5	0,5

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 33 estão as notas auferidas pelos não diretores após o curso, denominada como o5 e média entre as notas auferidas no pré-teste denominada ox. As diferenças (o5-ox) são resultantes do efeito de variáveis aleatórias (*U*) não controladas durante o experimento e a própria intervenção realizada por meio do curso ministrado para os não diretores.

Tabela 34 Média e Desvio-padrão de o5 e ox

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
o5	8	0	9	4,00	2,673
Ox	8	1	4	1,94	1,016
N válido (de lista)	8				

Fonte: Adaptado SPSS

Com base na tabela 34 percebe-se que a média em o5 é maior que ox, logo, pode-se afirmar que as notas auferidas pelos cooperados após o curso é maior que as notas auferidas pelos cooperados nos pré-testes realizados. O valor do desvio-padrão em

o5 denota que houve maior variabilidade de notas entre os cooperados que participaram do curso. O valor máximo apresentado pelas notas foi 9 e o mínimo foi 0, ambos em o5.

Tabela 35 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o5 e ox

	N	Postos de média	Soma de Classificações
o5 - ox			
Classificações Negativas	1 ^a	1,50	1,50
Classificações Positivas	7 ^b	4,93	34,50
Vínculos	0 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Pela tabela verifica-se que as notas dos não diretores foram positivas ($o5 > ox$) em sete dos oito casos observados e, em apenas um caso $o5 < ox$, ou seja, as notas pioraram. Essa diferença positiva é resultante do efeito aleatório, devido a alguma variável exógena não especificada pelo teste e também do curso ministrado para os cooperados. A soma das classificações positivas (T+) resultou no valor de 34,50, enquanto a soma das classificações negativas (T-) resultou no valor de 1,50.

Tabela 36 Teste de significância e padronização Z

	o5 - ox
Z	-2,325 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,020

Fonte: Adaptado SPSS

O nível de significância 0,020 obtido é maior que 0,0197, assim não rejeita H_0 . Os dados fornecem evidências de que as medianas das notas são diferentes. Sendo assim, pode-se afirmar que a diferença resultante do efeito da intervenção e de variáveis aleatórias dadas pelo teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon tenha efeito real, ou seja, não pode ser atribuído ao acaso.

A análise feita com as notas dos cooperados do Grupo 4 refere-se a diferenças entre as notas auferidas em O6, diretores que não realizaram intervenção e nem pré-teste, com as notas em OX, representado pela média entre O1 e O3 que são as notas

auferidas por diretores nos pré-testes realizados. As diferenças entre as notas são referentes aos efeitos das variáveis não controladas no decorrer do experimento.

Tabela 37 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 4

Diretor	O6	OX	O6-OX
49	2	2	0
50	7	6,5	0,5
51	6	2,5	3,5
52	7	7,5	-0,5
53	5	1	4
54	0	4,5	-4,5
55	4	2	2
56	6	3	3

Fonte: Elaboração própria

As notas auferidas pelos diretores no pós-teste, denominada O6 estão na tabela 37. OX é a média entre as notas auferidas no pré-teste. As diferenças (O6-OX) são resultantes apenas do efeito de variáveis aleatórias (*U*) não controladas durante o experimento, desconsiderando os efeitos interativos e da intervenção.

Tabela 38 Média e Desvio-padrão de O6 e OX

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
O6	8	0	7	4,63	2,504
OX	8	1	8	3,63	2,326
N válido (de lista)	8				

Fonte: Adaptado SPSS

Pela tabela 38 nota-se que a média em O6 é maior que OX, logo, pode-se afirmar que as notas auferidas pelos diretores no pós-teste é maior que as notas auferidas pelos diretores nos pré-teste realizados. O valor do desvio-padrão em OX denota que houve maior variabilidade de notas entre os diretores que participaram do pré-teste. O valor máximo apresentado pelas notas auferidas foi 8 em OX e o mínimo foi 0 em O6.

Tabela 39 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre O6 e OX

	N	Postos de média	Soma de Classificações
O6 - OX Classificações Negativas	2 ^a	4,25	8,50
Classificações Positivas	5 ^b	3,90	19,50
Vínculos	1 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Com base na tabela 39 se verifica que as notas dos diretores foram positivas (O6>OX) em cinco dos oito casos observados, logo, as notas melhoraram. Essa diferença positiva é resultante do efeito aleatório, devido a alguma variável exógena não especificada pelo teste. A soma das classificações positivas (T+) resultou no valor de 19,50, enquanto a soma das classificações negativas (T-) resultou no valor de 8,50.

Tabela 40 Teste de significância e padronização Z

	O6 - OX
Z	-0,931 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,352

Fonte: Adaptado SPSS

Com base no nível de significância 0,352 obtido é maior que 0,222, não rejeita H_0 . Os dados não fornecem evidências de que as medianas das notas dos diretores são diferentes. Sendo assim, não se pode afirmar que a diferença resultante do efeito das variáveis aleatórias dadas pelo teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon tenha efeito real, ou seja, pode ser atribuído ao acaso.

A análise realizada com as notas dos não diretores do Grupo 4 refere-se a diferenças entre as notas em o6, não diretores que realizaram apenas o pós-teste, com as notas em ox, representado pela média entre o1 e o3 que são as notas dos não diretores que participaram do pré-teste. As diferenças entre as notas referem-se aos efeitos das variáveis não controladas no experimento.

Tabela 41 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do Grupo 4

N. Diretor	o6	ox	o6-ox
57	0	1,5	-1,5
58	2	2	0
59	0	1,5	-1,5
60	2	4	-2
61	0	1,5	-1,5
62	2	2	0
63	0	0,5	-0,5
64	3	2,5	0,5

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 41 estão as notas auferidas pelos não diretores no pós-teste, denominada o6 e ox é a média entre as notas auferidas no pré-teste. As diferenças (o6-ox) são resultantes do efeito de variáveis aleatórias (*U*) não controladas no decorrer do experimento, como, por exemplo, curso ministrado pela Incubadora Social da UFG sobre Folha de Pagamento.

Tabela 42 Média e Desvio-padrão de o6 e ox

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
o6	8	0	3	1,13	1,246
ox	8	1	4	1,94	1,016
N válido (de lista)	8				

Fonte: Adaptado SPSS

Nota-se que a média em ox é maior que o6, conforme tabela 42. Assim, pode-se afirmar que as notas auferidas pelos não diretores nos pós-testes é menor que as notas auferidas pelos não diretores nos pré-testes realizados. O valor do desvio-padrão em o6 mostra que houve maior variabilidade de notas entre não diretores que participaram do pós-teste. O valor máximo apresentado pelas notas auferidas foi 3 e o mínimo foi 0, ambos em o6.

Tabela 43 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre o6 e ox

	N	Postos de média	Soma de Classificações
o6 - ox Classificações Negativas	5 ^a	3,90	19,50
Classificações Positivas	1 ^b	1,50	1,50
Vínculos	2 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Verifica-se que as notas dos não diretores foram negativas ($o6 < ox$) em cinco dos oito casos observados, conforme tabela 43. Ou seja, as notas auferidas por não diretores foram maiores entre os que participaram do pré-teste. Essa diferença é devida a alguma variável exógena não especificada pelo teste. A soma das classificações positivas (T-) resultou no valor de 1,50, enquanto a soma das classificações negativas (T+) resultou no valor de 19,50.

Tabela 44 Teste de significância e padronização Z

	o6 - ox
Z	-1,913 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,056

Fonte: Adaptado SPSS

Tendo obtido nível de significância 0,056 é maior que 0,019, assim, não rejeita H_0 . Os dados não fornecem evidências significativas de que as medianas das notas dos não diretores são diferentes das medianas das notas apresentadas pelos não diretores nos pré-testes. Dessa forma, não se pode afirmar que a diferença resultante do efeito das variáveis aleatórias dadas pelo teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon tenha efeito real, ou seja, pode ser atribuído ao acaso.

Foi feito um teste, denominado E, que refere a diferenças entre os testes realizados com os cooperados do Grupo 3 e Grupo 4. Esta primeira análise foi feita considerando as notas dos diretores, sendo assim, foram utilizadas as notas referentes aos diretores do Grupo 3 (O5-OX) e do Grupo 4 (O6-OX). As diferenças entre as notas nesse caso são referentes ao efeito do curso ministrado aos diretores. Neste caso,

diferentemente dos outros, é possível afirmar que se trata apenas do efeito da intervenção, nenhum outro fator impactou o resultado do teste feito.

Tabela 45 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do Grupo 3 e Grupo 4

O5-OX	O6-OX	(O5-OX) - (O6-OX)
9	0	9
-3,5	0,5	-4
6,5	3,5	3
-7,5	-0,5	-7
8	4	4
-4,5	-4,5	0
-2	2	-4
7	3	4

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 45 estão às diferenças entre as notas dos diretores que realizaram pós-teste (O5) e da média das notas de diretores que realizaram pré-teste (OX) e também as diferenças entre as notas auferidas pelos diretores no pós-teste (O6) e a média das notas de diretores que realizaram pré-teste (OX). O efeito da intervenção, curso ministrado aos diretores, é o resultado dessas diferenças, eliminando outros efeitos, como interativo e de variáveis aleatórias.

Tabela 46 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (O5-OX) e (O6-OX)

		N	Postos de média	Soma de Classificações
(O5-OX) - (O6-OX)	Classificações Negativas	3 ^a	4,33	13,00
	Classificações Positivas	4 ^b	3,75	15,00
	Vínculos	1 ^c		
	Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

Com base na tabela 46 percebe-se que as notas dos diretores foram positivas em quatro dos oito casos observados. Sendo assim, as diferenças entre as notas auferidas por diretores que participaram do curso e média das notas dos diretores que participaram do pré-teste melhoraram na maior parte dos casos observados. Essa

diferença positiva é apenas devida ao curso ministrado aos diretores do Grupo 3. A soma das classificações positivas (T+) resultou no valor de 15,00, enquanto a soma das classificações negativas (T-) resultou no valor de 13,00.

Tabela 47 Teste de significância e padronização Z

	(O5-OX) - (O6-OX)
Z	-,172 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,863

Fonte: Adaptado SPSS

O teste de significância resultou em 0,863 maior que 0,547, não rejeita H_0 . A diferença apontada pelo Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon não tem significância estatística suficiente para afirmar que a diferença das medianas entre (O5-OX) e (O6-OX) é recorrente ao tratamento ministrado aos diretores que fazem parte destes grupos. Dessa forma, considera que não há diferença entre os grupos para este nível de significância.

Assim como anteriormente, analisou-se o efeito do teste, denominado E, ou seja, efeito dos cursos ministrados aos cooperados, mas agora considerando as notas auferidas pelos não diretores. Esta análise foi feita com as notas dos não diretores e, assim, foram utilizadas as notas referentes aos não diretores do Grupo 3 (o5-ox) e o Grupo 4 (o6-ox). O resultado desse teste possibilita afirmar que se trata apenas do efeito da intervenção, nenhum outro fator impactou o resultado do teste feito.

Tabela 48 Diferenças das notas dos não diretores do Grupo 3 e Grupo 4

o5-ox	o6-ox	(o5-ox) - (o6-ox)
1,5	-1,5	3
4	0	4
1,5	-1,5	3
5	-2	7
1,5	-1,5	3
3	0	3
-0,5	-0,5	0
0,5	0,5	0

Fonte: Elaboração própria

As diferenças, com base na tabela 48, referem-se às notas dos não diretores que realizaram pós-teste (o5), à média das notas de não diretores que realizaram pré-teste (ox) e também às diferenças entre as notas auferidas pelos diretores no pós-teste (o6) e à média das notas de diretores que realizaram pré-teste (ox). Essa diferença fornece o efeito da intervenção, curso ministrado aos não diretores, desconsiderando outros efeitos, como interativo e de variáveis aleatórias.

Tabela 49 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (o5-ox) e (o6-ox)

	N	Postos de média	Soma de Classificações
(o5-ox) - (o6-ox) Classificações Negativas	0 ^a	0,00	0,00
Classificações Positivas	6 ^b	3,50	21,00
Vínculos	2 ^c		
Total	8		

Fonte: Adaptado SPSS

As notas dos não diretores do grupo 3 (o5-ox) foram maiores em seis dos oito casos observados, conforme tabela 49. Ou seja, as diferenças entre as notas obtidas por não diretores que participaram do curso e a média das notas dos não diretores que participaram do pré-teste melhoraram na maior parte dos casos observados. Essa diferença positiva é devida ao curso ministrado para os não diretores que compõe o grupo 3. A soma das classificações positivas (T+) resultou no valor de 21,00, enquanto a soma das classificações negativas (T-) resultou no valor de 0,00.

Tabela 50 Teste de significância e padronização Z

	(o5-ox) - (o6- ox)
Z	-2,264 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,024

Fonte: Adaptado SPSS

O teste de significância resultou em 0,024, maior que 0,0014, logo não rejeita H_0 . A diferença apontada pelo Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon tem significância estatística suficiente para afirmar que a diferença das medianas entre (o5-ox) e (o6-ox) deve-se ao tratamento ministrado aos não diretores que fazem parte destes grupos. Isso denota que não houve diferença quanto ao entendimento contábil ocasionada pela participação no curso sobre controles e ferramentas contábeis usados na gestão dos EES.

A análise da diferença entre (O2-O1) e (O5-OX) permitiu verificar se houve algum efeito interativo no decorrer do experimento. A interação no experimento pode provocar mudança no entendimento contábil dos cooperados pelo fato de terem buscado informação a respeito e não pela intervenção em si. O efeito interativo ocorre quando uma situação prévia afeta a resposta do teste que está sendo feito, como exemplo cite-se a própria aplicação do pré-teste podendo interferir na reação dos cooperados que participaram do experimento.

Tabela 51 Diferenças apresentadas pelas notas dos diretores do (O2-O1) e (O5-OX)

O2-O1	O5-OX	(O2-O1) - (O5-OX)
5	9	-4
—	-3,5	—
-3	6,5	-9,5
1	-7,5	8,5
5	8	-3
—	-4,5	—
-1	-2	1
6	7	-1

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 51, estão as notas dos diretores que realizaram pré-teste (O1) e que posteriormente participaram do curso (O2). A diferença obtida pelas notas nessas etapas do experimento foi confrontada com a diferença das notas obtidas pelos diretores que participaram do curso sem pré-teste (O5) e a média das notas de diretores que realizaram pré-teste (OX). Essa diferença fornece o efeito da interação dada pela própria participação no pré-teste.

Tabela 52 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (O2-O1) e (O5-OX)

		N	Postos de média	Soma de Classificações
(O2-O1) - (O5-OX)	Classificações Negativas	4 ^a	3,63	14,50
	Classificações Positivas	2 ^b	3,25	6,50
	Vínculos	0 ^c		
	Total	6		

Fonte: Adaptado SPSS

Pela tabela 52, verifica-se que as notas dos diretores foram negativas em quatro dos oito casos observados. Assim, as diferenças entre as notas obtidas por diretores que participaram do pré-teste e do curso e a média das notas dos diretores que participaram do pré-teste foram menores na maior parte dos casos observados. A soma das classificações positivas (T+) resultou no valor de 6,50, enquanto a soma das classificações negativas (T-) resultou no valor de 14,50.

Tabela 53 Teste de significância e padronização Z

	(O2-O1) - (O5-OX)
Z	-0,841 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	0,400

Fonte: Adaptado SPSS

O teste de significância resultou em 0,400, de acordo com a tabela 53, é menor que 0,500, ou seja, rejeita H_0 . A diferença apontada pelo Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon não tem significância estatística suficiente para afirmar que a diferença das medianas entre (O2-O1) e (O5-OX) deve-se ao efeito interativo por participar de alguma etapa da intervenção.

A análise da diferença entre (o2-o1) e (o5-ox) permitiu verificar se houve algum efeito interativo no decorrer do experimento que tenha influenciado o entendimento contábil dos não cooperados. A interação no experimento pode provocar mudança da perspectiva contábil dos cooperados pelo fato de terem buscado informação a respeito e não pela intervenção em si.

Tabela 54 Diferenças apresentadas pelas notas dos não diretores do grupo 1 e grupo 3

o2-o1	o5-ox	(o2-o1) - (o5-ox)
1	1,5	-0,5
-2	4	-6
3	1,5	1,5
-2	5	-7
–	1,5	–
8	3	5
1	-0,5	1,5
6	0,5	5,5

Fonte: Elaboração própria

As notas dos não diretores que realizaram pré-teste (o1) e que posteriormente participaram do curso (o2) estão na tabela 54. A diferença obtida pelas notas nessas etapas do experimento foi confrontada com a diferença das notas obtidas pelos não diretores que participaram do curso sem pré-teste (o5) e a média das notas de não diretores que realizaram pré-teste (ox). O efeito da interação dos não diretores nas etapas do experimento é medido pela diferença entre os não diretores do grupo 1 e do grupo 3.

Tabela 55 Teste dos postos sinalizados de Wilcoxon entre (o2-o1) e (o5-ox)

		N	Postos de média	Soma de Classificações
(o2-o1) - (o5-ox)	Classificações Negativas	3 ^a	4,67	14,00
	Classificações Positivas	4 ^b	3,50	14,00
	Vínculos	0 ^c		
	Total	7		

Fonte: Adaptado SPSS

Pela tabela observa-se que as notas obtidas por não diretores foram maiores no grupo 1 em quatro caso, o mesmo ocorre com o grupo 3. Ou seja, as notas obtidas por diretores que participaram do curso e do pré-teste com relação às notas obtidas pelos não diretores que participaram apenas do curso em quatro dos casos observados apresentaram maiores e em três dos casos, menores. A soma dos postos correspondentes

às diferenças negativas (T-) é 14,00 e 14,00 é a soma dos postos correspondentes às diferenças positivas (T+).

Tabela 56 Teste de significância e padronização Z

	(o2-o1) - (o5-ox)
Z	0,000 ^b
Significância Sig. (2 extremidades)	1,000

Fonte: Adaptado SPSS

Pela tabela 56 verifica-se que o teste de significância resultou em 1, logo, maior que 0,640 sendo assim, não rejeita H_0 . A diferença apontada pelo Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon aponta que as medianas das notas auferidas são iguais. Assim, não tem significância estatística suficiente para afirmar que a diferença das notas obtidas pelos não diretores que compõe (o2-o1) e (o5-ox) são resultantes do efeito interativo por participar de alguma etapa da intervenção.

Os resultados mostram que as diferenças encontradas considerando os níveis de significância disponíveis na tabela referente ao teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon (Pagano & Gauvreau, 2004) são relevantes o suficiente para afirmar que o curso ministrado para o não diretores teve efeito positivo, as notas melhoraram após a aplicação da técnica de ensino-aprendizagem contábil. Além disso, os resultados também permitiram verificar que variáveis exógenas não tiveram influência estatística suficiente sobre o entendimento contábil dos diretores e não diretores no decorrer do período do experimento, conforme comprovado nas medições feitas: (O4-O3), (o4-o3), (O6-OX) e (o6-ox).

Com relação ao efeito interativo, percebe-se que pelos resultados alcançados quanto aos diretores o entendimento contábil não sofreu influência significativa, da mesma maneira ocorreu com os não diretores. Os resultados demonstram que não houve uma maior dispersão do conhecimento de ferramentas e controles contábeis entre os membros dos grupos, tanto para diretores como para não diretores.

Os resultados das entrevistas demonstraram de maneira geral que tanto diretores como não diretores compreendem conceitos como Receita e Despesas. Porém, também demonstraram que desconhecem plenamente conceitos como Ativo, Passivo e Balanço.

Isso decorre do fato desses conceitos não serem trabalhados nas cooperativas ficando apenas a cargo dos técnicos da Incubadora Social da UFG.

Os resultados contribuíram com o entendimento dos processos relacionados à gestão das cooperativas e, colaborou com a participação e interação dos não diretores nesses processos para que cada vez mais eles possam buscar e efetivar a autogestão nas cooperativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os EES possuem formalmente tratamento contábil que revela peculiaridades ímpares em relação a outras formas de sociedade. Eles necessitam de controles contábeis capazes de informar os associados a real situação econômica-financeira da entidade. No entanto, é necessário verificar se estes atendem as necessidades informacionais requeridas pelo perfil dos usuários.

Da mesma forma a autogestão, marca registrada dos EES, sugere desafios para a contabilidade, pois requer instrumentos e procedimentos contábeis que sejam ferramentas adequadas à gestão praticada pelos próprios trabalhadores. Além disso, a revelação da informação contábil deve ser feita de modo a ser compreendida e interpretada pelos associados. Isso significa que pode ocorrer a necessidade de criar outras formas e controles que possibilitem a interpretação dos fatos contábeis.

A responsabilidade da contabilidade evidencia-se nas cooperativas nas quais informações claras e transparentes devem ser utilizadas como forma de incentivo aos associados. Quanto mais útil for a informação maior será a confiança que o associado terá e, portanto, a contabilidade solidifica as relações entre cooperativas e seus associados. Assim, a pesquisa teve como objetivo principal verificar se a aplicação de técnica de ensino-aprendizagem contábil baseada nas rotinas gerenciais e demandas dos usuários contribui com a decodificação da informação contábil, colaborando com o controle gerencial dos empreendimentos.

O estudo foi realizado com dezesseis cooperativas de materiais recicláveis pertencentes à Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás. Buscou atender a um segmento econômico que hoje não tem qualquer condição de gestão do seu próprio negócio se baseado em conceitos contábeis tradicionais. Buscou-se, ainda, colaborar com o fortalecimento da autogestão por meio da interpretação dos fatos contábeis ligando os cooperados aos processos administrativo-financeiros da entidade.

O desenho de pesquisa foi Quatro Grupos de Solomon (1949), em que grupos experimentais e de controle são subdivididos nos que realizaram pré-teste ou não. Sendo assim, os grupos experimentais e de controle foram compostos por oito cooperativas cada, sendo que os primeiros participam da técnica de ensino-aprendizagem contábil e os segundos, não. O pré-teste foi aplicado para quatro cooperativas do grupo

experimental e quatro cooperativas do grupo controle, para todos os grupos foram aplicados o pós-teste, que são as medições realizadas após o experimento.

No pré-teste foi analisado o entendimento contábil no que tange ao conteúdo informacional, sua utilidade e domínio e, no pós-teste, foi feita análise dos efeitos da aplicação da técnica sobre esse entendimento. Para tanto, foram utilizadas as seguintes técnicas: entrevistas estruturadas, registros em arquivos e observação direta. As entrevistas, depois de transcritas, foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo. Foram organizadas categorias conceituais para representar o entendimento contábil testado, sendo que seu valor foi expresso na presença que ocorreu ou nos dados transcritos.

As diferenças entre as notas obtidas considerando as categorias conceituais encontradas nas entrevistas foram feitas pelo Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon. O objetivo foi comparar o desempenho de cada grupo de cooperativas para verificar se existem diferenças significativas entre os resultados nas situações: antes e depois do pré-teste, antes e depois do experimento com pré-teste e antes e depois do experimento sem pré-teste. Os grupos foram compostos por quatro cooperativas, cada uma delas tendo quatro cooperados participando do experimento. Dentre esses quatro: dois membros da diretoria e dois não membros da diretoria.

O Grupo 1 foi representado pelas cooperativas do grupo experimental que realizaram pré-teste e pós-teste. Seus resultados foram compostos pelo efeito intervenção, efeito interativo e por variáveis não controladas. Com relação às notas auferidas pelos não diretores demonstraram diferenças relevantes entre as medianas das notas antes e depois da intervenção, assim como na análise feitas com as notas dos diretores constatou-se que houve diferença entre as medianas.

O Grupo 2 foi representado pelas cooperativas do grupo controle que realizaram pré-teste e pós-teste. Seus resultados foram compostos pelo efeito de variáveis não controladas durante o experimento. Tanto para diretores como não diretores não houve diferenças relevantes com relação ao entendimento contábil antes e depois do pré-teste.

O Grupo 3 foi resultado da diferença entre as notas auferida pelos cooperados do grupo experimental sem pré-teste e a média das notas auferidas nos pré-testes realizado durante o experimento. Seus resultados permitem verificar o efeito da intervenção e de variáveis não controladas. Considerando as notas auferidas por diretores e não diretores os resultados comprovaram que há diferenças relevantes

ocasionadas pelo curso ministrado e variáveis não controladas durante o experimento, como por exemplo, curso ministrado pela Incubadora Social da UFG para os cooperados sobre o Livro-caixa.

O Grupo 4 foi resultado da diferença entre as notas auferidas pelos cooperados que não participaram da intervenção e nem do pré-teste. Seus resultados permitiram verificar o efeito de variáveis não controladas. Assim como os resultados apontados com os cooperados do Grupo 2 tanto diretores como não diretores não apresentaram diferenças relevantes com relação ao entendimento contábil.

As comparações feitas entre os resultados auferidos com as notas dos cooperados do Grupo 3 e do Grupo 4 representam o efeito apenas da intervenção. Com relação aos diretores, não demonstraram diferenças relevantes quanto ao entendimento contábil após a intervenção, mas os não diretores apresentaram diferenças entre as medianas das notas, sendo que as notas melhoraram após a intervenção.

Foram comparadas as notas obtidas pelos cooperados do Grupo 1 e Grupo 2, cujos resultados representam o efeito interativo. Nesse caso, diretores e não diretores não demonstraram diferenças relevantes com relação ao entendimento contábil ocasionado pela interação dos grupos no período do experimento.

O estudo apresentou limitações como o tamanho da amostra que foi influenciada por características das cooperativas como quantidade de cooperados e a rotatividade dos mesmos nas cooperativas. Por tratar de cooperativas de produção os cooperados veem cursos ou reuniões como tempo não dedicado a produção da cooperativa, implicando em redução da receita no final do período. A baixa escolaridade dos cooperados que normalmente é utilizada como justificativa para não participar de cursos e consequentemente da gestão das cooperativas.

Culti (2009) fala a respeito do processo de formação dos EES como os caminhos construídos nas atividades práticas e envolvem avanços e recuos, acertos e erros e até mesmo o próprio resultado é imprevisível e incerto. Considerando a rotatividade de pessoas na cooperativa e características como baixa escolaridade e pouca experiência em gestão é perceptível a necessidade de haver formações recorrentes para os cooperados. As formações devem acompanhar a demanda, porque as cooperativas apresentam necessidades e dificuldades distintas, o contato por período maior possibilita detectar as demandas e ver a melhor maneira de trabalhá-las.

Como perspectiva de pesquisa futura, fica os módulos sobre ferramentas e controles de gestão para cooperativas sendo ministrados por um período maior e com mais frequência no decorrer do experimento. Ampliando as oportunidades para mais cooperados participarem e até mesmo se interessarem pelos assuntos inerentes a gestão da cooperativa, possibilitando expandir os resultados para situações semelhantes. Assim como ocorreu com alguns participantes que perceberam a necessidade de ter ferramentas e controles para administrar à cooperativa, e mesmo não sendo membro da diretoria possui o direito e condições de entender a movimentação financeira da cooperativa, e ainda colaborar com sua organização.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABDALLA, M. **O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade.** São Paulo: Paulus. 2002.

ALBUQUERQUE, P. P. de. **Autogestão.** In: CATTANI, A.D. (Org.). *A outra economia.* Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 20-25.

ALMEIDA, E. A. De. **Contabilidade e autogestão: um estudo sobre a dimensão contábil no processo de autogestão dos empreendimentos de economia solidária.** Dissertação de Mestrado- USP, 2006.

ALMEIDA, E. A. de; DANTAS, F. J. **Contabilidade e Inclusão Social: análise das demandas contábeis suscitadas pelos empreendimentos solidários.** In: III ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2005, São Paulo. Anais eletrônicos, São Paulo: USP, 2005.

BAEDER, A. M. **Educação ambiental e mobilização social: formação de catadores na Grande São Paulo.** Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL- Costa Rica- II Semestre 2011- PP. 1-15, 2011.

BAKER, C. R.; BARBU, E. **The evolution of research on international accounting harmonization: an historical and institutional perspective,** Socio-Economic Review, Oxford University Press, p. 1-30, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 5.ed. São Paulo: Edições 70, 2008.

BORDENAVE, J. E. Díaz. **O que é participação.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRITO, M. P. H. **Cooperativas de mão-de-obra no ordenamento jurídico brasileiro: entre a alternativa solidária e a precarização das relações de trabalho.** João Pessoa. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, área de concentração em Direito Econômico, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2011.

CARNEIRO, L. M; PANHOCA, L; SAMPAIO, C. A. C; PACHECO, V. **Práticas de controle em empreendimentos solidários: estudo de caso a partir da perspectiva institucional.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. V.10, n.4, 2014.

CARVALHO, A. M. R. de. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis - COOCASSIS: espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência.** São Paulo. Tese (Doutorado - Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2008.

CULTI, M. N. **Conhecimento e práxis: processo de incubação de empreendimentos econômicos solidários como Processo Educativo.** Otra Economía - Volumen III - Nº 5 - 2º semestre/ 2009- ISSN 1851-4715. Hptt: revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia. Acesso feito no dia 16/07/2015.

DANCEY, C. P; Reidy J. **Estatística sem matemática para psicologia.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRUZ, A. **A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul.** Tese de doutorado em economia aplicada. Campinas: Instituto de Economia, 2006.

FRANÇA FILHO, G. C. de. **A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional.** Sociedade e Estado, v. 16, n. 1-2, p. 245-275, 2001.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GAIGER, L. I. (Org.). **Sentidos e experiências da Economia Solidária no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIRARD-NUNES, C. G. **Introdução à Economia Solidária no Distrito Federal.** In: GAIGER. L.I. (Org). Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil. Porto Alegre: UFRGS Editora, p. 229-265, 2004.

GUERRA, A. C; PEREIRA, J. R. **Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares: Possibilidades de Gestão.** Revista de Administração Pública e Gestão Social. V.2, n. 1, 2010.

HENDRIKSEN, E. S. VAN BRED, M. F. **Teoria da contabilidade.** São Paulo: Atlas, 2010.

IUDÍCIBUS, S. de. **Teoria da contabilidade.** 8a. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KARLING, M. V; LUCONI, W. J. **A Contabilidade como ferramenta de gestão em empreendimentos econômico-solidários incubados.** XXIII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, 2014.

LECHAT, N. M. P.; Silva Barcelos, E. da. **Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários.** Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Revista Katálisis, vol. 11, núm. 1, enero-junio, pp. 96-104, 2008.

LIMA, J. P. S. **A contabilidade e as cooperativas populares autogestionárias – uma contribuição à democratização da gestão.** In: A gestão da autogestão na economia solidária: contribuições iniciais. Organização Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo; Núcleo de Gestão da ITCP-USP. Porto Alegre: Calábria; São Paulo: ITCP-USP, p. 67-73, 2007.

LOPES, V.F.M. **As relações sociais nas empresas de autogestão: sonhos e realidades na organização coletiva do trabalho.** M.Sc. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia – COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

MARGOTTO, P. **Entendendo Bioestatística Básica.** Brasília, 2002.

MATTOS, P.L.C.L. **Análise de entrevistas não-estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem.** In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A.B. (Orgs.) Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, pp. 347-373, 2006.

MARTINS, G. de A; Theóphilo, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** - 2.edição.-São Paulo: Atlas, 2009.

MICHELS, V. **Contabilidade e gestão em cooperativas agrícola**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

NEVES, E. F. das. **A capacitação para a gestão de empreendimentos de economia solidária: experiências e propostas**. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

OLAK, P. A. **Bases para eficácia na aplicação do contrato de gestão nas organizações sociais brasileiras**. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. São Paulo, 234p, 2000.

PAGANO, M; Gauvreau K. **Princípios de bioestatística**. São Paulo. Cengage Learning, 2013.

REZENDE, L. V. R. **Incubadoras Sociais: Gestão da Informação e do conhecimento na construção de Tecnologia Social**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação de Documentação. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2009.

RUFINO, S. **(Re) Fazer, (Re) Modelar, (Re) Criar: a autogestão no processo produtivo**. Tese (Doutorado) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Departamento de Engenharia de Produção. São Paulo: s.n., - 180p, 2005.

RUTKOWSKI, J. E. **Rede de tecnologias sócias: pode a tecnologia proporcionar desenvolvimento social?** In: LIANZA, Sidney; ADDOR, Felipe (Org.). Tecnologia e desenvolvimento social e solidário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 196-212, 2005.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa**.-3.ed.- São Paulo: MCGraw-Hill, 2006.

SEKARAN, U.; BOUGIE, R. **Research Methods for Business: A Skill Building Approach**, 4th Edition, 2009.

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 4º. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. **Tecnologia Social uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil - Rio de Janeiro: 2004.

SLOMSKI, V. **Manual da Contabilidade Pública: um enfoque na contabilidade municipal**. 2a.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SOLOMON, R. L. **An extension of control group design**. Psychological Bulletin, 46, 137-150, 1949.

SOUZA, A. R. Economia Solidária: um movimento nascente da crise do trabalho. In: SOUZA, A. R.; CUNHA, G. C.; DAKUZAKU, R. Y. (Orgs.). Uma outra economia é possível. São Paulo: Contexto, 2003.

STEVENSON, W. J. **Estatística aplicada à administração**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

TAUILE, J.R. **Empreendimentos Autogestionários Provenientes de Massa Falida**. Brasília: MTE/ IPEA/ANPEC/SENAES, 2005.

TIRIBA, L. “Los trabajadores, el capitalismo y la propiedad colectiva como estrategia de supervivencia y de sociedad: rastreando el debate histórico”. Contexto e Educação, Ijuí, 46: 7-34, 1997.

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista a ser aplicado no Pré-Teste e no Pós-Teste

Roteiro da entrevista
1) Desde quando trabalha na cooperativa?
2) Qual sua função dentro da cooperativa?
3) Qual sua formação escolar?
4) Conhece os controles administrativos e financeiros utilizados pela cooperativa? Poderia citar algum deles? "A cooperativa tem alguns controles que são usados para administrar a cooperativa saberia citar algum deles?".
5) Entende os controles administrativos e financeiros? Como eles são feitos e organizados? "Por exemplo, você citou o controle tal, sabe dizer como ele é feito? Se precisar ensinar como funciona este controle para outro cooperado você consegue?".
6) Compreende como é feito o pagamento da cooperativa? Explique "Por exemplo, se você precisar fazer o próximo pagamento para os cooperados, você consegue fazer?".
7) Consegue identificar nos controles financeiros como se chega no resultado da cooperativa? Explique "Olhando os controles usados para administrar a cooperativa sabe explicar se a cooperativa teve sobra ou perda num determinado mês?".
8) Em sua opinião a prestação de contas da cooperativa atende a sua necessidade? Explique. "Quando é feito a prestação de contas aqui na cooperativa você compreende? Você consegue explicar como e o que é feito durante a prestação de contas?".
9) Gostaria de participar de curso de formação em contabilidade, como acha que deveria ser promovido? Atribua uma nota sobre a importância, considerando:
0-3 Pouco importante
3-6 Importante
7-10 Muito importante
Pesquisadora: Letícia Maria Faleiro Nascimento
Aluna do programa de Mestrado em Controladoria e Contabilidade da FEA/RP

APÊNDICE B - Categoria conceitual para análise de conteúdo dos dados coletados

Categoria Conceitual
Folha de Ponto
Receita
Despesa
Resultado
Balanço
Ativo
Passivo
Pagamento
Caixa
Registro
Prestação de Conta
Fundo
Documento
Pesquisadora: Letícia Maria Faleiro Nascimento
Aluna do programa de Mestrado em Contabilidade e Controladoria da FEA/RP

APÊNDICE C - Apostila sobre Ferramentas e Controles Contábeis para gestão de EES.

Apostila sobre Ferramentas e Controles Contábeis para gestão de EES

Pesquisadora: Letícia Maria Faleiro Nascimento
Aluna do programa de Mestrado em Contabilidade
e Controladoria da FEA/RP

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Economia Solidária, Cooperativismo e Autogestão

Mas, o que é mesmo gestão?

Autogestão nos EES

FERRAMENTAS E CONTROLE DA GESTÃO

Administrativos: Controle do ponto

Financeiros: Organização dos documentos e Preenchimento do Livro-caixa.

UM POUCO DA CONTABILIDADE

Livro-caixa

Folha de Pagamento

Livro dos fundos

Prestação de Contas

APRESENTAÇÃO

Cooperativa é uma associação de pessoas com interesses comuns, economicamente organizada de forma democrática. Assim, como toda empresa a cooperativa precisa ser organizada e essa organização é feita pelos próprios cooperados.

Na cooperativa todos possuem os meios de produção. Por exemplo, os cooperados percebem a necessidade de haver banca da triagem do material. Então todos contribuem para aquisição da matéria-prima necessária e se juntam para construir a banca.

Além disso, a tomada de decisão é coletiva, ou seja, as decisões são realizadas com a participação de todos os cooperados de forma democrática por meio do voto. Por exemplo, a decisão do horário de trabalho: ela é discutida entre todos, quem quiser,

manifesta na reunião o horário que acredita ser o melhor para todos, em seguida o horário que receber mais votos irá prevalecer e compor as normas da cooperativa. Caso o grupo perceba que este horário não está satisfazendo a maioria, outra reunião será realizada para ajustar.

A cooperativa é uma forma de entidade onde as atividades realizadas são pautadas nos princípios da Economia Solidária como tomada de decisão coletiva, autogestão e cooperação.

Na cooperativa são realizadas várias atividades na produção, como separação do material, enfardar e comercializar, e na gestão, como anotar o horário de trabalho dos cooperados, pagamento das despesas da cooperativa e pagamento dos cooperados.

À gestão ou administração da cooperativa compete decidir, controlar e avaliar as atividades para seu funcionamento. Nas cooperativas a gestão é feita de forma democrática e participativa e por isso é denominada autogestão.

Como toda organização, na cooperativa existem funções que se refere à produção e à gestão. As atividades ligadas à gestão são realizadas por trabalhadores

específicos. Esses trabalhadores são eleitos pelos cooperados como representantes, e assumem cargos na diretoria e no Conselho Fiscal para exercerem funções administrativo-financeiras da cooperativa. No entanto, se esses representantes não atenderem ao interesse do grupo eles podem ser substituídos.

A autogestão realmente é uma gestão partilhada por todos os cooperados, porém, é necessário que haja representantes e pessoas específicas para realizar determinadas tarefas. Por exemplo, a cooperativa participa de reuniões com a prefeitura para discutir a coleta seletiva e demais assuntos de interesse para ambas. Nessas reuniões algum membro da diretoria participa para representar a cooperativa para depois expor para os demais cooperados as discussões realizadas. Se não houvesse essa representação e todos precisassem faltar duas vezes na semana para participar de reuniões, o que aconteceria com a produção no final do mês?

Outra situação: supondo que não haja alguém para guardar os documentos de despesas e receitas da cooperativa, quem vendesse o material ou quem pagasse determinado documento ficaria responsável por guardar os comprovantes num determinado lugar. O que vocês acham que iriam acontecer quando alguém fosse fazer o livro-caixa ou o pagamento? Esses comprovantes estariam em diversos lugares e a pessoa que fosse fazer o pagamento teria que procurar todas as notas das vendas da cooperativa naquele período.

Assim, é importante que tenhamos pessoas responsáveis pela gestão da cooperativa. Essas pessoas têm a obrigação de informar as contas pagas e as vendas feitas pela cooperativa. Além disso, quem é cooperado tem que ter interesse por essas informações, já que a remuneração depende tanto das vendas quanto das despesas da cooperativa.

Vamos conhecer e entender a movimentação financeira da cooperativa!! Isso gera mais transparência e mais confiança para todos!!

FERRAMENTAS E CONTROLE DA GESTÃO

A gestão da cooperativa é feita com auxílio de algumas ferramentas contábeis que chamamos de controles administrativo-financeiros. São essas ferramentas que possibilitam organizar e administrar a cooperativa, e podem ser ajustadas conforme a necessidade de cada cooperativa.

Para podermos usar as ferramentas contábeis na gestão precisamos solicitar e ter comprovantes de compra e venda das atividades e dos serviços realizados em nome da cooperativa.

Se hoje comprou café para cooperativa, como se pode comprovar o valor dessa compra?

Esses comprovantes são cupons e notas fiscais que devem ser identificados com nome e CNPJ da cooperativa. Assim, todas as vezes que for feita alguma compra ou venda no nome da cooperativa é necessário pedir o comprovante.

Na gestão das cooperativas são utilizados controles administrativo-financeiros. Como exemplo de controle administrativo tem o Livro-ponto e como exemplo de controle financeiro existe o Livro-caixa.

O Livro-ponto registra a entrada e saída diária de todos os cooperados da cooperativa, ou seja, serve como registro que o cooperado veio trabalhar e por quanto tempo ele trabalhou. Ele é um documento muito importante, porque é através dele que é realizado o pagamento aos cooperados. Por isso, deve ser assinado corretamente e não conter rasuras.

UM POUCO DE CONTABILIDADE

LIVRO-CAIXA

O Livro-Caixa é uma ferramenta fundamental para a contabilidade da cooperativa. Nesse Livro são registradas todas as entradas e saídas de dinheiro da cooperativa. Tudo o que é recebido ou pago deve ser registrado, para haver controle financeiro. O Livro-Caixa deve ser atualizado diariamente e tem que estar de acordo com o dinheiro existente na cooperativa. Ou seja, supondo que o dinheiro da cooperativa seja guardado numa gaveta, todas as vezes que se retira ou coloca dinheiro nela é preciso anotar o valor que entrou ou saiu.

Exemplo: Pagou aluguel, então, saiu dinheiro da gaveta. Faremos as seguintes anotações no Livro-Caixa, o dia que foi pago, na parte do histórico o motivo que saiu o dinheiro da gaveta que foi pagamento do aluguel e na saída o valor que foi pago. Caso tenha feito venda do material deve ser anotado o dia, o motivo que foi venda do material e na entrada o valor. O saldo no Livro-caixa representa o quanto de dinheiro tem na gaveta, assim, se vende material entra dinheiro na gaveta então soma com o saldo anterior e se paga conta saí dinheiro da gaveta então diminui esse valor do saldo anterior.

Exemplo de Livro-caixa:

LIVRO CAIXA				
DATA	HISTÓRICO	ENTRADA	SAÍDA	SALDO
01/10/201	SALDO DO MÊS ANTERIOR			R\$ 380,00
01/10/2015	PAGAMENTO DA CONTA DE ENERGIA REFERENTE AO MÊS 09/215		R\$ 45,00	R\$ 335,00
05/10/2015	VENDA DE PLÁSTICO BRANCO	R\$ 1.800,00		R\$ 2.135,00
10/10/2015	PAGAMENTO DO ALUGUEL		R\$ 1.500,00	R\$ 635,00
15/10/2015	COMPRA DE CAFÉ PARA COOPERATIVA		R\$ 4,50	R\$ 630,50
15/10/2015	VENDA DE JORNAL	R\$ 4,50		R\$ 635,00
20/10/2015	VENDA DE PET E GARRAFINHA	R\$ 4.500,00		R\$ 5.135,00
25/10/2015	VENDA DE ALUMINIO E COBRE	R\$ 6.000,00		R\$ 11.135,00
28/10/2015	PAGAMENTO DO TELEFONE		R\$ 85,00	R\$ 11.050,00
30/10/2015	RETIRADA PARA FUNDO		R\$ 550,00	R\$ 10.500,00
30/10/2015	PAGAMENTO DOS COOPERADOS		R\$ 10.000,00	R\$ 500,00

Agora vamos exercitar a elaboração do Livro-caixa com base nos recibos do apêndice.

Exercício de Livro-caixa:

administrativo-financeiros que ajudam os cooperados a gerirem suas cooperativas. Entre eles, o Livro-Ponto, que deve ser assinado diariamente, é por meio dele que é feito o pagamento aos cooperados.

O pagamento dos cooperados varia todo mês porque ele depende da venda e das contas a serem pagas pela cooperativa naquele período e, claro, pelos dias trabalhados de cada cooperado. Quando você recebe seu comprovante de pagamento você entende por que está recebendo aquele valor?

Tem um ditado que diz "o dinheiro é a semente da discórdia". Às vezes é tão mais fácil reclamar para o colega da banca de triagem que recebeu pouco, ou achar que alguém não está fazendo o rateio da forma correta. Como posso saber se o meu pagamento pode estar certo ou errado se não sei como ele é feito?

Existem quatro passos a serem seguidos para fazer o pagamento:

1º passo: Saber o valor que será dividido, este valor provem das vendas realizadas pela cooperativa num determinado mês. Normalmente, dele é retirado um percentual para pagamento de despesas e/ou para o fundo da cooperativa. Exemplo: considerando que as vendas dos materiais triados em um determinado mês tenham dado R\$8000,00 e a cooperativa tenha que pagar aluguel (R\$800,00), energia (R\$150,00) e ainda retirar 5% (R\$400,00) para o fundo. Então o valor a ser rateado para os cooperados ficaria $R\$8000,00 - R\$1500,00 \text{ (aluguel)} - R\$150,00 \text{ (energia)} - R\$400,00 \text{ (fundo)} = R\$5.950,00$.

2º passo: Calcular o tempo (dias, períodos ou horas) trabalhado de cada cooperado considerando as assinaturas feitas na Folha de Ponto, depois somar o valor total de tempo (dias, períodos ou horas) trabalhado por todos os cooperados, para encontrar o tempo total trabalhado no mês. Exemplo: supondo que a cooperativa tenha doze cooperados, e neste mês a cooperativa teve 20 dias de atividades, e seis cooperados tenham trabalhado 20 dias (não tiveram falta) e seis deles tenham trabalhado 18 dias, logo, o total trabalhado pelos doze seria 228 dias.

3º passo: Calcular o valor que é recebido por dia, período ou horas. Este valor é calculado dividindo o valor de rateio encontrado no primeiro passo pelo total de tempo (dias, períodos ou horas) trabalhado no mês encontrado do segundo passo. Exemplo: Valor para rateio: R\$5.950,00 dividido por total trabalhado de todos os cooperados no mês (228 dias), resultando em R\$26,09. Este valor é quanto cada um irá receber pelo dia trabalhado.

4º passo: Calcular o valor a ser recebido por cada cooperado. Este valor é calculado pegando o valor que é recebido por dia, período ou horas e multiplicando pelo tempo trabalhado (dias, período e horas) de cada cooperado. Exemplo: valor da diária R\$26,09, encontrada no terceiro passo, multiplicado pelos dias trabalhados de cada cooperado. Então, todos os cooperados que trabalharam 20 dias irão receber R\$521,92, resultado da multiplicação de 20 dias por R\$26,09. Para conferir basta somar os pagamentos e verificar se o valor confere com o valor do rateio.

Algumas cooperativas criaram um mecanismo com intuito de favorecer quem não falta, já que quando alguém falta acaba prejudicando todo o grupo, pois eles recebem por produção. Eles chamaram esse mecanismo de bônus. Ele muda a forma como é calculada o valor do tempo (dias, períodos ou horas).

No nosso exemplo anterior pegamos a soma de todos os dias trabalhados que foi 228 dias e dividimos por valor de rateio R\$5.950,00. Quando a cooperativa considera o mecanismo de bônus para calcular o valor do tempo (dias, períodos ou horas) ela considera o valor dos dias que deveriam ter sido trabalhados como se ninguém tivesse faltado. No nosso exemplo todos deveriam ter trabalhado 20 dias e, como são 12 cooperados, o total de dias trabalhados seria 240 dias. Nesse caso, o valor do dia trabalhado seria resultado da divisão do valor do rateio R\$ 5.950,00 por 240 dias, ou seja, R\$24,79. Para saber quanto cada um irá receber basta multiplicar o valor de R\$24,79 pelos dias trabalhados de cada um. Exemplo: os cooperados que trabalharam 20 dias receberão R\$495,80 e os cooperados que trabalharam 18 dias receberão R\$446,22.

Passos a serem seguidos para fazer o pagamento com bônus:

1º passo: Saber o valor que será feito o rateio. Esse valor provém das vendas realizadas pela cooperativa num determinado mês, normalmente, desse valor é retirado um percentual para pagamento de despesas e/ou para o fundo da cooperativa. Exemplo: considerando que as vendas dos materiais triados em um determinado mês tenham dado R\$8.000,00 e a cooperativa tenha que pagar aluguel (R\$800,00) e energia (R\$150,00) e ainda retira 5% (R\$400,00) para o fundo. Então o valor a ser rateado para os cooperados ficaria $R\$8.000,00 - R\$1500,00 \text{ (aluguel)} - R\$150,00 \text{ (energia)} - R\$400,00 \text{ (fundo)} = R\$5.950,00$.

2º passo: Calcular o tempo (dias, períodos ou horas) trabalhado de cada cooperado considerando as assinaturas feitas na Folha de ponto e depois somar o valor total de tempo (dias, períodos ou horas) deveria ter sido trabalhado. Exemplo: supondo que a cooperativa tenha doze cooperados e que neste mês a cooperativa teve 20 dias de atividades e, seis deles tenham trabalhado 20 dias e seis deles tenham trabalhado 18 dias. Então, todos deveriam ter trabalhado 240 dias, no entanto, seis pessoas faltaram dois dias cada.

3º passo: Calcular o valor que é recebido por dia, período ou horas. Este valor é calculado dividindo o valor de rateio encontrado no primeiro passo pelo total de tempo (dias, períodos ou horas) que deveria ter sido trabalhado no mês encontrado do segundo passo. Exemplo: valor para rateio R\$5.950,00 dividido por total trabalhado se não houvesse tido falta no mês 240 dias resultando em R\$24,79. Este valor é quanto cada um irá receber pelo dia trabalhado

4º passo: Calcular o valor a ser recebido de cada cooperado. Este valor é calculado pegando o valor que é recebido por dia, período ou horas e multiplicando pelo tempo trabalhado (dias, período e horas) por cada cooperado. Exemplo: valor da diária R\$24,79 encontrado no terceiro passo multiplicado pelos dias trabalhados por cada cooperado. Então, todos os cooperados que trabalharam 20 dias irão receber R\$495,80, resultado da multiplicação de 20 dias por R\$24,79. Nesse caso se formos somar todos os pagamentos iremos perceber que o valor não confere com o valor para rateio de R\$5950,00, a diferença é justamente o bônus e, este é dividido para quem não faltou. Exemplo: como seis cooperados trabalharam 20 dias, cada um recebeu R\$495,80 os outros seis que trabalharam 18 dias cada um recebeu R\$446,22. Então o total que foi rateado foi R\$495,80 para seis cooperados, resultando em R\$2.974,80, e R\$446,22 para seis cooperados, resultando em R\$2.677,32. Somando estes valores fica R\$5.652,12, porém o valor para rateio é de R\$5.950,00. A diferença, R\$297,88 (R\$5.950,00-R\$5.652,12) é dividida entre os cooperados que não faltaram. Logo, como foram seis cooperados que não faltaram cada um irá receber R\$49,64 a mais, ou seja, R\$545,44.

Exercício sobre a folha de pagamento.

Produto	PESO				Preço Venda (R\$/Kg)	Varlor da Venda (R\$)	QUALIDADE		Total
	Peso Associação (Kg)	Quebra Acrésc. (%)	Peso da (-) Quebra (+)	Peso Final da Venda (Kg)			Corte (%)	Valor Corte (R\$)	
Ipiranga				0,00		0,00		0,00	201,40
Data: 10/06/2015				0,00		0,00		0,00	0,00
Suc de Ferro	1.060,00			1.060,00	0,19	201,40		0,00	201,40
New Life				0,00		0,00		0,00	30,80
Data: 10/06/2015									
Filme Raio X	15,40			15,40	2,00	30,80		0,00	30,80
Rodoligo				0,00		0,00		0,00	1.385,73
Data:12/06/2015				0,00		0,00		0,00	0,00
Garrafinha	388,60			388,60	1,20	466,32		0,00	466,32
Balde e Bacia	138,80			138,80	0,65	90,22		0,00	90,22
Plástico Misto	229,80			229,80	0,80	183,84		0,00	183,84
Melissa	17,40			17,40	0,45	7,83		0,00	7,83
Cadeira Branca	22,40			22,40	1,00	22,40		0,00	22,40
Pet	304,00			304,00	0,90	273,60		0,00	273,60
Lona	44,20			44,20	0,60	26,52		0,00	26,52
Plástico Branco	210,00			210,00	1,50	315,00		0,00	315,00
Copel				0,00		0,00			3.044,30
Data:12/06/2015				0,00		0,00			0,00
Arquivo	800,00		28,00	772,00	0,30	231,60			231,60
Jornal Fardo	200,00	0,0%		200,00	0,20	40,00			40,00
Papelão Fardo	8.650,00			8.650,00	0,25	2.162,50			2.162,50
Pet Oleo Fardo	1.070,00			1.070,00	0,30	321,00			321,00
Mercearia e Bar Vera Cruz				0,00		0,00			156,16
Data: 12/06/2015				0,00		0,00			0,00
Latinha	48,80			48,80	3,20	156,16			156,16
	13.199,40			13.171,40	13,54	4.529,19		0,00	4.818,39

[illegible]

Abaixo seguem planilhas a serem preenchidas na realização do pagamento para os cooperados.

Esta é a planilha com os valores e quantidades dos materiais comercializados no período. Essa planilha é importante porque detalha todo material que foi comercializado no período. Por meio dela é possível perceber qual material contribui mais para renda da cooperativa e os materiais que precisam rever a triagem porque estão sofrendo quebra quando comercializado.

A planilha seguinte tem a relação do tempo trabalhado e as faltas de todos os cooperados, quanto cada um contribui para a despesa e para o fundo e ainda, o valor recebido de cada cooperado. Ela permite visualização geral dos períodos, dias ou horas trabalhados, da quantidade de faltas e dos valores recebidos por todos naquele período.

Nome	Períodos ou Dias trabalhados	Faltas	Fundo	Despesa	Pagamento

Memória de Cálculo:

Nesse espaço para memória de cálculo iremos anotar os cálculos que foram feitos para fazer o rateio para os cooperados. Como, por exemplo, o cálculo feito para encontrar o valor da diária, o valor a ser rateado e o total do tempo trabalhado por todos no período.

No primeiro módulo falamos que o todo dinheiro que entra ou sai da gaveta da cooperativa deve ser anotado no Livro-caixa. Quando foi feito o pagamento para os cooperados o dinheiro saiu da gaveta da cooperativa, logo, deve ser anotado no Livro-caixa: o dia, o histórico (Pagamento para os cooperados) e o valor na saída.

LIVRO-FUNDO E PRESTAÇÃO DE CONTAS

A retirada do fundo nada mais é que uma reserva de dinheiro para cobrir alguma necessidade, não existe um percentual fixo, cada cooperativa pode estipular o percentual a ser retirado. Normalmente conhecemos esse percentual como taxa de administração. Ela é importante para cobrir despesas inesperadas, assim a cooperativa tem uma reserva caso haja alguma eventualidade.

Exemplo: vamos supor que a cooperativa tenha que retificar o motor da prensa esse mês. Vocês sabem quanto custa para retificar o motor da prensa? Aproximadamente R\$2.500,00. Se vocês precisassem retirar todo o dinheiro para retificar este mês o que aconteceria com o pagamento de todos na cooperativa?

Falamos anteriormente sobre o Livro-caixa, nele deve ser registrada toda despesa e receita da cooperativa. Da mesma forma todo valor retirado para o fundo por meio da taxa de administração e os gastos desse dinheiro devem ser registrado num livro específico. Este livro é denominado Livro-Fundo.

O seu funcionamento é como o do Livro-caixa quando entra o dinheiro colocamos na entrada o valor, o dia que foi realizada a entrada e o histórico que é o motivo que entrou dinheiro. Quando o dinheiro é gasto registramos o dia, o histórico que é o motivo que saiu o dinheiro e o valor da saída.

Não podemos esquecer que quando é feito o registro da entrada do dinheiro no Fundo da cooperativa esse dinheiro estava no Caixa e agora ele pertence ao fundo. Eles estarão em gavetas diferentes e por isso deve ser registrada a saída dele no Livro-caixa. O registro constará o dia, o histórico (Retirada para o Fundo) e o valor da saída.

Vamos exercitar o
preenchimento do
Livro-fundo?

Exercício do Livro-fundo:

LIVRO DO FUNDO				
DATA	HISTÓRICO	ENTRADA	SAÍDA	SALDO

No início do nosso curso
falamos sobre autogestão.
Vocês lembram o que
significa?

A autogestão é a gestão feita de forma democrática e participativa. Isso significa que as tomadas de decisões são compartilhadas e votadas por todos os cooperados.

Para tanto, porém, todos precisam saber e entender das receitas e despesas da cooperativa, entender como funciona para fazer o rateio e o que está sendo feito com o dinheiro do fundo. Se cada um fizer sua parte, diretoria expor toda a movimentação financeira da cooperativa em quadro ou mural e os cooperados se interessarem por essas informações todos poderão participar mais ativamente das decisões na cooperativa, colaborando com novas ideias para melhorar o trabalho e o rendimento da cooperativa.

Vocês sabem qual foi o valor de venda de sucata do último mês?

Quais materiais mais contribuem para renda da cooperativa?

Uma boa maneira de compartilhar informações na cooperativa e garantir a autogestão é realizando a prestação de contas.

A prestação de contas consiste em pegar o Livro-caixa, o demonstrativo de pagamento e o Livro-fundo para apresentar aos demais cooperados explicando todas as movimentações financeiras que foram registradas nesses Livros informando o dia, o motivo, o valor e o saldo atual. E no demonstrativo de pagamento expor quais os critérios adotados para fazer o pagamento e os cálculos realizados para encontrar o valor da diária e o valor a ser recebido por cada cooperado.

Vamos treinar a prestação de contas?

Vamos organizar os demonstrativos que elaboramos nestes três dias de curso e fazemos uma reunião com os demais cooperados para explicar as despesas e receitas que a cooperativa teve no período. Como, normalmente membros da diretoria faz a prestação de contas, é interessante que os demais participantes do curso não membros da diretoria faça a prestação de contas para os demais.

APÊNDICES

COOPERATIVA DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAL
RECICLÁVEL

FOLHA DE PONTO

MÊS: AGOSTO 2015

NOME DO ASSOCIADO: Dilma Vaz Roussett

DIA	Dia Semana	Manhã		Tarde		ASSINATURA
		Entra da	Saída	Entra da	Saída	
03	Segunda	08:00	11:00			Dilma Roussett
04	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
05	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
06	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
07	Sexta	08:00	11:00			Dilma Roussett
10	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
11	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
12	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
13	Quinta			13:00	17:00	Dilma Roussett
14	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
17	Segunda			13:00	17:00	Dilma Roussett
18	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
19	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
20	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
21	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
24	Segunda	08:00	12:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
25	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
26	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
27	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett
28	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Dilma Roussett

**COOPERATIVA DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAL
RECICLÁVEL**

FOLHA DE PONTO

MÊS: AGOSTO 2015

NOME DO ASSOCIADO: Weniss Maria da Silva

DIA	Dia Semana	Manhã		Tarde		ASSINATURA
		Entra da	Saída	Entra da	Saída	
03	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
04	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
05	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
06	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
07	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
10	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
11	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
12	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
13	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
14	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
17	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
18	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
19	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
20	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
21	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
24	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
25	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
26	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
27	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva
28	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Weniss Maria da Silva

**COOPERATIVA DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAL
RECICLÁVEL**

FOLHA DE PONTO

MÊS: AGOSTO 2015

NOME DO ASSOCIADO: AGENDA DE MIRANDA ARAÚJO NETO

DIA	Dia Semana	Manhã		Tarde		ASSINATURA
		Entra da	Saída	Entra da	Saída	
03	Segunda	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
04	Terça	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
05	Quarta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
06	Quinta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
07	Sexta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
10	Segunda	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
11	Terça	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
12	Quarta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
13	Quinta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
14	Sexta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
17	Segunda	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
18	Terça	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
19	Quarta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
20	Quinta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
21	Sexta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
24	Segunda	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
25	Terça	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
26	Quarta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
27	Quinta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo
28	Sexta	8:00	14:00	13:00	17:00	Agenda M. Araújo

**COOPERATIVA DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAL
RECICLÁVEL**

FOLHA DE PONTO

MÊS: AGOSTO 2015

NOME DO ASSOCIADO: Uma Maria de Souza

DIA	Dia Semana	Manhã		Tarde		ASSINATURA
		Entra da	Saída	Entra da	Saída	
03	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
04	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
05	Quarta			13:00	17:00	Uma Maria de Souza
06	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
07	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
10	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
11	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
12	Quarta	08:00	11:00			Uma Maria de Souza
13	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
14	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
17	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
18	Terça	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
19	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
20	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
21	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
24	Segunda	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
25	Terça					
26	Quarta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
27	Quinta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza
28	Sexta	08:00	11:00	13:00	17:00	Uma Maria de Souza

74.570-580 RUA 2)

20/08/2015

Hora: 11:16

Ticket: 065388

Placa: NK52818

Produto: PLAST MOLE BRANCO FORD

Emissor: COOPERMAS

Documento: NIVALDO

Primeira pesagem: 17790 kg 129532 20/08/2015 11:07

Segunda pesagem: 17790 kg 129537 20/08/2015 11:16

Liquido: 200 kg

Peso da nota: 0 kg

Diferença: 200 kg 000,00 %

TECNOLOGIA EPM

RECIBO

Empresa: Merceria e Bar Vera Cruz		CNPJ: 06.314.519/0001-20		
Data da emissão: 21 de agosto de 2015		Cidade: GOINIA	Estado: Go	
Endereço: Rua VC*06 Quadra 08 Lote 01 Conjunto Vera Cruz I				
Nº	Discriminação da Mercadoria	Pesos	Preço Unit.	Total
1	Aluminio latinho	1018	3,20	
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
TOTAL				325,76

A Cooperativa COOPERMAS, portadora do CNPJ 10220286/0001-74 recebeu da Merceria e Bar Vera Cruz a importância de R\$ 325,76 (trezentos e vinte e cinco reais e setenta e seis centavos) referente à venda dos materiais discriminados acima.

Por ser verdade, firmo o presente.

Goiânia, 21 de agosto de 2015 (correspondente ao recebimento à vista)

Responsável pela Cooperativa

Responsável pela Empresa

RECIBO

Empresa: Rodoligo Transporte Industria e Comercio de Plástico e Derivados Ltda		CNPJ: 19.435.422/0001-18		
Data da emissão: 21 de agosto de 2015		Cidade: Goiânia		Estado: Go
Endereço: Avenida São Rodolfo de Oliveira Qd. 09 Lt.07				
Nº	Discriminação da Mercadoria	Pesos	Preço Unit.	Total
1	Plástico misto	362,60	0,80	290,08
2	Balão e Bacia	325,50	0,60	195,30
3	lona Preta	41,40	0,60	24,80
4	PVC	62,80	0,40	25,12
5	Pet	500,30	0,80	400,24
6	Georafinha	673,80	1,00	673,80
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
TOTAL				1.609,38

A Cooperativa COOPERMAS, portadora do CNPJ 10220286/0001-74 recebeu da Mundial Reciclável a importância de R\$ 1.609,38 (Um mil e sessentos e nove reais e trinta e oito centavos) referente à venda dos materiais discriminados acima.

Por ser verdade, firmo o presente.

Goiânia, 21 de agosto de 2015 (correspondente ao recebimento à vista)

Responsável pela Cooperativa

Responsável pela Empresa

RECIBO				
Cliente: MARLO SUEIR FERREIRA CARDOSO				
CPF 567093181				
Data da emissão: 21/08/15				
Endereço:			Estado: Goiás	
Cidade:			Cidade:	
Item	Discriminação da mercadoria	Peso	Preço Unit.	Total
✓	Máquina costura		550,00	
✓	fogão		20,00	
Total Venda			570,00	

Responsável pela cooperativa:

Responsável pela Cooperaiva. Dr. João F. Cardoso

RECIBO

Cliente:				
CPF 026 219 71 17				
Data da emissão: 21/08/15				
Endereço:			Estado: Goiás	
Cidade:			Cidade:	
Item	Discriminação da mercadoria	Peso	Preço Unit.	Total
2	motores	30.00	30.00	20.00
	chaparrão	1.5	2.80	42.00
	metal	8.1	7.50	60.00
	placa	7.6	5.00	38.00
	alumínio	14	2.00	28.00
	panela	8.6	3.00	25.80
	cobre	24.6	12.60	309.86
Total Venda				525.76

Responsável pela cooperativa: _____

Cliente: Paulo César V. V. V.

RECIBO

Cliente: CPF 28.595.399.1 Data da emissão: 21/08/15					Estado: Goiás Cidade:	
Endereço:					Cidade:	
Item	Discriminação da mercadoria	Peso	Preço Unit.	Total		
2	Televisão		15,00			
Total Venda				30,00		

Responsável pela cooperativa: ma de Snydes e un Soares

Cliente:

Assinável pela cooperativa: ma de Lourdes un
Edson M. Deuseret

New Life

Recicláveis

(62) 3206-8722

Av. Manchester nº 1.757 Qd. 329 Lt. 09 Jd. Novo Mundo - Goiânia - GO

CNPJ: 09.088.240/0001-64

ORDEM DE COMPRAS

EMPRESA:

FIXADOR	QUANTIDADE	TEOR	VALOR UNITÁRIO	TOTAL	OBSERVAÇÃO
FIXADOR					
FIXADOR					
FIXADOR					
FIXADOR					
REVELADOR					
FILME RAIO X	Kg 1640	X2	—	32.00	
FOTOLITO +	Kg				
FOTOLITO -	Kg				

DATA: 18/08/2015

VENDEDOR:

COMPRADOR:

FONEC.: 124

... 55 Andres

17/08/2015 10:23

NR.DOC. : 1979368

VALOR A PAGAR :

57.60 NR.ITENS : 1

IMPRESS:

2397656

NF:

0 VALOR ENTRADA :

57.60

CODIGO DESCRICAO

	UNID	QUANT	P.UNIT	P.TOTAL
1029 1 SUC DE FERRO	KG	720.000	0.080	57.60

"TER VOCE COMO CLIENTE E UM PRIVILEGIO. OBRIGADO !"

LGO

COMERCIAL DE ALIMENTOS SUPER CRISTAL LTDA-ME
GOIABAO SUPERMERCADO
 AV. LEOPOLDO DE BULHOES N°180 QD. 004 LT.08
 CONJUNTO VERA CRUZ GOIANIA-GO

CNPJ: 08.868.584/0001-70

IE: 10.413.205-1

IM: 2391902

19/08/15

19/08/2015 12:55:14

CCF: 139938

COO: 233712

CUPOM FISCAL

ITEM	CODIGO	DESCRICAO	QTD	UN	VL UNIT (R\$)	ST	VL ITEM (R\$)
1	7898081505225	AGUA SANITARIA KI 3000 TL 1UN T2	1	UN	1,88		1,88
002	7898917173398	OLEO DE SOJA BRASILEIRO 900ML	1	UN	2,69		2,69
003	7898917173398	OLEO DE SOJA BRASILEIRO 900ML	1	UN	2,69		2,69
004	7898910864019	FEIJAO DU CALDO CARIOCA TIPO 1	1	UN	3,99		3,99
005	7898910864019	FEIJAO DU CALDO CARIOCA TIPO 1	1	UN	3,99		3,99
006	7896090126064	LAVA ROUPAS ASSIM TRIPLACAO 50	1	UN	3,29		3,29
7	7898253400352	CAFE DOCE 250G 1UN T2	1	UN	3,88		3,88
8	7898253400352	CAFE DOCE 250G 1UN T2	1	UN	3,88		3,88
009	7898910864019	FEIJAO DU CALDO CARIOCA TIPO 1	1	UN	3,99		3,99
10	7898461320156	ARROZ GOL TIPO 5KG 1UN T1	1	UN	9,99		9,99
11	7898461320156	ARROZ GOL TIPO 5KG 1UN T1	1	UN	9,99		9,99
12	7897781700228	PIMENTA D DELICIA BODE 50G 1UN T4	1	UN	2,25		2,25
13	0343	HORT ABOBRINHA VERDE KG 1	1	KG	1,99		1,99
14	501	HORT FALHAGENS PC 1UN 11	1	UN	2,75		2,75
15	0351	HORT CENDURA KG 0,98KGx1,19 11	1	KG	1,16		1,16
16	0365	HORT ALHO AGRIANEL KG 0,28KGx1,99 11	1	KG	4,22		4,22
17	0331	HORT TOMATE COMUM KG 1,685KGx1,79 11	1	KG	3,01		3,01
18	0360	HORT PIMENTAO VERDE KG 0,31KGx1,49 11	1	KG	0,46		0,46
19	0341	HORT ABOBORA KABOTIA KG 75KGx2,39 11	1	KG	4,18		4,18
20	0345	HORT BATATA COMERCIAL KG 0,955KGx1,99 11	1	KG	1,90		1,90
21	0363	HORT REPOLHO VERDE KG 0,599KGx2,19 11	1	KG	1,31		1,31
22	0380	HORT COUVE FLOR UN 1UN 1	1	UN	3,39		3,39
23	0356	HORT MANDIOCA KG 1,58KGx 99 11	1	KG	3,14		3,14
24	0350	HORT CEBOLA KG 0,915KGx3,99 11	1	KG	3,65		3,65

TOTAL R\$

Dinheiro

TROCO R\$

T1=01T03,00% T2=02T07,00% T3=03T12,00% T4=04T17,00%

MD5: 760c2282a58e3de93772c63d51fd8a9

Seq.: 0191 Operador: 85-ANA LUCIA

CK 100 86 31

CNPJ

GOIABAO, SERVINDO BEM SUA FAMILIA

AGRADECEMOS A PREFERENCIA

TROCAS, SOMENTE COM CUPOM FISCAL

ECOMJUE S0LD55PL RPYTISTO INKLHS8 J5T600CHRNH

3EMATECH MP-4000 TH FI ECF-IF

VERSAO: 01.00.02 ECF: 008 LJ: 306

20000000010101TROY 19/08/2015 2:58:57

FAB: BE091310100011269837

BR

RECIBO	
N.º <input type="text"/> R\$ <u>6000</u>

Pagamos a:	<u>Renildo Alves Andrade</u>
a quantia de:	<u>sessenta reais</u> <u>11</u>
	<u>11</u>
Proveniente de:	<u>Uniteboy</u>
e para clareza firmo (amos) o presente.	
Goiania, <u>21</u> <u>08</u> <u>16</u>	
Nome:	<u>RONILDO ALVES ANDRADE</u>
Assinatura:
CPF:	<u>59803444204</u>

NOTA FISCAL

FATURA DO SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA - GRUPO B

CNPJ: 01.543.032/0001-04 IE: 100.549.420 Rua 2, Qd. A-37, s/n - Id. Goiás - CEP 74805-180 - Goiânia - Goiás

AGrupamento - NÚMERO SÉRIE EMISSÃO GRUPO

767576

4

07/05/2015

B3

5673423

CONTA 0119110112

MÊS REFERENTE 05/2015

UNIDADE CONSUMIDORA
10005814209VENCIMENTO
18/05/2015VALOR TOTAL
R\$ *****139,84

DADOS DA UNIDADE CONSUMIDORA

FATURAMENTO / FORNECIMENTO

ATIVIDADE

3832-700 RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS PLÁSTICOS

CLASSE / TIPO DE LIGAÇÃO

02 01 INDUSTRIAL NORMAL - TRIFÁSICO (26 KW EM DIANTE)

VENCIMENTO BASE BANCO AGÊNCIA CONTA CORRENTE
18/05/2015

DADOS DA MEDIÇÃO

LEITURA ATUAL	07501
LEITURA ANTERIOR	07322
DIFFERENÇA LEITURA	179
FM	1.000
TOTAL CONSUMO	178,96
MEDIDOR KWH	10501648-9
MÊS DE REFERÊNCIA	05/2015
DATA DA LEITURA ATUAL	05/05/2015
DATA DA LEITURA ANTERIOR	02/04/2015
DATA DA PRÓXIMA LEITURA	02/06/2015
DATA DA APRESENTAÇÃO	11/05/2015
NÚMERO DE DIAS FATURADO	33
MÉDIA / DIA	5,4230
MÉDIA TRIMESTRAL	105,3200
MÉDIA ANUAL	180,7467

LANÇAMENTOS

QUANTIDADE

TARIFA

VALOR

MULTA - 04/2015	0,000000	1,50
MULTA - 03/2015	0,000000	1,17
JUROS MORATÓRIA	0,000000	0,70
JUROS MORATÓRIA	0,000000	0,07
TAXA DE SEGUNDA VIA	0,000000	2,28
CONTRIB. CUSTEIO DA ILUMIN. PÚBLICA - CIP	0,000000	2,61
CONSUMO KWH + ICMS/PIS/COFINS	178,96	0,652980
ADICIONAL BANDEIRA VERMELHA	178,96	0,081930
		116,85
		14,66

HISTÓRICO DE CONSUMO

REFERÊNCIA	HISTÓRICO CONSUMO	ENERGIA FATURADA
MAI / 15	178,96	MÉDIA
ABR / 15	52,00	MÍNIMA
MAR / 15	85,00	MÍNIMA
FEV / 15	142,00	LIDA
JAN / 15	116,00	LIDA
DEZ / 14	233,00	LIDA
NOV / 14	437,00	LIDA
OUT / 14	233,00	LIDA
SET / 14	233,00	LIDA
AGO / 14	136,00	LIDA
JUL / 14	158,00	LIDA
JUN / 14	167,00	LIDA

GRÁFICO

RESERVADO AO FISCO

969B.347C.1B1F.BED9.70F6.3121.BEEE.7C9F

TRIBUTO	ALÍQUOTA	BASE DE CÁLCULO	VALOR
PIS/PASEP	0,6915%	R\$*****131,51	R\$*****0,90
ICMS	29%	R\$*****131,51	R\$*****38,13
COFINS	3,1849%	R\$*****131,51	R\$*****4,18

INDICADORES DE CONTINUIDADE

METAS	MENSAL						TRIMESTRAL		ANUAL		TENSÃO NOMINAL 380 V	
	DEC	FEV	DIC	FIC	DMIC	DICRI	DIC	FIC	DIC	FIC		
VALORES APURADOS	3	3	5,07	3,36	2,86	1	0,05	1,65	2,00	0,00	0,00	LIMITES 348,0 V a 396,0 V
	1,3062	1,7353	0,05		0,05							CONJUNTO CAMPINAS S2

INFORMAÇÕES GERAIS

PERÍODO DE REFERÊNCIA DA APURAÇÃO DOS INDICADORES DE CONTINUIDADE = 3/2015. EUSD = R\$ 16,82900.

PARCELA : USO SISTEMA = R\$ 48,58 FORNECIMENTO = R\$ 71,77 USO TRANSMISSÃO = 5,7400 ENC. SETORIAL = 5,4200

BANDEIRA TARIFÁRIA - PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE SITE DA ANEEL - WWW.ANEEL.GOV.BR

PARA FAIXAS ONDE PARTE DOS DÉBITOS SEJAM PROVENIENTES DA COBRANÇA DE TERCEIROS (DOAÇÕES A ENTIDADES FILANTRÓPICAS), O CONSUMIDOR PODERÁ NOS POSTOS DE ATENDIMENTO DA CELG SOLICITAR NOVA FATURA SEM A COBRANÇA RELATIVA À PRESTAÇÃO DESTAS ATIVIDADES.

REAVISO

SANEAMENTO DE GOIÁS S.A.

CNPJ: 01.616.929/0001-02 - INSC. EST. 10.013.357-6
 ENDEREÇO: AV. FUED JOSE SEDRA NR. 1245 QD. LT. JARDIM GOIÁS
 CEP: 74145-100

FATURA DE AGUA/ESGOTO/SERVICOS

PROPRIETÁRIO: MUNICIPIO DE GOIANIA

USUÁRIO:

ENDEREÇO:

BAIRRO:

CIDADE:

CEP:

FATURA Nº: 594591039-9

COD: 001 16.47.0000

HIDRÔMETRO: A10X085238

DATA DE EMISSÃO: 29/04/2015
 REFERÊNCIA: ABR/2015

CONTAS Nº: 1638291-9

DESCRIÇÃO DOS SERVIÇOS

TARIFA AGUA - COMERCIAL 218,10
 CUSTO MINIMO FIXO 8,02

VENCIMENTO: 05/05/2015

VALOR TOTAL (R\$): 226,12

LEITURA ANTERIOR: 498

DATA: 23/03/2015

CONSUMO

LEITURA ATUAL: 697

DATA: 22/04/2015

FATURADO: 35 m3

TIPO DE CONSUMO FATURADO: MEDIA

CONSUMO ESTIMADO: 28 m3

HISTÓRICO DE CONSUMO (m³/mês)

OUT NOV DEZ JAN FEV MAR
 00045 00033 00075 00004 00010 00037

MEDIA:

34

CATEGORIA/ECONOMIA/PESO

COMERCIAL
 001/100

MENSAGEM

COMUNIQUE VAZAMENTOS NAS VIAS PUBLICAS PELO TELEFONE 0800 645 0115.
 COLABORE PARA QUE POSSAMOS EVITAR DESPERDÍCIO DE AGUA.

FATURAS NÃO PAGAS ATÉ O VENCIMENTO SERÃO ACRESCIDAS DE MULTA E ATUALIZAÇÃO MONETÁRIA DIÁRIA (JURO INFL) CONFORME REGULACAO DA AGR (RESOLUCOES Nº 09/2014 E Nº 251/2008 CG).

INFORMAÇÕES AO CONSUMIDOR:

Captação: JOÃO LUIZ

Decreto Federal nº 5.440/2005 - QUALIDADE DA ÁGUA DISTRIBUÍDA

ATENÇÃO AO CLIENTE

0800 645 0115

Parâmetros	Cloro	Fluor	Turbidez	Cor	pH	Coliformes Totais	Coliformes Termotolerantes
Previsto	262	0	262	69	0	262	262
Realizado	224	35	224	99	46	224	224
Fora do Padrão	0	0	4	2	0	0	0

Previsto: número de amostras recomendado pela Portaria nº 2914/2011 do Ministério da Saúde.

Realizado: número de amostras analisadas pela SANEAGO.

Fora do padrão: número de amostras fora dos padrões estabelecidos pela Portaria nº 2914/2011 do Ministério da Saúde.

Lei Federal nº 12.741/2012 - TRIBUTOS INCIDENTES NA FORMAÇÃO DE PREÇO AO CONSUMIDOR

Serviços	Base de Cálculo (R\$)	Tributos	
		PIS - 1,65%	COFINS - 7,60%
Água	218,10	3,59	0,00
Esgoto	0,00	0,00	0,00

826800000026 261201068598 459103991632 829100000001

APÊNDICE D - Relatórios dos cursos ministrados nas cooperativas

Experimento realizado na Coocamare:

16/10/2015: Fiz apresentação para nos conhecermos e expliquei o que iria trabalhar com eles durante os três dias de curso. O curso foi realizado com dois membros da diretoria e dois cooperados sendo que um deles foi indicado pela presidente porque nos pagamentos demonstrava descontentamento e não compreender como é feito. Falei sobre as características específicas da cooperativa como autogestão e sobre o fato dessas características irem ao encontro com os princípios da Economia Solidária. Em seguida, sobre a tomada de decisão coletiva, citei o exemplo do horário de almoço da cooperativa, que é decidido em conjunto, caso o horário não esteja atendendo a maioria ele pode ser alterado. Depois falei sobre as ferramentas contábeis que são usadas na gestão, caracterizando este processo na cooperativa feito de forma participativa e democrática. Tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Questionei se eles sabiam de algum controle usado pela cooperativa e que ajuda na gestão, e um cooperado informou o controle de vendas do material. Citei o exemplo da folha de ponto como importante controle que comprovava o fato de eles estarem trabalhando hoje. Argumentei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento. A pessoa que fosse fazê-lo ter que se lembrar de todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasadas. Depois falei sobre outro controle importante, que é o Livro-caixa, e que nele deve ser anotada toda movimentação financeira da cooperativa. Quando começamos a tratar do Livro-caixa o cooperado que tinha sido indicado pela presidente para participar pediu para sair do curso porque tinha dificuldades com contas e também não gostava, propus ajudá-lo com as contas, mas mesmo assim não teve interesse em ficar. Então, os cooperados que estavam no curso convidaram outro cooperado, ele aceitou e retomei as coisas que tinha falado até então, agora com a presença do novo cooperado. Expliquei que o Livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsáveis por essa gaveta, anotando tudo que acontece com ela. Colocando o cooperado que entrou por último como responsável pelo Livro-caixa, citei o exemplo então da venda de papel branco e misto, questionando se esse dinheiro entra ou sai da gaveta, ou seja, ele será registrado na entrada ou na saída? Com relação ao histórico que consta no Livro-caixa expliquei que ele representa o motivo

pelo qual saiu ou entrou dinheiro na gaveta e o saldo representa o valor em dinheiro que consta na gaveta. O outro exemplo foi o pagamento dos cooperados, o dinheiro entra ou sai da gaveta da cooperativa? Ao perceber que eles tinham entendido o mecanismo começaram a preencher o Livro-caixa. O primeiro comprovante do apêndice da apostila não possui o valor do material, apenas o peso. Questionei se havia algo de errado com o comprovante e um cooperado informou que estava faltando o valor do material, sendo assim, em seguida, informei que então não seria possível fazer registro. Relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa e CNPJ e preenchido corretamente com o peso e valor do material que foi vendido. Perguntei o nome completo de um cooperado e depois se eles sabiam que provavelmente havia outras pessoas com o mesmo nome que ele e que para diferenciar dessas outras pessoas era necessário CPF. E com a Coocamare era da mesma forma existe um registro específico que comprova ser cooperativa residente em Goiânia, que funciona neste determinado endereço, daí, alguém informou que era pelo CNPJ. Perguntei como era possível comprovar que a conta de telefone paga o mês passado era da Coocamare como ninguém se prontificou informei que além do nome completo e do endereço da cooperativa a conta de telefone precisava ter o CNPJ, assim como, os demais comprovantes como recibos de vendas, aluguel, água e energia. Preencheram o Livro-caixa com todos os comprovantes em seguida informei que isso deve ser feito diariamente e que no histórico sempre coloco o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro eu somo e se sai dinheiro eu diminuo.

23/10/2015: Neste dia outro cooperado teve que entrar porque o que substituiu o que saiu no dia do Livro-caixa não estava na cooperativa. Retomei os assuntos tratados no primeiro dia do curso como autogestão, controles administrativo-financeiros como Livro-caixa e trabalhei a ideia da gaveta para seu preenchimento. Perguntei se eles sabiam quanto iriam receber no final do mês, responderam que não sabia por que ainda não tinha vendido todo material e nem pago todas as despesas para fazer pagamento. Iniciei o curso, questionando se eles sabiam explicar o valor que receberam no último pagamento. Apenas um cooperado membro da diretoria se pronunciou que se tivesse com seu demonstrativo saberia explicar. Perguntei se sabiam o quanto de sucata foi vendida no mês passado e o valor unitário que foi vendido deste material. Lembrei que

o pagamento provém justamente da venda do material e que deve ser do interesse de todos saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido e não apenas interesse da diretoria. Disse que às vezes reclamam do valor que estão recebendo, mas não sabem como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa aquele mês. Cabe a cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Outra questão abordada é o fato de apenas um ou dois saberem fazer o pagamento, se essas pessoas faltarem como eles fariam? Não dava para esperar eles voltarem para fazer o pagamento. É importante que outros saibam fazer para cobrir alguém quando precisar. Informei que iríamos realizar o exercício que simulava o rateio da cooperativa e que a primeira coisa que precisavam saber era o que sobrou das vendas após pagar as despesas. No nosso exemplo, este valor estava no Livro-caixa que foi preenchido anteriormente, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual está contribuindo mais para a receita da cooperativa. Então, começamos a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, o total vendido e o total pago. Depois conversamos sobre critério de rateio utilizado pela cooperativa, e fui informada que era baseado no período trabalhado de cada cooperado e que tinha bônus, e esse era dividido entre os cooperados que não faltavam. Informei que a Folha de Ponto é fundamental para saber os períodos que foram trabalhados de cada cooperado e por isso precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que as diárias das pessoas que faltaram, então para calcular o valor da diária se considera, para efeito de cálculos, que todos trabalharam todos os dias e divide pela sobra que foi calculada anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária e depois basta multiplicar pelas diárias de cada um para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos tenham trabalhado todos os dias, porém, alguns faltaram essas diárias das faltas são consideradas bônus que é dividido entre os que não faltaram. Fizeram o exemplo do pagamento, eles contaram através da Folha de Ponto exemplo no apêndice da apostila a quantidade de períodos que deveriam ter sido trabalhados e quantos períodos foram

trabalhados e, posteriormente, fizeram o rateio e encontraram o valor que caberia a cada cooperado. Em seguida, lançaram o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados e avisei que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo.

30/10/2015: Iniciei o curso falando dos assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado, e a folha de pagamento lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio para os cooperados total das vendas do material, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Disse que a partir dessa informação acha-se o valor da diária e depois basta multiplicar pelos dias trabalhados para encontrar o valor que cada um irá receber, no caso deles como ele usam o mecanismo do bônus considera para achar o valor da diária o total de dias que deveriam ter sido trabalhados. Com relação ao valor que sobrou após o pagamento referente ao bônus informei que ao invés de distribuímos para os cooperados que não faltaram iríamos considerar como Fundo. Questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Informaram que serve para pagar uma despesa não esperada. Então expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não poderia ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se eles sabiam quanto fica para consertar o motor de uma prensa e responderam que era mais de R\$2.500,00. Depois perguntei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles e todos concordaram que o pagamento de todos iria diminuir. Falei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências como esta, para quando houver, eles já tenham o dinheiro ou parte dele para cobrir. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e que para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. No nosso exemplo consideraram que no Fundo da Cooperativa havia R\$200,00 e fizemos esse primeiro lançamento e utilizamos como exemplo a troca do óleo do motor da prensa que ficaria em torno de R\$140,00 sobrando um saldo na cooperativa no valor de R\$60,00 e esse saldo é o que chamamos de sobra ou lucro do mês. Registraram esse evento no caixa também e depois fizeram a prestação de contas. Como havia muito material na cooperativa não foi possível que os demais cooperados participassem da

prestação de contas, sendo assim uma cooperada que participou do curso fez a prestação de contas para os demais cooperados. E assim ela informou as transações lançadas no Livro-caixa, o pagamento realizado e o que restou no Fundo considerado como sobra da cooperativa.

Experimento realizado na Coocap:

18/11/2015: Ao chegar à cooperativa percebi que a mesma estava com material acumulado. Conversei com o presidente que iria realizar um curso com eles e se poderia ser naquele dia mesmo. Assim, ele autorizou e pedi que perguntasse aos cooperados quem gostaria de participar. Neste primeiro dia de curso sete pessoas participaram, como havia quatro apostila os demais acompanharam com os colegas que tinham apostila. Iniciei o curso fazendo uma apresentação, em seguida, pedi para os participantes se apresentarem. Perguntei se alguém saberia explicar como era feita a tomada de decisão na cooperativa, alguém logo respondeu que era feita pelo presidente da cooperativa. E outra informou que tinha que ser em conjunto, confirmei a resposta dela e disse que ela falou o crucial, a tomada de decisão na cooperativa é coletiva. Perguntei como foi decidido o horário de funcionamento da cooperativa. Alguém respondeu que eles decidiram qual seria o horário, mas também dependeu do horário da coleta seletiva. Logo, dei o exemplo que ao fazer entrevista numa empresa percebe-se que o horário que a empresa está requerendo para você não é bom, porque precisa buscar seu filho na escola, assim solicita sair uma hora antes todos os dias, neste caso, a empresa irá lhe contratar? Alguém respondeu que provavelmente não seria contratado. Lembrei que na cooperativa é possível adequar o horário para a maioria. Disse que a tomada de decisão coletiva na cooperativa acontece em muitos aspectos, o grupo decide o horário de trabalho, o grupo decide quem entra e sai da cooperativa e essa característica específica de tomar decisão em conjunto vai de encontro ao princípio maior que está inserida a cooperativa que é o da Economia Solidária. Perguntei se eles sabiam o que é gestão, como ninguém se manifestou informei que era administrar e organizar a cooperativa. Questionei se eles sabiam como funcionava a administração e organização da cooperativa, alguém informou que quem faz essa parte é a diretoria. Em seguida, perguntei se eles sabiam o que era autogestão, alguém encontrou a informação na apostila e leu, depois, expliquei que era uma forma de administrar em conjunto por meio da tomada de decisão coletiva e que autogestão também era uma característica

específica da cooperativa. Perguntei se todos contribuem com a administração qual era então a necessidade de se ter membros da diretoria. Como ninguém respondeu, questionei se todos da cooperativa tivessem, por exemplo, que ser responsável pela conta bancária da cooperativa, caso a cooperativa fosse emitir um cheque todos teriam que assinar, ou seja, o dia que faltassem alguém, a cooperativa não conseguiria fazer nenhum serviço pelo banco nem mesmo emitir um cheque. Falei que era necessário eleger representantes que fossem em nome do grupo ser responsáveis pela conta no banco, esses representantes são eleitos pelo grupo e que caso eles não atendam aos interesses da maioria eles podem ser substituídos. Conversamos então sobre as ferramentas contábeis que são usadas na gestão caracterizando este processo na cooperativa feito de forma participativa e democrática. Tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Perguntei se eles sabiam de algum controle usado pela cooperativa que ajuda na gestão da cooperativa, como ninguém manifestou falei da Folha de Ponto onde é anotado o horário de trabalho de todos os cooperados. Conversei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que se lembrar de todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasada. Depois informei sobre outro controle importante que é o Livro-caixa e que nele deve ser anotada toda movimentação financeira da cooperativa. Expliquei que o Livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Coloquei como exemplo um cooperado como responsável pelo Livro-caixa, e perguntei então da venda de sucata questionando se esse dinheiro entra ou sai da gaveta, ou seja, ele será registrado na entrada ou na saída. Depois, perguntei quando eles pagam energia se o dinheiro entra ou sai da gaveta. Com o exemplo do Livro-caixa da apostila expliquei que o histórico representa o motivo pelo qual saiu ou entrou dinheiro na gaveta e o saldo representa o valor em dinheiro que consta na gaveta. Dando o exemplo que quando é feito o pagamento da energia o motivo pelo qual saiu dinheiro da gaveta foi para pagar energia e que caso tivesse na gaveta R\$100,00 e o pagamento da energia tivesse custado R\$60,00 quanto sobraria na gaveta. Alguém respondeu R\$40,00, logo, este seria o novo saldo da gaveta. Iniciaram o exercício de preencher o Livro-caixa, o primeiro comprovante não possui o valor do material apenas o peso, questionei a todos se havia algo de errado com o comprovante, alguém disse que não tinha a data,

confirmei a resposta e informei que além da data no comprovante não estava especificado o valor do material, então, não seria possível fazer registro. Relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa, CNPJ, preenchido corretamente com o peso e valor do material que foi vendido. Informei meu nome completo e questionei se eles sabiam que provavelmente havia outras pessoas com este mesmo nome e que para diferenciar dessas outras pessoas era necessário CPF. Na Coocap era da mesma forma existe um registro específico que comprova que ela é a cooperativa de Aparecida e que funciona neste determinado endereço, alguém informou que era pelo CNPJ. Questionei como era possível comprovar que a conta de telefone paga o mês passado era da Coocap, alguém informou que era pelo endereço do talão, confirmei e disse que além do endereço era necessário o nome completo e o CNPJ da cooperativa, assim como, os demais comprovantes como recibos de vendas, aluguel, água e energia. Preencheram o Livro-caixa com todos os comprovantes e informei que isso deve ser feito diariamente e que no histórico sempre coloco o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro soma e se sai dinheiro diminui.

25/11/2015: Retomei os assuntos tratados no primeiro dia do curso como autogestão, controle administrativo-financeiros, Livro-caixa e trabalhei a ideia de gaveta para seu preenchimento. Questionei se eles sabiam informar quanto receberiam no próximo pagamento. Informaram que não, porque ainda não tinha feito todas as vendas. Logo, perguntei se alguém sabia o quanto de latinha a cooperativa vendeu o mês passado e o valor unitário que foi vendido este material. Como ninguém sabia, perguntei como eles sabem que o pagamento deles depende da produção e ao mesmo tempo eles não sabem quanto à cooperativa está produzindo. Informei sobre a importância de todos saberem do preço do material, talvez alguém até saiba onde poderia vender o material com um preço melhor, a diretoria tem obrigação de fornecer essa informação, mas os demais cooperados precisam se interessar por ela também. Lembrei que o pagamento provém justamente da venda do material e que deve ser do interesse de todos saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido e não apenas responsabilidade da diretoria. Às vezes alguém pode não concordar com valor que está recebendo, mas talvez não saiba como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa aquele mês, e cabe a cada um procurar entender para poder questionar

alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Perguntei se alguém saberia me explicar como funciona para fazer o rateio, alguém da diretoria respondeu que pega o quanto vendeu, retira o dinheiro do fundo para pagar água e energia, soma os períodos trabalhados e divide o dinheiro entre os cooperados. Expliquei que todos devem buscar saber como é feito o pagamento para caso alguém falte, é importante que outros saibam fazer para cobrir alguém quando precisar. Informei que iríamos realizar o exercício que simulava o rateio da cooperativa e que a primeira coisa que precisavam saber era o que sobrou das vendas após pagar as despesas. Avisei que essa informação estava no Livro-caixa, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual está mais contribuindo para a receita da cooperativa. Questionei se eles sabiam qual material atualmente estava colaborando mais com a renda da cooperativa. Ninguém manifestou, avisei que quando detalhamos os produtos para fazer o rateio é possível perceber. Então, começaram a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, total vendido e o que foi recebido. Depois conversei sobre critério de rateio utilizado pela cooperativa e fui informada que era baseado no dia trabalhado por cada cooperado. Informei que a Folha de Ponto é fundamental para saber os períodos que foram trabalhados por cada cooperado e por isso precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que diárias das pessoas que faltaram. Então para calcular o valor da diária considera que todos tivessem trabalhado todos os dias e divide pela sobra que foi calculada anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária e depois basta multiplicar pelo tempo trabalhado por cada um para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos estivessem trabalhados, porém, alguns faltaram, essas diárias das faltas são consideradas bônus que é dividido entre os que não faltaram. Fizeram o exemplo do pagamento, e contaram através da Folha de Ponto exemplo no apêndice da apostila à quantidade de períodos que foram trabalhados já que a cooperativa não utiliza o mecanismo de bônus e, posteriormente, fizeram o rateio e encontramos o valor que caberia a cada cooperado. Em seguida, lançaram o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu

para pagamento dos cooperados, e avisei que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo.

02/12/2015: Nesse dia apenas duas pessoas participaram do curso, havia quatro pessoas trabalhando na cooperativa sendo que duas delas não participaram dos demais módulos e não tiveram interesse em participar do último. Retomei os assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado, e ainda sobre a Folha de Pagamento lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio o total das vendas dos materiais, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Informei que a partir dessa informação acho o valor da diária e depois basta multiplicar pelos dias trabalhados para encontrar o valor que cada um irá receber. Questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Ninguém manifestou, então expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não deveria ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se eles sabiam quanto fica para consertar o motor de uma prensa como ninguém sabia, informei que ficava em torno de R\$2.800,00. Depois questionei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles e todos concordaram que iria diminuir. Falei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências como esta para quando houver eles já tenham o dinheiro ou parte dele para cobrir. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e que para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. Consideraram que no Fundo da Cooperativa havia R\$200,00 e fizeram esse primeiro lançamento utilizando como exemplo a troca do óleo do motor da prensa que ficaria em torno de R\$170,00 sobrando um saldo na cooperativa no valor de R\$30,00 e esse saldo é o que chamamos de sobra ou lucro do mês. Expliquei que esse mês a cooperativa teve uma sobra de R\$30,00 e que este valor seria o saldo inicial do Livro-fundo do mês seguinte. Retomei que no início falamos sobre autogestão e perguntei se alguém lembrava o que se trata. Como ninguém se prontificou informei que era uma forma de gestão compartilhada e que uma das coisas que pode ser feita para compartilhar o que acontece na gestão da cooperativa é por meio da prestação de contas, por meio dela todos ficam sabendo das receitas e despesas da cooperativa. Perguntei se alguém poderia então nos explicar

através do Livro-caixa, demonstrativo de pagamento e Livro-fundo a movimentação da financeira da cooperativa daquele mês. Uma das participantes se negou a fazer e a outra se prontificou e assim, informou as transações lançadas no Livro-caixa, o pagamento realizado e que o valor no Fundo é considerado como sobra da cooperativa e irá passar para o próximo mês.

Experimento realizado da Coopercan:

14/10/2015: Fiz apresentação para nos conhecermos e avisei que iria trabalhar com eles durante os três dias para ministrar um curso. O primeiro dia do curso todos os oito cooperados da Coopercan participaram sendo que quatro ficaram com a apostila para realizarem os exercícios propostos sendo dois da diretoria, um do conselho fiscal e um cooperado, os demais acompanharam do lado. Como a cooperativa está apenas com o diretor presidente e financeiro exercendo a função e os dois são marido e mulher, então considerei mais interessante convidar um cooperado e um membro do conselho fiscal para participar. No primeiro dia do curso um técnico e um bolsista da equipe da contabilidade da Incubadora Social da UFG me acompanharam e convidaram as pessoas que achavam interessante participar juntamente com a presidente, inclusive teve uma determinada cooperada que a presidente não gostaria que ela participasse alegando que ela é muito encrenqueira, porém o técnico sugeriu que ela participasse porque possui facilidade com controle e interesse em aprender. No entanto, respeitamos a decisão da presidente e esta cooperada ficou acompanhando outra cooperada que estava com a apostila do curso. Neste dia falei sobre o Livro-caixa, antes disso conversamos sobre as características de uma entidade cooperativa e sobre seus princípios que vão de acordo com a ideia maior que é a Economia Solidária. Dentre os princípios enfatizados temos a autogestão citando o exemplo de como era tomada de decisão na cooperativa quanto ao horário de funcionamento na cooperativa ou numa empresa de fora. Foi relatado pelos cooperados que a decisão ou mudança do horário de funcionamento é feita em conjunto e já nas outras empresas as pessoas se adequam ao horário que a empresa funciona. Em seguida tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão das cooperativas. Para despertar a utilização e entendimentos desses controles questionei os cooperados o que comprovava o fato de eles estarem trabalhando hoje. Logo alguém respondeu a Folha de Ponto e questionei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que se lembrar

de todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasada. Depois perguntei se eles sabiam o que era Livro-caixa e para que ele serve. A presidente que atualmente faz o preenchimento do Livro-caixa sobre supervisão do bolsita da incubadora, informou que nele anota tudo que é gasto e tudo que foi vendido de material pela cooperativa. Expliquei que o Livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. A cooperada que a presidente não queria que participasse ficou conversando com outra cooperada boa parte do tempo e percebi que estavam falando do conteúdo da apostila, então a coloquei como responsável pelo Livro-caixa "gaveta" do exemplo que iríamos fazer. O primeiro comprovante que temos na apostila é de venda do material e sendo assim entraria dinheiro no caixa, porém o comprovante não possui o valor do material apenas o peso, questionei a todos se havia algo de errado com o comprovante e uma cooperada informou que não tinha o valor do material, em seguida informei que então não seria possível fazer registro. Relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa, CNPJ, preenchido corretamente com o peso e valor de venda do material. Perguntei o nome completo de uma determinada cooperada e se ela sabia que provavelmente existem outras pessoas com o mesmo o nome dela e como ela comprova que ela é a pessoa tal, que reside em tal endereço, estudou em tal lugar e trabalha hoje na Coopercan. Alguém respondeu pelo RG e CPF. Sendo assim questionei se eles sabiam que existem outras cooperativas com o nome Coopercan e como eles poderiam comprovar que aquela era a Coopercan que residi naquele determinado endereço em Anápolis, a presidente respondeu pelo CNPJ. Então expliquei que para comprovar que um recibo de venda de material é da Coopercan além do nome completo da cooperativa é necessário ter o CNPJ, assim como em contas de telefone, água e energia. Preenchemos o Livro-caixa com todos os comprovantes informando que isso deve ser feito diariamente e que no histórico coloca-se o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro soma e se sai dinheiro diminui.

21/10/2015: No dia da Folha de Pagamento todos participaram novamente. Primeiramente retomei sobre o Livro-caixa que vimos no primeiro dia de curso informando que ele funciona como uma gaveta que guarda o dinheiro da cooperativa e

precisava que alguém ficasse responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Se a cooperativa vender sucata o dinheiro entra na gaveta então, tem que anotar o dia, o histórico é o motivo que entrou o dinheiro na gaveta, no caso, venda de sucata e o valor. Caso haja um pagamento será uma saída porque o dinheiro irá sair da gaveta e o saldo representa quanto de dinheiro que tem na gaveta. Abri o curso sobre Folha de Pagamento questionando se eles sabiam quanto iriam receber no final do mês. Alguém falou que o valor certo não teria como saber, pois, depende da quantidade de material e das despesas que precisam ser pagas. Então, informei que primeiro precisa ser feito para fazer o rateio para os cooperados é verificar o que sobrou das vendas após pagar as despesas. Nós tínhamos este valor no Livro-caixa que foi preenchido anteriormente, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual está mais contribuindo para a receita da cooperativa. Inclusive questionei se alguém sabia o quanto de pet e garrafinha que a cooperativa vendeu o mês passado e o valor unitário que foi vendido este material. Procurei despertar o interesse de todos em saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido já que o pagamento provém justamente da venda do material, e, isso não é apenas responsabilidade da diretoria. Às vezes reclamam do valor que estão recebendo, mas não sabem como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa aquele mês. Cabe a cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Posteriormente começaram a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário e total vendido e o que foi recebido. Depois questionei qual critério utilizam para fazer o rateio, informaram que eram os dias trabalhados por cada um. Acrescentei que essa informação estava na Folha de Ponto e por isso ela era tão importante e precisa ser preenchida corretamente e não deve conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que as diárias das pessoas que faltaram, então para calcular o valor da diária considera que todos tivessem trabalhado todos os dias e divide pela sobra que foi calculada anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária e depois basta multiplicar pelo tempo trabalhado por cada cooperado para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita

considerando que todos estivessem trabalhados, no entanto, alguns faltaram essas diárias das faltas é considerada bônus e no caso da Coopercan entra como Fundo para despesas extraordinárias. E assim fizeram o exemplo do pagamento, eles contaram através da Folha de Ponto exemplo no apêndice da apostila a quantidade de dias que deveria ter sido trabalhado e os dias trabalhados e, posteriormente, fizeram o rateio e encontraram o valor que iria para o fundo da cooperativa. Em seguida, lançamos o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados. Ficou decidido que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo e que o dinheiro que sobrou no caixa ficará como exemplo de entrada no Fundo para cooperativa.

28/10/2015: Retomei os assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado e a folha de pagamento lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio para os cooperados total das vendas do material, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Comecei a falar sobre o Livro-fundo, questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Alguém respondeu que era para pagar alguma despesa da cooperativa. Então expliquei que realmente ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não poderia ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se sabiam quanto fica para consertar o motor da prensa e alguém disse que era mais de R\$2.000,00. Então, perguntei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles. E todos concluíram que iriam receber muito pouco daí, expliquei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências como estas, e quando houver, eles já tenham o dinheiro ou parte dele para cobrir. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. Consideraram que sobrou no Livro-caixa após o pagamento seria Fundo e anotaram no Livro a entrada do dinheiro e utilizaram como exemplo a troca do motor da prensa como saída de dinheiro. Em seguida conversei sobre a prestação de contas e sobre sua importância para esclarecer a movimentação financeira da cooperativa e para estimular a participação na sua gestão. Solicitei que duas cooperadas fizessem a prestação de contas para os demais e alguém

se prontificou e prestou contas de todas as atividades realizadas e trabalhadas no curso que foi ministrado na cooperativa.

Experimento realizado da Coopermas:

19/10/2015: Fiz apresentação para nos conhecermos e expliquei o que iria trabalhar com eles durante os três dias de curso. Realizei o curso com a presença de todos os cooperados da cooperativa sendo que dois membros da diretoria e dois cooperados receberam a apostila e os demais acompanharam ao lado. Iniciei perguntando como era feita a tomada de decisão na cooperativa e citei o exemplo da entrada e saída de cooperado da cooperativa, disse que tinha um conhecido que está precisando trabalhar e se posso pedir para ele vir amanhã para começar a trabalhar. Logo alguém me informou que primeiro deve haver reunião para decidir quem entra ou sai da cooperativa. Parabenizei pela resposta e informei que boa parte das decisões na cooperativa ocorre em conjunto, e o que a maioria decidir é o que prevalece. Mas também existem algumas decisões que não são necessárias reuniões como, por exemplo, se uma empresa ligar solicitando que busquem o material reciclável numa quarta-feira como se trata de um benefício para cooperativa quem está na diretoria pode decidir se é possível buscar ou não o material. Em seguida falei da autogestão que era justamente a gestão feita de forma democrática e participativa, onde todos participam por meio do voto. Informei que características como tomada de decisão coletiva e autogestão são específicas da cooperativa e elas vão de encontro com os princípios da Economia Solidária. Questionei se a gestão é compartilhada, então, qual era a necessidade de haver membros da diretoria. Alguém informou que era para ir a reuniões com a incubadora e prefeitura. Falei que esse é um dos motivos, e, aproveitei o exemplo e perguntei a eles o que aconteceria se a cooperativa não tivesse representantes e todos tivessem que comparecer nas reuniões, logo concluíram que não haveria produção no dia de reunião e consequentemente não haveria salário. Depois tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Perguntei se eles sabiam de algum controle usado pela cooperativa que ajuda na gestão da cooperativa, um cooperado informou o controle de vendas do material. Citei o exemplo da Folha de Ponto como importante controle que comprovava o fato de eles estarem trabalhando hoje. Argumentei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que se lembrar de todas as pessoas que faltaram ou

chegaram atrasada. Depois falei sobre outro controle importante que é o Livro-caixa e que nele deve ser anotada toda movimentação financeira da cooperativa. Expliquei que o Livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsáveis por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. No exemplo de Livro-caixa que consta na apostila mostrei que o histórico representa o motivo pelo qual saiu ou entrou dinheiro na gaveta e o saldo representa o valor em dinheiro que consta na gaveta. Então, perguntei o que acontece quando eles vendem o Pet, eles responderam entra dinheiro na gaveta, e, depois questionei o que acontece quando é feito o pagamento do aluguel o dinheiro entra ou sai da gaveta da cooperativa? Alguém informou: sai o dinheiro da gaveta. Começamos a preencher o Livro-caixa e o primeiro comprovante do exemplo não possui o valor do material apenas o peso. Informei que havia algo errado com comprovante se eles sabiam o que era, alguém informou que estava faltando o nome da cooperativa, sendo assim, em seguida falei que então não seria possível fazer registro. Relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa, CNPJ, preenchido corretamente com o peso e valor de venda do material. Perguntei o nome completo de um cooperado e questionei se eles sabiam que provavelmente havia outras pessoas com o mesmo nome que ele e para diferenciar dessas outras pessoas era necessário CPF. E com a Coopermas era da mesma forma existe um registro específico que comprova que ela é a cooperativa de Goiânia e que funciona neste determinado endereço, alguém informou que era pelo CNPJ. Questionei como era possível comprovar que a conta de telefone paga o mês passado era da Coopermas, como ninguém se prontificou informei que além do nome completo e do endereço da cooperativa a conta de telefone precisava ter o CNPJ da cooperativa, assim como, os demais comprovantes como recibos de vendas, aluguel, água e energia. Preencheram o Livro-caixa com todos os comprovantes informando que isso deve ser feito diariamente e que o histórico é o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro soma e se sai dinheiro diminui.

25/10/2015: Retomei os assuntos tratados no primeiro dia do curso como autogestão, controle administrativo-financeiros como Livro-caixa trabalhando a ideia de gaveta para preenchimento do Livro-caixa. Iniciei o curso questionando se eles sabiam quanto iriam

receber este mês. Alguém informou que não porque ainda não tinham vendido todo material. Perguntei se sabiam o quanto de pet que a cooperativa vendeu o mês passado e o valor unitário que foi vendido deste material. Como ninguém manifestou, lembrei que o pagamento provém justamente da venda do material e que deve ser do interesse de todos saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido e não apenas responsabilidade da diretoria. Avisei que vi no mural da cooperativa o demonstrativo de vendas da cooperativa do último mês e que nele consta o valor e a quantidade de cada material que foi vendido e que essa informação está lá disponível para todos. Disse que às vezes reclamam do valor que estão recebendo, mas não sabem como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa aquele mês, e cabe a cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Outra questão abordada é o fato de apenas um ou dois saberem fazer o pagamento, se essas pessoas faltarem como eles fariam? Não dava para esperar eles voltarem para fazer o pagamento é importante que outros saibam fazer para cobrir alguém quando precisar. Lembrei que o pagamento depende da produção sendo assim, eles precisavam ter interesse no valor e quantidade de material que está sendo vendido afinal, o pagamento deles depende diretamente dessas duas coisas. Informei que iríamos realizar o exercício que simulava o rateio da cooperativa e que a primeira coisa que precisavam saber era o que sobrou das vendas após pagar as despesas. No nosso exemplo, este valor estava no Livro-caixa que foi preenchido anteriormente, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual material está mais contribuindo para a receita da cooperativa. Então, começaram a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, total vendido e o que foi recebido. Depois conversei sobre critério de rateio utilizado pela cooperativa e fui informada que era baseado no período trabalhado por cada cooperado e que tinha bônus e esse era dividido entre os cooperados que não faltavam. Informei que a Folha de Ponto é fundamental para saber os períodos que foram trabalhados por cada cooperado e por isso precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que as diárias das pessoas que faltaram,

então para calcular o valor da diária considera que todos tivessem trabalhado todos os dias e divide pela sobra que foi calculada anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária e depois basta multiplicar pelas diárias de cada um para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos estivessem trabalhados, porém, alguns faltaram essas diárias das faltas são consideradas bônus, que é dividido entre os que não faltaram. Fizeram o exemplo do pagamento, eles contaram através das Folhas de Ponto exemplo no apêndice da apostila à quantidade de períodos que deveriam ter sido trabalhados e quantos períodos foram trabalhados e, posteriormente, fizeram o rateio e encontraram o valor que caberia a cada cooperado. Em seguida, lançaram o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados e avisei que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo.

30/10/2015: Iniciei o curso retomando os assuntos ministrados no curso como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado e a folha de pagamento, lembrei que três informações são necessárias para fazer o rateio total das vendas do material, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Informei que a partir dessa informação acha o valor da diária e depois basta multiplicar pelos dias trabalhados para encontrar o valor que cada um irá receber, no caso deles como ele usam o mecanismo do bônus considera para achar o valor da diária o total de dias que deveriam ter sido trabalhados. Com relação ao valor que sobrou após o pagamento referente ao bônus, informei que ao invés de distribuímos para os cooperados que não faltaram iríamos considerar como Fundo. Questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Informaram que serve para pagar despesa da cooperativa, mas que atualmente como o valor do material estava baixo não estava retirando nada para fundo. Então, expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não poderia ser utilizado para pagar aluguel, pois, são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se eles sabiam quanto fica para consertar o motor de prensa e responderam que era mais de R\$2.000,00. Depois questionei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles e alguém falou que não iria receber quase nada. Falei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências como esta para quando houver, para que

eles já tenham o dinheiro ou parte dele para cobrir. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e que para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. Consideramos que no Fundo da Cooperativa entrou R\$200,00 e fizeram esse primeiro lançamento e utilizaram como exemplo a troca do óleo do motor da prensa que ficaria em torno de R\$130,00 sobrando um saldo na cooperativa no valor de R\$70,00 e esse saldo é o que chamamos de sobra ou lucro do mês. Registraram esse evento no caixa também e fomos fazer a prestação de contas. Solicitei que duas cooperadas fizessem a prestação de contas e elas concordaram informando as transações lançadas no Livro-caixa, o pagamento realizado e o que restou no Fundo considerado como sobra da cooperativa.

Experimento realizado da Coopernero:

15/10/2015: Houve uma apresentação para nos conhecermos e expliquei o que iria trabalhar com eles durante os três dias de curso. A cooperativa tem apenas sete cooperados e quando cheguei ao galpão dois estavam no caminhão ajudando na coleta e o presidente tinha ido num velório. Sendo assim, fiz o curso com quatro cooperados sendo que dois era diretoria e outros do Conselho Fiscal. Neste dia começamos a falar sobre as características específicas da cooperativa como autogestão e sobre o fato dessas características irem de encontro com os princípios da Economia Solidária. Falei sobre a tomada de decisão coletiva e citei o exemplo de admissão ou demissão de uma pessoa na cooperativa e nas demais empresas. Um cooperado falou que na cooperativa para entrar alguém para trabalhar é feita reunião e o grupo decide se a pessoa fica ou não para sair funciona do mesmo jeito. Depois falei sobre gestão caracterizando este processo na cooperativa que deve ser feito de forma participativa e democrática. Em seguida tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Questionei se eles sabiam de algum controle usado pela cooperativa que ajuda na gestão da cooperativa, um cooperado informou o controle de vendas do material. Citei o exemplo da Folha de Ponto como importante controle que comprovava o fato de eles estarem trabalhando hoje. Argumentei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que lembrar todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasadas. Depois perguntei se eles sabiam o que era o Livro-caixa e para que ele serve, nenhum dos cooperados se manifestaram sobre o que é e como funciona o Livro-caixa. Expliquei que ele era como se fosse uma

gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsáveis por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Citei o exemplo então da venda do material e questionei se esse dinheiro entra ou sai da cooperativa e depois o pagamento do telefone o dinheiro entra ou sai da cooperativa. Quando percebi que eles haviam entendido o mecanismo começamos a fazer o exercício do Livro-caixa. O primeiro comprovante não possui o valor do material apenas o peso, questionei se havia algo de errado com o comprovante e um cooperado informou que não tinha data no comprovante e nem para quem foi vendido, então informei que estava faltando o valor do material, sendo assim, não seria possível fazer o registro. Relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa, CNPJ, preenchido corretamente com o peso e o preço. Informei meu nome completo e que sabia que provavelmente existiam outras pessoas com o mesmo nome e para comprovar quem sou era necessário CPF. Com a Coopernero era da mesma forma existe um registro específico que comprova que ela é a cooperativa de Nerópolis e que funciona neste determinado endereço e, na hora o diretor financeiro falou que era o CNPJ. Informei que para comprovar que um recibo de venda de material é da Coopernero além do nome completo da cooperativa é necessário ter o CNPJ, assim como, em contas como de telefone, água e energia. Preencheram o Livro-caixa com todos os comprovantes e informei que isso deve ser feito diariamente e que o histórico é o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro soma se sai dinheiro diminui.

22/10/2015: Primeiramente retomei sobre o Livro-caixa que vimos no primeiro dia de curso informando que ele funciona como uma gaveta onde guarda o dinheiro da cooperativa e precisava que alguém ficasse responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Se a cooperativa vender sucata o dinheiro entra na gaveta, então, tem que anotar o dia, o histórico que é o motivo que entrou o dinheiro na gaveta, no caso venda de sucata e o valor. Caso haja pagamento de alguma conta será uma saída porque o dinheiro irá sair da gaveta e o saldo representa quanto de dinheiro que tem na gaveta. Depois questionei se eles sabiam quanto iriam receber no final do mês, alguém deles falou que não sabia, pois ainda não havia vendido todo material para fazer pagamento. Expliquei que para fazer o rateio para os cooperados é necessário verificar o que sobrou das vendas após pagar as despesas. Este valor estava no Livro-caixa

preenchido anteriormente, mas era importante detalhar as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual contribui mais para a receita da cooperativa. Perguntei se sabiam o quanto de sucata a cooperativa vendeu o mês passado e o seu valor unitário. Procurei despertar o interesse de todos em saber a quantidade e o valor do material vendido já que o pagamento provém justamente da venda do material, e que, isso não é apenas responsabilidade da diretoria. Às vezes reclamam do valor que estão recebendo, mas não sabem como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa aquele mês, e cabe a cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Posteriormente, começaram a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, total vendido e o que foi recebido. Depois conversamos sobre critério para rateio baseado no período trabalhado por cada cooperado. Acrescentei que essa informação estava na Folha de Ponto e por isso ela era tão importante e precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que as diárias das pessoas que faltaram. Então para calcular o valor da diária considera que todos tenham trabalhado todos os dias e divide pela sobra que foi calculada anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária, e depois basta multiplicar pelo tempo trabalhado de cada um para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos tenham trabalhado, no entanto, alguns faltaram essas diárias das faltas é considerada bônus e no caso da Coopernero é dividida entre os cooperados que não faltaram. E assim fizemos o exemplo do pagamento, eles contaram através da Folha de Ponto exemplos no apêndice da apostila a quantidade de períodos que deveriam ter sido trabalhado e quantos períodos foram trabalhados e, posteriormente, fizeram o rateio e encontraram o valor que caberia a cada cooperado. Em seguida, lançaram o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados e ficou decidido que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo.

29/10/2015: Retomei os assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa fazendo menção ao funcionamento de uma

gaveta onde o dinheiro é guardado e Folha de Pagamento lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio para os cooperados total das vendas dos materiais, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Neste dia falei sobre o Livro-fundo, comecei o curso questionando se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Ninguém se pronunciou, então expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não poderia ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se eles sabiam quanto fica para consertar o motor de uma prensa e alguém disse que era mais de R\$1.000,00. Informei que ficava em torno de R\$2.500,00 perguntei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles. Alguns responderam que não iriam receber nada. Expliquei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências como estas, para quando houver, já tenham o dinheiro ou parte dele para cobrir. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e que para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. Consideraram que no Fundo da Cooperativa havia R\$700,00 e fizeram esse primeiro lançamento utilizando como exemplo o pagamento do registro da Ata da cooperativa para renovação da diretoria que ficava por volta de R\$500,00. O saldo do Fundo de R\$200,00 é referente à sobra do mês da cooperativa o que normalmente chamamos de lucro. Em seguida, conversei sobre a prestação de contas e sobre sua importância para esclarecer a movimentação financeira da cooperativa e para estimular a participação na gestão, solicitei que um cooperado fizesse a prestação de contas para os demais e este prestou contas de todas as atividades realizadas e trabalhadas no curso ministrado na cooperativa.

Experimento realizado na Coopertrin:

19/11/2015: Foi feita apresentação para nos conhecermos e expliquei o que iria trabalhar com eles durante os três dias de curso. A cooperativa tem oito cooperados e todos participaram do curso, como havia quatro apostila os demais acompanharam com os colegas que tinham apostila. Perguntei se alguém saberia explicar como era feita a tomada de decisão na cooperativa, perguntando o que acontece caso alguém falte e tenha atestado. Alguém respondeu que eles decidiram que o atestado justifica a falta,

porém, não abona. Depois perguntei se caso eles fossem procurar trabalho numa empresa e não pudessem trabalhar no horário que foi informado o que iria acontecer. Alguém informou que não seriam contratados. Logo, disse que a tomada de decisão coletiva na cooperativa é uma característica específica dessa entidade e que essa característica vai de encontro ao princípio maior que é o da Economia Solidária. Perguntei se eles sabiam o que é gestão, um membro da diretoria informou que é organizar a cooperativa. Confirmei que era isso mesmo, administrar ou organizar uma empresa. Questionei se eles sabiam como funcionava a administração e organização da cooperativa, alguém informou que tinha os membros da diretoria, conselho fiscal e os demais cooperados. Em seguida, perguntei se eles sabiam o que era autogestão, como ninguém se prontificou expliquei que era uma forma de administrar em conjunto por meio da tomada de decisão coletiva e que autogestão também era uma característica específica da cooperativa. Perguntei se todos contribuem com a administração qual era então a necessidade de se ter membros da diretoria. Como ninguém respondeu, questionei se todos da cooperativa tivessem, por exemplo, que irem à reunião com a prefeitura para discutir a coleta seletiva duas vezes por semana o que aconteceria com a produção. Todos disseram que iria cair a produção, então, era necessário eleger representantes que fossem em nome do grupo participar das reuniões. Falei que esses representantes são eleitos pelo grupo e que caso esses representantes não atendessem aos interesses da maioria eles poderiam ser substituídos. Conversei então sobre as ferramentas contábeis que são usadas na gestão, caracterizando este processo na cooperativa feito de forma participativa e democrática. Tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Questionei se eles sabiam de algum controle usado pela cooperativa que ajuda na gestão, alguém disse a Folha de Ponto, confirmei e acrescentei que ela comprovava o fato de eles terem trabalhado ontem ou não. Conversei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que se lembrar de todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasada. Depois informei sobre outro controle importante que é o Livro-caixa e que nele deve ser anotada toda movimentação financeira da cooperativa. Expliquei que o livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Coloquei um cooperado como responsável pelo Livro-caixa. Depois, citei o exemplo então da venda

de garrafinha, questionando se esse dinheiro entra ou sai da gaveta, ou seja, ele será registrado na entrada ou na saída. Depois, perguntei quando eles pagam telefone se o dinheiro entra ou sai da gaveta. Com o exemplo do Livro-caixa da apostila expliquei que o histórico representa o motivo pelo qual saiu ou entrou dinheiro na gaveta e o saldo representa o valor em dinheiro que consta na gaveta. Dando o exemplo que quando é feito o pagamento da energia o motivo pelo qual saiu dinheiro da gaveta foi para pagar energia e que caso tivesse na gaveta R\$100,00 e o pagamento da energia tivesse custado R\$60,00 quanto sobraria na gaveta. Alguém respondeu R\$40,00, logo, este seria o novo saldo da gaveta. Iniciaram o exercício de preencher o Livro-caixa e o primeiro comprovante não possui o valor do material apenas o peso. Questionei se havia algo de errado com o comprovante, alguém disse que não tinha a data, confirmei a resposta e informei que além da data no comprovante não estava especificado o valor do material, então, não seria possível fazer registro. Relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa e CNPJ e preenchido corretamente com o peso e valor do material que foi vendido. Informei meu nome completo e questionei se eles sabiam que provavelmente havia outras pessoas com o mesmo nome e que para diferenciar dessas outras pessoas era necessário CPF. Na Coopertrin era da mesma forma existe um registro específico que comprova que ela é a cooperativa de Trindade e que funciona neste determinado endereço, alguém informou que era pelo CNPJ. Questionei como era possível comprovar que a conta de telefone paga o mês passado era da Coopertrin, alguém informou que era pelo endereço do talão, confirmei, e disse que além do endereço era necessário o nome completo e o CNPJ da cooperativa, assim como, os demais comprovantes como recibos de vendas, aluguel, telefone e energia. Preenchemos o Livro-caixa com todos os comprovantes informando que isso deve ser feito diariamente e que o histórico é o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro eu somo e se sai dinheiro eu diminuo.

26/11/2015: Retomei os assuntos tratados no primeiro dia do curso como autogestão, controle administrativo-financeiros citando o Livro-caixa e trabalhei a ideia de gaveta para preenchimento do mesmo. Questionei se eles sabiam informar quanto receberiam no próximo pagamento. Informei que não porque ainda não tinha feito todas as vendas. Em seguida, perguntei se sabiam o quanto de sucata a cooperativa vendeu o mês

passado e o valor unitário de venda deste material. Como ninguém sabia, perguntei como eles sabem que o pagamento deles depende da produção e ao mesmo tempo eles não sabem quanto à cooperativa está produzindo. Uma cooperada informou que a diretoria não fala para eles, logo, um membro da diretoria informou que estas informações estavam todas no mural e que todo mês é colocado. Informei que havia visto essas informações no mural e lembrei que o pagamento provém justamente da venda do material e que deve ser do interesse de todos saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido e não apenas responsabilidade da diretoria. Às vezes alguém pode não concordar com valor que está recebendo, mas talvez não saiba como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa aquele mês. Cabe cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Questionei se alguém saberia explicar como funciona para fazer o rateio, alguém da diretoria respondeu que pega o quanto vendeu, retira o dinheiro do fundo para pagar água e energia, soma os períodos trabalhados e divide entre os cooperados. Expliquei que todos devem buscar saber como é feito o pagamento para caso alguém falte outros saibam fazer, pois, é importante que outros saibam fazer para cobrir alguém quando precisar. Informei que iríamos realizar o exercício que simulava o rateio da cooperativa e que primeiro precisava saber era o que sobrou das vendas após pagar as despesas. Avisei que essa informação estava no caixa, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual contribui mais para a receita da cooperativa. Então, começaram a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, total vendido e o que foi recebido. Depois conversamos sobre critério de rateio utilizado pela cooperativa e foi informado que era baseado no dia trabalhado por cada cooperado. Informei que a Folha de Ponto é fundamental para saber os períodos que foram trabalhados por cada cooperado e por isso precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar. Os bônus nada mais são que as diárias das pessoas que faltaram. Então para calcular o valor da diária considera-se que todos tenham trabalhado todos os dias e divide pelo valor a ser dividido para encontrar o valor da diária e depois basta

multiplicar pelo tempo trabalhado por cada um para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos estivessem trabalhados, porém, alguns faltaram essas diárias das faltas é considerado bônus e, é dividido entre os que não faltaram. Fizeram o exemplo do pagamento, eles contaram através da Folha de Ponto exemplos no apêndice da apostila à quantidade de períodos que foram trabalhados já que a cooperativa não utiliza o mecanismo de bônus e, posteriormente, fizeram o rateio e encontramos o valor que caberia a cada cooperado. Em seguida, lançaram o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados. Em seguida, avisei que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo.

03/12/2015: Retomei os assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado e Folha de Pagamento lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio para os cooperados total das vendas do material, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Informei que a partir dessa informação acho o valor da diária e depois basta multiplicar pelos dias trabalhados para encontrar o valor que cada um irá receber. Questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Informaram que eles usam para pagar as despesas como água e energia. Então expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não deveria ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se eles sabiam quanto fica para consertar o motor de uma prensa como ninguém sabia, informei que ficava em torno de R\$2.800,00. Depois questionei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles, logo, concordaram que iria diminuir. Falei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências como esta para quando houver eles já tenham o dinheiro ou parte dele para cobrir. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e que para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado Livro-fundo. Consideramos que no Fundo da Cooperativa havia R\$200,00 e fizeram esse primeiro lançamento utilizando como exemplo a troca do óleo do motor da prensa que ficaria em torno de R\$140,00, sobrando um saldo na cooperativa no valor de R\$60,00 e esse saldo é o que chamamos de sobra ou lucro do mês. Expliquei que esse mês a cooperativa teve uma sobra de R\$60,00 e que este valor seria o saldo inicial do

Livro-fundo do mês seguinte. Retomei que no início falamos sobre autogestão e perguntei se alguém lembrava o que se trata. Como ninguém se prontificou, informei que era uma forma de gestão compartilhada e que uma das coisas que pode ser feita para compartilhar o que acontece na gestão da cooperativa é por meio da prestação de contas, por meio delas todos ficam sabendo das receitas e despesas da cooperativa. Perguntei se alguém poderia então nos explicar através do Livro-caixa, demonstrativo de pagamento e Livro-fundo a movimentação financeira realizada no curso. Como ninguém prontificou, perguntei se um determinado cooperado poderia começar e outra da sequência e assim foi feito, eles informaram as transações lançadas no Livro-caixa, o pagamento realizado e o que restou no Fundo é considerado como sobra da cooperativa e irá passar para o próximo mês.

Experimento realizado na Guarany:

18/10/2015: A cooperativa estava funcionando com sete cooperados sendo que cinco deles tinham algum grau de parentesco. Então, expliquei o que iria trabalhar com eles durante esses três dias e perguntei quem gostaria de participar. Cinco pessoas se prontificaram e começamos o curso. Fizemos apresentação para nos conhecermos e iniciei o curso questionando sobre como era a tomada de decisão na cooperativa, perguntando como foi decidido o horário de trabalho na cooperativa. Alguém respondeu que decidiam o horário que iriam trabalhar. Depois perguntei se caso fossem procurar trabalho numa empresa e não pudessem trabalhar no horário que foi informado o que iria acontecer. Logo, concluíram que não seriam contratados. Assim, informei que a tomada de decisão coletiva na cooperativa é uma característica específica dessa entidade e que essa característica vai ao encontro ao princípio maior que é o da Economia Solidária. Depois questionei se eles sabiam o que é gestão. Como ninguém se prontificou, informei que era a mesma coisa que administrar ou organizar uma empresa. Questionei se eles sabiam como funcionava a administração e organização da cooperativa, e alguém explicou que tinha pessoas que são da diretoria que faz essa parte na cooperativa. Respondi que realmente existem pessoas que ficam mais à frente da administração da cooperativa. Em seguida, questionei se sabiam o que era autogestão e, como ninguém se prontificou, expliquei que era uma forma de administrar em conjunto por meio da tomada de decisão coletiva e que autogestão também era uma característica específica da cooperativa. Perguntei se a administração era coletiva qual era então a

necessidade de se ter membros da diretoria. Alguém informou que era para irem às reuniões, venderem o material e fazerem o pagamento. Informei que era isso mesmo, indaguei se todos da cooperativa tivessem, por exemplo, que irem à reunião com a prefeitura para discutir a coleta seletiva duas vezes por semana o que aconteceria com a produção. Todos concluíram que iria cair a produção, informei que sendo assim, era importante eleger representantes que fossem em nome do grupo participar das reuniões e que caso esses representantes não atendessem aos interesses da maioria eles poderiam ser substituídos. Falamos então sobre as ferramentas contábeis usadas na gestão caracterizando este processo na cooperativa feito de forma participativa e democrática. Tratei dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Questionei se sabiam de algum controle usado pela cooperativa que ajuda na gestão da cooperativa e, como ninguém se pronunciou, citei o exemplo da Folha de Ponto como importante controle que comprovava o fato de eles estarem trabalhando naquele dia. Argumentei sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que lembrar todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasadas. Depois falei sobre outro controle importante que é o livro-caixa e que nele deve ser anotada toda movimentação financeira da cooperativa. Expliquei que o Livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Coloquei uma cooperada como responsável pelo Livro-caixa. Depois, citei o exemplo então da venda de pet questionando se esse dinheiro entra ou sai da gaveta, ou seja, ele será registrado na entrada ou na saída. Depois, perguntei quando eles pagam energia se o dinheiro entra ou sai da gaveta. Então com o exemplo do Livro-caixa da apostila expliquei que o histórico representa o motivo pelo qual saiu ou entrou dinheiro na gaveta e o saldo representa o valor em dinheiro que consta na gaveta. Dando o exemplo que quando é feito o pagamento da água o motivo pelo qual saiu dinheiro da gaveta foi para pagar água e que caso tivesse na gaveta R\$100,00 e o pagamento da água tivesse custado R\$80,00 quanto sobraria na gaveta. Informaram que era R\$20,00. Então, este seria o novo saldo da gaveta. Começaram a preencher o Livro-caixa e o primeiro comprovante não possui o valor do material apenas o peso, questionei a todos se havia algo de errado com o comprovante e um cooperado informou que estava faltando o valor do material, sendo assim, em seguida informei que então não seria possível fazer registro. Relatei que para utilizarmos os

comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa, CNPJ, preenchido corretamente com o peso e valor do material que foi vendido. Informe-me meu nome completo e questionei se eles sabiam que provavelmente haviam outras pessoas com este mesmo nome e que para diferenciar dessas outras pessoas era necessário CPF. E com a Guarany era da mesma forma existe um registro específico que comprova que ela é a cooperativa de Goiânia e que funciona neste determinado endereço. Então alguém informou que era pelo CNPJ. Questionei como era possível comprovar que a conta de água paga o mês passado era da Guarany. Como ninguém se prontificou, informei que além do nome completo e do endereço da cooperativa a conta de telefone precisava ter o CNPJ da cooperativa, assim como os demais comprovantes como recibos de vendas, aluguel, telefone e energia. Preencheram o Livro-caixa com todos os comprovantes informando que isso deve ser feito diariamente e que no histórico sempre coloca o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro soma e se sai dinheiro diminui.

25/10/2015: Retomei os assuntos tratados no primeiro dia do curso como autogestão, controles administrativo-financeiros como Livro-caixa e trabalhei a ideia de gaveta para preenchimento do Livro-caixa. Iniciei o curso questionando se eles sabiam informar o valor quanto receberiam no próximo pagamento. Alguém informou que não porque ainda não tinha feito todas as vendas. Depois, perguntei se sabiam o quanto de papelão que a cooperativa vendeu o mês anterior e o valor unitário que foi vendido este material. Como ninguém sabia, perguntei como eles sabem que o pagamento deles depende da produção e ao mesmo tempo eles não sabem quanto a cooperativa está produzindo. Lembrei que o pagamento provém justamente da venda do material e que deve ser do interesse de todos saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido e não apenas responsabilidade da diretoria. Às vezes reclamam do valor que estão recebendo, mas não sabem como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa naquele mês, e cabe a cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Questionei se alguém saberia me explicar como funciona para fazer o rateio, alguém da diretoria respondeu que pega o quanto vendeu e divide de acordo com as horas trabalhadas de cada um. Expliquei que todos devem buscar saber como é feito o pagamento para caso alguém falte outro saiba fazer, pois, não dava para esperar eles

voltarem para fazer o pagamento. É importante que outros saibam fazer para cobrir alguém quando precisar. Informei que iríamos realizar o exercício que simulava o rateio da cooperativa e que a primeira coisa que precisavam saber era o que sobrou das vendas após pagar as despesas. No nosso exemplo, este valor estava no Livro-caixa que foi preenchido anteriormente, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual contribui mais para a receita da cooperativa. Então, começamos a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, total vendido e o que foi recebido. Depois conversamos sobre critério de rateio utilizado pela cooperativa e foi informado que era baseado no dia trabalhado por cada cooperado. Informei que a Folha de Ponto é fundamental para saber os períodos que foram trabalhados por cada cooperado e por isso precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que as diárias das pessoas que faltaram, então para calcular o valor da diária considera que todos tenham trabalhado todos os dias e divide pelo valor a ser dividido que foi calculado anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária e depois, basta multiplicar pelo tempo trabalhado por cada cooperado para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos estivessem trabalhados, porém, alguns faltaram essas diárias das faltas é considerado bônus e, é dividido entre os que não faltaram. Fizeram o exemplo do pagamento, eles contaram através da Folha de Ponto exemplos no apêndice da apostila a quantidade de dias que foram trabalhados já que a cooperativa não utiliza o mecanismo de bônus e, posteriormente, fizeram o rateio e encontraram o valor que caberia a cada cooperado. Em seguida, lançaram o pagamento realizado no Livro-caixa, já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados e avisei que no próximo encontro falaríamos sobre o Fundo.

29/10/2015: Iniciei o curso falando dos assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros citando o caixa e, fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado e Folha de Pagamento lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio total das vendas do material, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas

trabalhadas pelos cooperados. Informei que a partir dessa informação acha o valor da diária e depois basta multiplicar pelos dias trabalhados para encontrar o valor que cada um irá receber. Questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Informaram que serve para pagar despesa. Então expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não poderia ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois, são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se eles sabiam quanto fica para consertar o motor de uma prensa e responderam que era mais de R\$500,00. Informei que ficava em torno de R\$2.800,00. Depois questionei se eles tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles e todos concordaram que o talvez nem desse para eles receberem. Falei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências para que, quando ocorressem, eles já tivessem o dinheiro ou parte dele, para cobri-la. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. Consideramos que no Fundo da Cooperativa havia R\$200,00 e depois fizeram esse primeiro lançamento utilizando como exemplo a troca do óleo do motor da prensa que ficaria em torno de R\$150,00 sobrando um saldo na cooperativa no valor de R\$50,00 e esse saldo é o que chamamos de sobra ou lucro do mês. Expliquei que esse mês a cooperativa teve uma sobra de R\$50,00 e que este valor seria o saldo inicial do Livro-fundo do mês seguinte. Retomei que, no início, falamos sobre autogestão e perguntei se alguém lembrava do que se trata. Como ninguém se prontificou, informei que era uma forma de gestão compartilhada e, que uma das coisas que pode ser feitas para compartilhar o que acontece na gestão da cooperativa é a prestação de contas, por meio delas todos ficam sabendo das receitas e despesas da cooperativa. Perguntei se uma cooperada poderia então nos explicar através do livro-caixa, demonstrativo de pagamento e Livro-fundo a movimentação da financeira realizada no curso. Sendo assim uma cooperada que participou do curso fez a prestação de contas para os demais cooperados. E assim, informou as transações lançadas no Livro-caixa, o pagamento realizado e o que restou no Fundo considerado como sobra da cooperativa.

Experimento realizado na Cooper rama:

18/11/2015: O curso foi realizado com quatro cooperados sendo que dois são membros da diretoria. Iniciei o curso fazendo apresentação, em seguida, pedi para os participantes se apresentarem. Perguntei se alguém saberia explicar como era a tomada de decisão na cooperativa, citei o exemplo do horário de trabalho caso algumas pessoas não estivessem de acordo com o horário de trabalho o que deveria ser feito. Alguém informou que é preciso fazer reunião e propor outro horário se a maioria concordar passamos a trabalhar no horário que a maioria concordou. Perguntei se fossem fazer entrevista em uma empresa e o horário proposto não era possível para você, por exemplo, teria que sair uma hora mais cedo para pegar seu filho na escola, você acha que seria contratado. Alguém respondeu que provavelmente não seriam admitidos. Disse que a tomada de decisão coletiva na cooperativa acontece em muitos aspectos, o grupo decide se atestado abona ou não a falta, o grupo decide quem entra e sai da cooperativa e essa característica específica de tomar decisão em conjunto vai de encontro ao princípio maior que está inserida a cooperativa que é o da Economia Solidária. Depois, questionei se sabiam o que é gestão, um membro da diretoria falou que era administrar a cooperativa, anotando as vendas, conferindo a Folha de Ponto e realizando o pagamento para os cooperados. Confirmei a resposta e informei que normalmente são eleitas pessoas específicas para tratar dessa parte da cooperativa, que são os membros da diretoria. Em seguida, perguntei se sabiam o que era autogestão, Como ninguém de se manifestou, expliquei que era uma forma de administrar em conjunto por meio da tomada de decisão coletiva e que ela também era uma característica específica da cooperativa. Perguntei se todos contribuem com a administração qual era então a necessidade de ter membros da diretoria. A mesma cooperada informou que era para cuidar da parte do escritório da cooperativa, então, questionei se todos da cooperativa tivessem, por exemplo, que ser responsável pela conta bancária da cooperativa, caso a cooperativa fosse emitir um cheque todos teriam que assinar, ou seja, o dia que faltasse alguém a cooperativa não conseguiria fazer nenhum serviço pelo banco nem mesmo emitir um cheque. Falei que era necessário eleger representantes que fossem em nome do grupo responsáveis pela conta no banco. Esses representantes são eleitos pelo grupo e que caso eles não atendam aos interesses da maioria eles podem ser substituídos. Conversamos então sobre as ferramentas contábeis que são usadas na gestão caracterizando este processo na cooperativa feito de

forma participativa e democrática. Tratamos dos controles administrativo-financeiros que são ferramentas contábeis que ajudam na gestão da cooperativa. Perguntei se eles sabiam de algum controle usado pela cooperativa que ajuda na gestão da cooperativa, como ninguém manifestou falei da Folha de Ponto onde é anotado o horário de trabalho de todos os cooperados. Conversamos sobre o transtorno que seria no dia do pagamento a pessoa que fosse fazê-lo ter que lembrar todas as pessoas que faltaram ou chegaram atrasada. Depois informei sobre outro controle importante que é o Livro-caixa e que nele deve ser anotada toda movimentação financeira da cooperativa. Expliquei que o Livro-caixa era como se fosse uma gaveta onde era guardado o dinheiro da cooperativa e ao menos duas pessoas precisavam ficar responsável por essa gaveta anotando tudo que acontece com ela. Coloquei como exemplo uma cooperada como responsável pelo Livro-caixa, e perguntei então da venda de balde e bacia questionando se esse dinheiro entra ou sai da gaveta, ou seja, ele será registrado na entrada ou na saída. Depois, perguntei quando pagam aluguel se o dinheiro entra ou sai da gaveta. Com o exemplo do Livro-caixa da apostila expliquei que o histórico representa o motivo pelo qual saiu ou entrou dinheiro na gaveta e o saldo representa o valor em dinheiro que consta na gaveta. Dando o exemplo que quando é feito o pagamento do aluguel o motivo pelo qual saiu dinheiro da gaveta foi para pagar aluguel e que caso tivesse na gaveta R\$1.000,00 e o pagamento da água tivesse custado R\$960,00 quanto sobraria na gaveta. Alguém respondeu R\$40,00, logo, este seria o novo saldo da gaveta. Iniciamos o exercício de preencher o Livro-caixa. O primeiro comprovante não possui o valor do material, apenas o peso. Questionei a todos sobre se havia algo de errado com o comprovante, alguém disse que não tinha a data, confirmei a resposta e, informei que além da data não estava especificado o valor do material, então, não seria possível fazer registro. relatei que para utilizarmos os comprovantes no preenchimento do caixa eles devem ter valor contábil, ou seja, precisam estar com nome da cooperativa, CNPJ, preenchido corretamente com o peso e valor do material que foi vendido. Informei meu nome completo e questionei se eles sabiam que provavelmente haviam outras pessoas com este mesmo nome e que para diferenciar dessas outras pessoas era necessário CPF. Na Cooper Rama era da mesma forma existe um registro específico que comprova que ela é a cooperativa de Goiânia e que funciona neste determinado endereço, alguém informou que era pelo CNPJ. Questionei como era possível comprovar que a conta de telefone paga o mês passado era da Cooper Rama, alguém informou que era pelo

endereço do talão, confirmei e disse que além do endereço eram necessários o nome completo e o CNPJ da cooperativa, assim como, os demais comprovantes como recibos de vendas, água, telefone e energia. Preencheram o Livro-caixa com todos os comprovantes informando que isso deve ser feito diariamente e que no histórico sempre coloca o motivo que entrou ou saiu dinheiro da gaveta e o saldo sempre representa a quantidade de dinheiro que tem na gaveta. Ou seja, se entra dinheiro soma e se sai dinheiro diminui.

25/11/2015: Nesse dia uma cooperada e um membro da diretoria não estavam na cooperativa e então a presidente chamou mais dois cooperados para participarem do curso. Retomei os assuntos tratados com mais detalhes para que os novos participantes compreendessem melhor o funcionamento do Livro-caixa. Expliquei que no primeiro dia do curso falamos sobre autogestão, controle administrativo-financeiros como o Livro-caixa e trabalhei a ideia de gaveta para seu preenchimento. Questionei se sabiam informar quanto receberiam no próximo pagamento. Alguém disse que precisava terminar de vender o material e pagar as despesas do mês da cooperativa. Depois, perguntei se sabiam o quanto de pet a cooperativa vendeu o mês anterior e o valor unitário pelo qual foi vendido este material. Como ninguém sabia, perguntei como eles sabem que o pagamento deles depende da produção e ao mesmo tempo eles não sabem quanto à cooperativa está produzindo. Informei sobre a importância de todos saberem do preço do material, talvez alguém até poderia colaborar com alguma função feita pela diretoria como vender o material com um preço melhor. É obrigação da diretoria fornecer essa informação, mas os demais cooperados precisam se interessar por ela também. Lembrei que o pagamento provém justamente da venda do material e que deve ser do interesse de todos saber a quantidade e o valor do material que está sendo vendido e não apenas responsabilidade da diretoria. Às vezes alguém pode não concordar com valor que está recebendo, mas talvez não saiba como o pagamento é feito e nem mesmo o que teve de receita e despesa da cooperativa naquele mês. Cabe a cada um procurar entender para poder questionar alguma coisa, não se pode dizer que algo está errado sem saber qual é o certo. Perguntei se alguém saberia explicar como funciona para fazer o rateio, alguém da diretoria respondeu que pega o quanto vendeu, retira o dinheiro do fundo para pagar água e energia, soma as horas trabalhadas e divide entre os cooperados. Expliquei que todos devem saber como é feito o pagamento para caso alguém falte outro saiba fazer, é importante que outros saibam fazer para cobrir

alguém quando precisar. Informei que iríamos realizar o exercício que simulava o rateio da cooperativa e a primeira coisa que precisavam saber era o que sobrou das vendas após pagar as despesas. Disse que essa informação nós já tínhamos. Como ninguém se lembrou de onde, informei que estava no caixa, mas era importante detalharmos as vendas por material para termos ideia do valor de cada material e saber qual contribuiu mais para a receita da cooperativa. Questionei se sabiam qual material atualmente estava colaborando mais com a renda da cooperativa. Como ninguém se manifestou, informei que quando detalhamos os produtos para fazer o rateio é possível perceber. Então, começamos a preencher a primeira planilha detalhando cada material com peso, valor unitário, total vendido e o que foi recebido. Depois conversei sobre critério de rateio utilizado pela cooperativa e informaram que era baseado no dia trabalhado por cada cooperado. Informei que a Folha de Ponto é fundamental para saber os períodos que foram trabalhados de cada cooperado e por isso precisa ser preenchida corretamente e não pode conter rasuras. Procurei adaptar a Folha de Pagamento do exercício considerando as características e critérios adotados em cada cooperativa como o fato de algumas contarem período (manhã e tarde) ou dias e de realizarem o mecanismo de bônus ou não. Esse mecanismo foi criado por uma cooperativa e algumas resolveram adotar, o bônus nada mais é do que as diárias das pessoas que faltaram, então para calcular o valor da diária considera que todos tenham trabalhado todos os dias e divide pela sobra que foi calculada anteriormente no Livro-caixa para encontrar o valor da diária e depois basta multiplicar pelas diárias de cada um para saber quanto cada um irá receber. Como a divisão é feita considerando que todos tenham trabalhado, porém, alguns faltaram e, essas diárias das faltas são consideradas bônus que é dividido entre os que não faltaram. Fizeram o exemplo do pagamento, eles contaram através da Folha de Ponto exemplos no apêndice da apostila à quantidade de períodos que deveriam ter sido trabalhados já que a cooperativa utiliza o mecanismo de bônus e, posteriormente, encontramos o valor da diária e fizeram o rateio do valor que caberia a cada cooperado conforme os períodos trabalhados. Com o valor que sobrou do bônus ao invés de distribuímos para os cooperados que não faltaram propus a eles que colocássemos no fundo da cooperativa que no próximo encontro falaríamos qual era a importância do fundo da cooperativa e como ele deve ser registrado. Em seguida, lançamos o pagamento realizado no Livro-caixa já que esse dinheiro saiu para pagamento dos cooperados.

02/12/2015: Retomei os assuntos tratados anteriormente como autogestão, controles administrativo-financeiros, citando o caixa, fazendo menção ao funcionamento de uma gaveta onde o dinheiro é guardado e Folha de Pagamento, lembrando que três informações são necessárias para fazer o rateio para os cooperados: total das vendas do material, valor da despesa ou retirada do fundo e total de dias, períodos ou horas trabalhadas pelos cooperados. Informei que a partir dessa informação acha-se o valor da diária e depois basta multiplicar pelos dias trabalhados para encontrar o valor que cada um irá receber. Questionei se eles sabiam o que era e para que serve o Fundo da cooperativa. Ninguém se manifestou, então expliquei que ele pode ser utilizado para pagar despesas da cooperativa, mas despesas que não são recorrentes, por exemplo, não deveria ser utilizado para pagar água, luz e telefone, pois são despesas que acontecem todo mês. Perguntei se sabiam quanto fica para consertar o motor de uma prensa, como ninguém sabia, informei que ficava em torno de R\$2.000,00. Depois questionei se tivessem que desembolsar todo esse dinheiro em um único mês o que aconteceria com o pagamento deles, todos concordaram que iria diminuir. Falei que o Fundo serve para cobrir determinadas emergências para que, quando ocorressem, eles já tivessem o dinheiro ou parte dele para cobri-las. Expliquei que ele funciona como uma gaveta e que também precisa ser anotado tudo que sai e entra, e que para isso ele tem um livro específico para seu controle, chamado: Livro-fundo. Registramos o valor do bônus como entrada para Fundo, que foi o total de R\$ 130,00, e utilizamos como exemplo a troca do óleo do motor da prensa, que ficaria em torno de R\$100,00 sobrando saldo na cooperativa no valor de R\$30,00. Esse saldo é o que chamamos de sobra ou lucro do mês. Expliquei que esse mês a cooperativa teve uma sobra de R\$30,00 e que este valor seria o saldo inicial do Livro-fundo do mês seguinte. Retomei que no início falamos sobre autogestão e perguntei se alguém lembrava o que se trata. Como ninguém se manifestou informei que era uma forma de gestão compartilhada e que uma das coisas que pode ser feitas para compartilhar o que acontece na gestão da cooperativa é a prestação de contas. Por meio delas todos ficam sabendo das receitas e despesas da cooperativa. Perguntei se alguém poderia então explicar através do livro-caixa, demonstrativo de pagamento e Livro-fundo a movimentação da financeira vista no curso. Uma das participantes se negou a fazer e a outra se prontificou. Assim, informou as transações lançadas no Livro-caixa, o pagamento realizado e o que restou no Fundo era considerado como sobra da cooperativa e irá passar para o próximo mês.

ANEXO - Tabela dos Postos Sinalizados de Wilcoxon

Apêndice A 479

TABELA A.6

Função de distribuição de T , o teste classificação de sinais de Wilcoxon

[illegible]